



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS

Evolução do Estado Islâmico:

Que opções estratégicas futuras se anteveem à luz do seu ideário público?

Sara Sousa

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e
Relações Internacionais

Orientador: Tenente-General António Fontes Ramos

Abril, 2019

Agradecimentos

Durante a realização desta tese de mestrado, tive ocasião de verificar que uma dissertação, apesar do processo solitário a que qualquer investigador está destinado, reúne contributos indispensáveis de várias entidades e pessoas. Não podendo referir todos eles, gostaria de salientar pela sua relevância a confiança e o apoio da instituição que é a Universidade Católica Portuguesa. Dos seus seminários e também das aulas curriculares pude retirar o conhecimento e a inspiração para esta dissertação que agora apresento. Agradeço também o apoio inestimável do Professor Tenente General António Fontes Ramos, orientador da dissertação, pela sua paciência, companheirismo e colaboração, pelo rumo que deu às minhas ideias, logo desde o início deste processo. Agradeço também o apoio, a partilha do saber e as valiosas contribuições para o trabalho. Acima de tudo, obrigada por me continuar a acompanhar nesta jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida académica.

Aos meus pais, Hortênsio e Elsa, obrigada pelo amor, alegria e atenção sem reservas... O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Resumo

O terrorismo é um fenómeno que está na ordem do dia. Os ataques terroristas repetem-se em todos os continentes e, na Europa, atingem as nossas cidades mais paradigmáticas, em momentos carregados de significado político, social ou religioso que vão desde os atropelamentos coletivos em Cannes, no Dia da França, ou em Berlim, na época do Natal, até aos ataques em locais públicos e muito frequentados como no aeroporto e metro de Bruxelas, ou em concertos públicos onde se celebra simplesmente a liberdade de viver, como em Manchester. De fato, o terrorismo tem marcado de forma dramática o nosso quotidiano e atacado os símbolos da nossa vivência coletiva. Não é um exagero por isso, assumir que ele constitui uma das vias mais pervertidas da maquinação da política internacional contemporânea, e obviamente dos assuntos relacionados com a guerra e a paz.

Por outro lado, todos os ataques terroristas que referi têm em comum o fato de terem sido conduzidos ou incentivados por uma mesma organização, pelo autoproclamado Estado Islâmico (uma vez que ele não é na realidade um estado, nem é reconhecido pela comunidade internacional como tal), que é por estes dias uma das estruturas que mais tem dado aplicação a este conceito perverso.

Palavras-chave: Terrorismo, Extremismo Violento, Estado Islâmico, Religião, Islão, Jihadismo;

Abstract

Terrorism is a phenomenon that is the order of the day. The terrorist attacks are repeated on all continents and in Europe they reach our most paradigmatic cities, in moments full of political, social or religious significance ranging from the collective trampling in Cannes, on the Day of France, or in Berlin, at Christmas time, to attacks in public and busy places such as the Brussels airport and metro, or in public concerts where people simply enjoy freedom of life, as in Manchester. In fact, terrorism has dramatically marked our daily lives and attacked the symbols of our collective experience. It is no exaggeration, therefore, to assume that it is one of the most perverted avenues of the machinacy of contemporary international politics, and of course matters of war and peace.

On the other hand, all the terrorist attacks I have mentioned have in common the fact that they have been led or encouraged by the same organization, by the self-proclaimed Islamic State (since it is not really a state, nor is it recognized by the international community as such), which is one of the structures that has most applied the concept.

Keywords: Terrorism, Violent Extremism, Islamic State, Religion, Islam, Jihadism.

Índice

Agradecimentos	2
Resumo.....	3
Abstract	4
Glossário de Termos Islamo-Jihadistas	7
Introdução.....	8
Capítulo 1. Introdução ao Estudo do Islão	12
1.1 Uma visão Histórica do Islão	13
1.1.1 O Islão é uma religião violenta?.....	20
1.2 Conclusões	25
1.3 A interpretação Salafista Radical	26
Capítulo 2. A Al-Qaeda e o Estado Islâmico	34
2.1 O Contexto Histórico da Al-Qaeda	34
2.2 Ideologia da Al-Qaeda	42
2.3 A ideologia do Estado Islâmico.....	46
2.4 O papel da escatologia no modelo do Estado Islâmico.....	49
2.5 Conclusões.....	54
3. A Estratégia e a Postura Ideológica do Estado Islâmico.....	56
3.1 A postura estratégica do Estado Islâmico: a estratégia militar.....	56
3.1.1 O Relacionamento pragmático entre o Estado Islâmico e o Regime Sírio	59
3.1.2 A Propaganda utilizada como uma Tática Militar	64
3.1.3 Vencedores: A Mensagem do Estado Islâmico.....	67
3.1.4 A ilegitimidade dos islamitas políticos	69
3.1.5 A Aventura Jihadista e a Camaradagem.....	70
3.1.6 Estabelecendo uma fissura entre os Muçulmanos e o Ocidente.....	71
3.1.7 Recrutamento de combatentes estrangeiros	73
3.1.8 Conclusões.....	75
4. A Evolução futura do Estado Islâmico	76
4.1 Uma análise do conteúdo escrito no passado: de Dabiq a Roma	76
4.2 A análise do comportamento atual do Estado Islâmico.....	93
4.3 Conclusões.....	96

5. Considerações Finais	97
Referências Bibliográficas	101

Glossário de Termos Islamo-Jihadistas

Alcorão - Livro sagrado do Islão. Celebra a submissão à vontade de Deus (*islam*), a sua unicidade (*tawhid*), bem como a submissão profética de Maomé. É um texto revelado e a fonte primordial da lei religiosa. Foi ditado pelo profeta Maomé à medida que ia sendo recebido. O Alcorão está organizado segundo uma ordem cronológica decrescente, mas arbitrária. É composto por 114 capítulos (*surah*), conjugando 6219 versículos de tamanho irregular.

Califado - Estado político-religioso liderado por um Califa, é uma forma de governo islâmico que representa a unidade e liderança política no Mundo Islâmico.

EI - Estado Islâmico

Hadith - Conjunto das tradições relativas aos atos ou palavras de Maomé. (Para os islamitas, os *hadiths* constituem a maior autoridade após o Corão.)

Islão Sunita - O maior ramo do Islão. Frequentemente referido como Islão “convencional” ou “ortodoxo”. Ver significado de Sunismo.

Islão Xiita - (*shi'a Ali*, ou «partido de Ali») ramo do Islão que reconhece Ali, o genro de Maomé, e os seus descendentes, como os únicos líderes legítimos da comunidade muçulmana.

Salafismo - (do árabe سلفي, *salafī*, "predecessores" ou "primeiras gerações") É um movimento ortodoxo ultraconservador dentro do islamismo sunita. A doutrina pode ser resumida por ter uma abordagem fundamentalista do Islão, emulando o profeta Maomé e os seus primeiros seguidores. Eles apoiam a aplicação da sharia (lei islâmica). O movimento é frequentemente dividido em três categorias: o maior grupo são os puristas, que evitam a política; o segundo maior grupo são os ativistas, que se envolvem na política; o menor grupo é o dos jihadistas.

Sunismo- Doutrina professada pela maioria dos muçulmanos, cerca de 80% a 90%. Crêem representar a autoridade da *sunnah*, seguem o exemplo do Profeta e da primeira comunidade muçulmana.

Sunnah - Costume ou tradição do Profeta que surge como prática normativa; do nome deriva o vocábulo «sunita» (*ahle-sunnah*), aquele que segue a *sunnah*.

Jihad - Esforço, ou luta, pelo Islão. Tem como étimo o verbo *jahada*, que significa lutar, esforçar ou empenhar.

A política de identidade comunalista, a auto segregação e o pensamento de grupo são muito mais prejudiciais a longo prazo para as sociedades do que uma bomba que explode aqui ou ali, porque é esse meio que continua a gerar as pessoas que fabricam bombas.

Maajid Nawz, Radical (2012)

Introdução

A escolha deste tema referente ao Estado Islâmico recai precisamente na intemporalidade do mesmo, no desconhecimento da forma como as atitudes e operações que o combatem irão afetar as suas capacidades, bem como na sua especial relevância para a comunidade internacional, dado que nos últimos anos o terrorismo perpetuado pelo EI tem afetado profundamente o sentimento de segurança por todo o mundo, importando, pois a meu ver, explorar melhor este tema (durante a dissertação será usado o termo Estado Islâmico – EI por ser de uso corrente, sem que isso reflita o entendimento de que estabeleceu um estado real).

A pesquisa teórica vai incluir como fontes primárias, as Revistas *Dabiq* e *Rumiyah*, editadas em Inglês, com o que se pretende ir ao encontro próximo do seu pensamento expresso. Perante a situação atual do Estado Islâmico, que está em refluxo devido aos ataques que tem sofrido, podendo mesmo vir a perder o controlo total do vasto espaço territorial e das fontes locais de financiamento que controlava. Todavia tendo em atenção a periculosidade que demonstrou ao longo do tempo e o seu possível impacto na nossa vivência coletiva, a questão que se me coloca é, qual a evolução futura do Estado Islâmico, face aos condicionamentos externos e à sua base doutrinária. Que impacto futuro poderá ter?

Dada a dificuldade em responder antecipadamente a essa evolução que será naturalmente ditada por fatores ponderáveis e imponderáveis, julgo necessário partir do seu ideário político, religioso e estratégico conhecido, que parece constituir a referência mais objetiva e eventualmente mais indicativa do seu possível devir. E não existindo ainda um estudo académico sistemático dos conteúdos das revistas *Dabiq* e *Rumiyah* que constituem o repositório público das suas ideias, julgamos essencial dedicar um cuidadoso estudo dos seus conteúdos fundamentais.

Assim, no primeiro capítulo procurarei fazer um estudo ao Islão e da sua interpretação salafista radical pois é por esta interpretação extremista que o Estado Islâmico praticamente se fundamenta. O problema numa primeira instância é o profundo desacordo entre muçulmanos sobre, até que ponto o Islão deve influenciar as leis e as instituições da sociedade. Procurarei também neste capítulo fazer uma curta referência às guerras religiosas europeias dado que estas podem vir a ajudar-nos a perceber o Médio Oriente moderno, pois como nos esclarece John M. Owen IV¹, “*partes do mundo islâmico dos nossos dias são estranhamente semelhantes ao Noroeste da Europa de há 450 anos durante as chamadas Guerras Religiosas*”².

No segundo capítulo procuraremos destacar e analisar o aparecimento da Al-Qaeda e posteriormente do Estado Islâmico. Veremos que são dois grupos terroristas distintos em que um advém do outro, mas que são estrategicamente muito diferentes. Ao contrário da violência terrorista mais clássica da Al-Qaeda, que ataca tendo em vista atingir objetivos civis e militares longe do seu solo, porque acredita que a situação do mundo muçulmano, em particular no Médio Oriente, resulta da presença e ação das

¹ John M. Owen é professor de Política na Ambassador Henry J. e Mrs. Marion R. Taylor da Universidade da Virgínia

² BIRKE, Sarah, John M. Owen IV, Robert A. Pape, Oliver Roy, Peter Welby (2015) “*Islão- Guerras Sem Fim*”, Cadernos D.Quixote, pp. 9

potências externas (pelo que o seu ataque visa expulsá-los da região, ou ao menos condicionar a sua ação), o EI luta para manter o controlo sobre um pedaço significativo de espaço geográfico e das almas aí residentes. Para atingir esse desiderato, o EI pretende partir e separar os diferentes constituintes da região, atacando todos eles e em particular os Xiitas, para que se torne o símbolo do poder Sunita radical, unindo à sua volta esta componente demográfica maioritária.

Devido às táticas violentas do EI e do seu controlo sobre os seus territórios, há muito pouca cobertura informativa ocidental dentro das fronteiras de EI. O Estado Islâmico não tem medo de matar estrangeiros de forma pública e dramática, levando muitos jornalistas a ficarem fora da sua área. Como foi dito por Daveed Ross juntamente com Jason Fritz, Bridget Moreng e Nathaniel Barr, na obra *Islamic State Vs. Al-Qaeda -Strategic dimensions of a Patricidal Conflict*, estes dois grupos terroristas são diferentes um do outro pois:

“ (...) As vantagens significativas do EI na esfera dos media jihadistas ajudaram o grupo a dominar os meios de comunicação, que muitas vezes olham para estes de forma a obterem pistas sobre os últimos acontecimentos jihadistas. Atualmente, dois dos principais objectivos estratégicos do EI no seu conflito com a Al-Qaeda é a expansão e consolidação do califado e a conquista de novas filiais no exterior através da proliferação de "províncias" (wilayats).”³

Logo no terceiro capítulo e muito relacionado com o anterior abordarei a postura ideológica e também estratégica do EI. O que o caracteriza como sendo provavelmente um dos mais temidos grupos terroristas dos últimos anos, pois parecendo que não, todos os ataques protagonizados pelo EI no mundo e que vitimizaram milhares de indivíduos, fazem parte da sua estratégia, uma estratégia do terror perpetuado pelo Estado do Terror.

³ ROSS- Daveed Gartenstein, Jason Fritz, Bridget Moreng and Nathaniel Barr (2015) “ *Islamic State Vs. Al-Qaeda -Strategic dimensions of a Patricidal Conflict* ” New America, pp. 13

Abordarei também neste capítulo e no último o fenómeno dos “lobos solitários” e dos mártires.

No quarto capítulo será analisado o tipo de linguagem sedutora, bem como as imagens utilizadas pelo grupo nas suas duas revistas online, *Dabiq* e a *Rumiyah*. Este será um capítulo importante para se descrever o que os especialistas em terrorismo e extremismo violento apelidam de “*jihad chique*” bem como a assustadora eficácia dos *media*. É a partir da propaganda macabra e dos seus vídeos horrendos que o EI aterroriza os cidadãos comuns, mas que paradoxalmente atrai novos combatentes.

Finalmente no quinto capítulo tentarei tratar o EI numa abordagem futurística, enfatizando a necessidade de dar a devida atenção a determinadas áreas geográficas pela sua fragilidade, resultante das consecutivas guerras, fomes e doenças bem como pela desorganização social, económica e política, que poderão de futuro servir de apoio ao EI (uma vez que este grupo terrorista já vem apresentando fatores de desgaste na sua busca pelo sonho do Califado). Que futuro aguardará o EI nos próximos anos, tanto a nível estratégico como a nível territorial? E que tipo de relação terá o EI e a Al-Qaeda? São tudo questões que também abordarei no último capítulo.

Capítulo 1. Introdução ao Estudo do Islão

Este capítulo destina-se a efetuar um estudo introdutório à religião do Islão, analisando aquilo que o caracteriza e ter em conta as suas várias ramificações. Daremos posteriormente especial atenção à interpretação Salafista Radical, pois é por esta interpretação extremista que o Estado Islâmico praticamente se fundamenta.

Tanto o Estado Islâmico como a Al-Qaeda, identificam-se ambos com um movimento no pensamento político islâmico conhecido como jihadi-salafismo, ou jihadismo (de forma a simplificar). Os líderes de ambos os grupos aderiram na altura, explicitamente a esse movimento. Veja-se por exemplo, que num registo áudio de 2007, o então líder do EI, Abu 'Umar al-Baghdadi apelou "*a todos Sunitas e aos jovens do jihad-salafismo (Al-Salafiyya al-Jihadiyya), em particular, do mundo inteiro.*" Estas não eram palavras ociosas. O jihadi-salafismo é um movimento ideológico significativo no islamismo sunita. É uma espécie de ideia-chave para uma rede global de estudiosos muçulmanos, *sites*, meios de comunicação e, mais recentemente, inúmeros portais nos *medias* sociais. O movimento é baseado numa leitura radical do passado e dos registos escritos sendo textualmente rigorosa, profundamente enraizada numa tradição teológica pré-moderna e extensivamente elaborada por um reconhecido grupo de autoridades religiosas.⁴

⁴ Veja-se por exemplo, LAV, Daniel (2012) "*Radical Islam and the Revival of Medieval Theology*" (Cambridge: Cambridge University Press), e WAGEMAKERS Joa (2012) "*A Quietist Jihadi: The Ideology and Influence of Abu Muhammad al-Maqdisi*" Cambridge: Cambridge University Press.

Veremos com este estudo que o Islão é de facto peculiar, pelo menos para nós Ocidentais, uma vez que o traço distintivo do Islão é precisamente a ausência de uma separação entre a esfera da religião e a esfera da política, que prejudica a autonomia do estado e dificulta a integração das comunidades islâmicas. A combinação entre a religião e a política pode ser perigosa, nomeadamente quando os movimentos extremistas transformam a religião islâmica numa ideologia radical para legitimar as suas estratégias de violência e de terror.

5

Assim parece-nos conveniente traçar em linhas gerais a história do mundo árabe e islâmico e dizer o que ela representou para a civilização dos outros povos.

1.1 Uma visão Histórica do Islão

Não se pode compreender a situação do islamismo na atualidade sem se ter presente como nasceu e como se desenvolveu ao longo dos séculos. Este ponto é vincado por todos os especialistas da matéria como um dado fundamental para entender o que se passa hoje no mundo árabe e nos países onde a religião de Maomé conseguiu penetrar.

O islamismo (termo que na etimologia significa submissão a Deus) surgiu nos desertos da Arábia entre os anos 610 e 632 da nossa era. O seu berço foi Meca, cidade importante pelo comércio das caravanas e grande centro de peregrinações. Tratava-se de uma localidade não longe do Mar Vermelho, a meio caminho entre o Oceano Índico (Aden) e o Mediterrâneo (Gaza). Nessa altura a população de Meca era predominantemente

⁵ KNUDSEN, Are (2003) *“Political Islam in the Middle East”* Chr. Michelsen Institute, Bergen, Janeiro pp.15.

politeísta e incluía muitos negociantes ricos, pouco depois Meca começou a manifestar sinais de pretender sair do seu isolamento religioso.⁶

O Islamismo nunca se apresentou como uma religião nova. Os textos mais antigos do Alcorão fazem referência ao monoteísmo universal do qual o Judaísmo e o Cristianismo eram expressões particulares. Maomé era o enviado (*rasûl*, «apóstolo», «mensageiro») de Deus para pregar em Meca e também nas cidades à volta falando-lhes do juízo eminente que se aproximava. Mas Maomé era também nabi, «*homem de Deus*» (convém, todavia, dizer que o termo *rasûl* é mais significativo pelas suas implicações políticas e legislativas). Inicialmente, Maomé era apenas o enviado de Deus aos árabes, que ainda não tinham recebido enviados.⁷

O Islão, na sua palavra, significa precisamente libertação de toda a espécie de escravidão, tirania ou opressão, ainda mais quando se retira a máxima “ *Não há divindade, além de Deus*” significando que toda a autoridade permanece em Deus, sendo Ele o Soberano e o Legislador, enquanto todos os seres humanos são os Seus servos, libertando assim o homem de qualquer submissão a quem quer que seja dos seus semelhantes, convertendo-se em submissão total a Deus, o seu Criador. O Islão parece ter vindo assim livrar o homem da idolatria e de outras superstições, dando possibilidade ao homem de usar o seu raciocínio lógico e assim usar as suas faculdades para adquirir uma compreensão mais abrangente da vida. Não se cria de forma alguma antagonismos entre a ciência, razão e religião, uma vez que todas se complementam.⁸

A mensagem do Islão veio colocar a Justiça como um propósito singular na sua legislação, reconhecendo a todos os seres os seus direitos, e orientando o ser humano para os seus

⁶ RODRIGUES, Manuel (1980) “ *O Mundo Árabe e Islâmico*”, Instituto da Defesa Nacional, pp. 25

⁷ Idem, Ibidem

⁸ Trabalho Académico de EL HANINI, ZUHRA MOHD (2007) “*Noções de Direito Islâmico (Sharia)*” Universidade da Região da Campanha, Campus Universitário do Curso de Direito, Brasil, pp.17

direitos e deveres dentro do Universo, para além disso, reavivou os princípios morais e éticos, há muito tempo descurados, princípios como a honestidade, liberdade, igualdade e fraternidade, colocando-os como base fundamental de Fé, fazendo outrora ruir as barreiras de sangue, cor e geografia entre um homem e seus semelhantes. Princípios esses que parecem estar a sofrer um retrocesso nos nossos dias, não por parte dos autênticos muçulmanos, mas pelos terroristas, que os pervertem em nome do Islão.

Quando falamos do fundador do Islão, deve dizer-se que ele não tem para os muçulmanos a mesma importância que tem Cristo para o Cristianismo.⁹

Foi só mais tarde que os sinais de universalismo contidos nas suras mais antigas se desenvolveram, e foi então que se começou a insistir na mensagem contida no Alcorão. Surgiu assim a ideia de que o Islão viera restaurar o Judaísmo e o Cristianismo deturpando-os do que continham de falso e apresentando a verdade autêntica onde havia hesitações e contradições. O universalismo foi desta feita ganhando terreno e impôs-se como ideia incontestada.

Maomé¹⁰ nasceu por volta do ano 570 a.C e por volta do ano 610 a.C, terá sido escolhido por Deus para receber as suas revelações. Esse apelo sobrenatural constituiu um dado importante para a história do Islão. A sua pregação que se seguiu logo a seguir a esse acontecimento marcou profundamente a vida da cidade de Meca. A partir das revelações recebidas (em árabe *nazzala* ou *anzala*) estava lançada a base do Alcorão (de *Qer'ân*, cuja raiz é *qry* que significa «recitar»). O Alcorão apresenta 114 suras e 6219 versículos. Como

⁹ RODRIGUES, Manuel (1980) “ *O Mundo Árabe e Islâmico*”, Instituto da Defesa Nacional, pp.8

¹⁰ Também conhecido como Muhammad Ibn Abdullah ibn Abdul Mutilib ibn Hashem, era membro de uma tribo tradicional em Makkah, ficou órfão desde muito cedo, foi criado pelo seu avô primeiro, e depois pelo seu tio, ambos de grande influência. Era um homem de hábitos simples, dado à contemplação, reconhecido no seu meio pela sua honradez, veracidade e caráter inigualável. Aos 40 anos, recebeu a primeira mensagem divina, e a partir daí, durante os 23 anos seguintes, o conjunto dessas mensagens foi ordenado e sistematizado num livro, o Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, de onde emana toda a base do Direito Islâmico.

a *Fâtiha* (a sura de abertura), cada uma das suras começa com a invocação do nome divino: «*Bismi blâh al-Rahmân. al-Rahím*» (« em nome do Deus, o Clemente, o Misericordioso »), exceto a nona. O Alcorão é o resultado da recensão oficial de Othmân, tornando-se assim uma Vulgata corânica.¹¹

Não foram poucas as dificuldades encontradas por Maomé, devido a motivos de várias ordens, daí o êxodo para Medina no ano de 662 a.C, data que marcou o início da Egira. Nascera, entretanto, uma comunidade nova, o início de uma grande religião universal.

Foi em Medina que se começou a elaborar uma nova legislação com os textos sagrados proclamados por Maomé, com a doutrina de jejum do Ramadão, e as normas relativas ao jejum, ao culto, ao casamento, à usura, e à guerra santa. A passagem por Medina teve um significado importante para o futuro do Islão. Aí se colocaram os fundamentos da nova religião. Depois de Maomé, seguiu-se uma fase importante da história do Islão. Os califatos de Abu Bakr (632-634), de Ornar (634-644), de Othmân (644-656), e de Ali (656-661) representaram uma era de notável expansionismo da nova religião. Mas nem tudo eram sucessos, pois dentro do islamismo estalou um conflito de enormes proporções que viria a marcar toda a sua história. Foi a divisão entre os partidários de Ali e os coraixitas. A vitória de Mo'awiya sobre o primo e genro de Maomé, levou à criação do grupo dos xiitas (em oposição aos sunitas) e ao estabelecimento da dinastia dos Omíadas em Damasco. Os xiitas eram os adeptos de Ali, os sunitas (de *sunna*, «tradição») os que seguiram os califas da capital da Síria.¹²

¹¹ RODRIGUES, Manuel (1980) “ *O Mundo Árabe e Islâmico*”, Instituto da Defesa Nacional, pp.9

¹² RODRIGUES, Manuel (1980) “ *O Mundo Árabe e Islâmico*”, Instituto da Defesa Nacional, pp. 30

Como tive a oportunidade de referir anteriormente, o traço distintivo do Islão é a ausência de uma separação entre a esfera da religião e a esfera da política, e é sobre esse assunto que me vou debruçar nas próximas linhas.

O primeiro aspeto a ser analisado é a legitimidade do modelo político-religioso adotado pelo Estado Islâmico. Para isso é preciso definir e analisar o sistema político islâmico e as suas vertentes. O poder institucional da comunidade (*Ummah*), que mais se aproximaria ao conceito ocidental de Estado, é denominado de *Dawla Islamiyya* (Casa do Islão) e que apresenta dois sistemas de governo: o *imama* e o *khilapha*. No sistema político Islâmico o entendimento sobre o Estado (*Dawla Islamiyya*) não é o mesmo que o ocidental, que reconhece a institucionalização da sociedade civil tendo a pessoa jurídica (a instituição Estado) uma certa autonomia, com limites constitucionais, mas que se resumiria num simples mecanismo, instrumento a serviço da *Ummah*.¹³ A Comunidade possui plena autonomia e auto-suficiência (derivada do Poder Divino) cabendo ao Estado, como um meio ao seu serviço, proteger os cidadãos e zelar pelos preceitos islâmicos, ou seja, em regra o modelo institucional do Estado Islâmico é o “Mínimo”.¹⁴ O Estado Islâmico, sob autoridade do *khalifah*, não é tratado entre os muçulmanos como uma entidade político-jurídica organizacionalmente rígida, personalizada, com território definido e acima da comunidade de muçulmanos, mas uma administração pública (*al siyasa*) mutável, que se adequa às mudanças e necessidades sociais, estando comprometida com o interesse coletivo e resguardando, assim, a autonomia e auto-suficiência da *Ummah*.¹⁵

¹³ ISBELLE, S. A. (2007) “O Estado Islâmico e sua organização”. Rio de Janeiro: Qualitymark, pp. 19

¹⁴ Idem, Ibidem

¹⁵ Idem, Ibidem

Como referiu Olivier Roy, numa obra conjunta intitulada, *Islão- Guerras sem Fim*: “ *o debate do Islão não cai do céu aos trambolhões: está estritamente ligado ao debate de há séculos sobre o papel da religião na sociedade e na política.* ”¹⁶

O que parece estar em causa, segundo este autor, não é a compatibilidade do Islão com o laicismo mas sim a definição, ou a construção do laicismo como conceito jurídico, cultural e político no ocidente. Oliver Roy, na sua parte do livro, relembra um fator importante a ter em conta:

“ (...) *nem o laicismo, nem a separação entre a Igreja e o Estado são produtos de valores europeus baseados na filosofia do Iluminismo, cada uma destas coisas é antes um compromisso político, que muitas vezes pode ter-se convertido progressivamente num consenso para pôr fim a guerras religiosas.*”¹⁷

Ora, é precisamente a combinação entre a religião e a política que pode ser perigosa, nomeadamente quando os movimentos extremistas transformam a religião islâmica numa ideologia radical. Existe por isso uma demanda justificada por muçulmanos moderados depois do 11 de setembro, pelo medo de deixar os extremistas tomarem conta das mesquitas locais e tê-los a recrutar activistas. Este medo legítimo do terrorismo é apelidado por Roy como sendo um “ *dilema teológico* ” : parece haver um princípio de que, quanto mais radical nas suas atitudes religiosas for um crente, mais radical se tornará nas suas actividades política. Este debate tem por isso duas configurações a considerar: como definir o “extremismo religioso” e qual a sua relação com o radicalismo político.

18

¹⁶ BIRKE, Sarah, John M. Owen IV, Robert A. Pape, Oliver Roy, Peter Welby (2015) “ *Islão- Guerras Sem Fim*”, Cadernos D.Quixote, pp. 33

¹⁷ BIRKE, Sarah, John M. Owen IV, Robert A. Pape, Oliver Roy, Peter Welby (2015) “ *Islão- Guerras Sem Fim*”, Cadernos D.Quixote, pp.34

¹⁸ BIRKE, Sarah, John M. Owen IV, Robert A. Pape, Oliver Roy, Peter Welby (2015) “ *Islão- Guerras Sem Fim*”, Cadernos D.Quixote, pp. 33

Aqui parece lícito questionar em que medida o pensamento religioso radical propícia a violência e/ou o terrorismo? Serão as mulheres que usam burca mais propensas a alinhar com a *jihad*? A verdade é que não há dados que possam sustentar esta ideia. Pelo mesmo critério, o “uniforme salafista” (*shalwar* branco comprido e *qamis*, boné branco) não é usual entre os activistas da Al-Qaeda. Na verdade, estudos mostram que não é uma marca distintiva dos activistas da Al-Qaeda uma estrita prática religiosa.¹⁹

É no extremismo religioso que podemos agora inserir o que anteriormente já referimos, ou seja, o movimento mais radical e por isso mais temível, a ramificação salafista. Vejamos pois o que em termos gerais o salafismo apregoa.

¹⁹ SAGEMAN, Understanding Terrorist Networks.

1.1.1 O Islão é uma religião violenta?

O hino comum no tecido do terrorismo religioso é o Islamismo. Todavia, o Islão na sua referência originária é provavelmente a religião mais incompreendida pelos ocidentais, sendo geralmente conotada como uma religião muito violenta e implacável pelo que se assiste frequentemente a uma equiparação entre terrorismo e Médio Oriente. Compreender o Islão é a chave para verdadeiramente se saber se essa religião é de fato pacífica ou violenta e, no fundo entender de que forma se pode ter, ou não ter, nesta religião o aliado ou mesmo o antídoto para a violência terrorista.

A história da comunidade muçulmana de Maomé até o presente pode ser lida dentro da estrutura do que o Alcorão ensina sobre a *jihad*. A compreensão muçulmana do que é exigido pelo Alcorão e a prática do profeta em relação à *jihad*, mudou ao longo do tempo. A doutrina da *jihad* não é um produto de uma única interpretação autoritária individual ou organizacional. Como explica John Esposito, no seu artigo, Islão e Política Violenta: “*É antes um produto de diversos indivíduos e autoridades que interpretam e aplicam os princípios dos textos sagrados em contextos históricos e políticos específicos.*”²⁰

Os muçulmanos ao longo dos tempos discutiram e debateram e até discordaram sobre o significado da *jihad*, das suas formas defensivas e expansionistas. Os terroristas aprisionaram o Islão e a doutrina da *jihad*, assim como os extremistas cristãos e judeus

²⁰ ESPOSITO, L. John (2015) “*Islam and Political Violence*” Prince Alwaleed Bin Talal Center for Muslim-Christian Understanding Georgetown University, Washington, DC, USA. Pg. 1069 Excerto Retirado: “The doctrine of jihad is not the product of a single authoritative individual or organization’s interpretation. It is rather the product of diverse individuals and authorities interpreting and applying the principles of sacred texts inspecific historical and political contexts.”

cometeram atos de terrorismo nas suas próprias guerras profanas, em nome do Cristianismo ou do Judaísmo.

Conceptualmente a palavra “Islão” é um conceito árabe que significa paz, segurança e rendição. Quem pratica os modos islâmicos é conhecido como muçulmano, que significa, *aquele que se submete a Deus*. Unicidade é uma palavra recorrentemente associada aos muçulmanos: Unicidade de Deus.

Portanto o Islão parece ser é uma religião de unidade. Muitos teólogos muçulmanos dizem que o Islão é o caminho para se poder alcançar a paz, através do compromisso para com a vontade de Deus²¹.

A religião islâmica centra-se em cinco pilares de Fé, são eles a: declaração de fé, oração diária, doação de caridade, Ramadão e a peregrinação a Meca.

O Islão é fundamentalmente uma fundação monoteísta, sendo o seu primeiro pilar a declaração da fé de alguém a Deus. Isso é conhecido como o *shahaada*, e é repetido ao longo de uma vida muçulmana, é feito dizendo "*La ihaha illa Allah wa MuhammaD ar-Rasulullah*" ("*Não há nenhum outro deus a ser adorado, exceto Deus, e Muhammad que é mensageiro De Allah* ").²²

A declaração de fé é muito mais do que apenas uma declaração, tem que ser feito sentido pelo muçulmano através das suas ações e na sua vida quotidiana. A declaração é tudo o que se deve fazer para se converter à fé do Islão, a declaração afirma a crença de só há um Deus e também que Maomé foi o último mensageiro.²³ Essa declaração

²¹ ABDULSALAM, M (2012) “*O que é o Islão*” . The Religion of Islam.

²² Idem, Ibidem

²³ GILLUM, Joshua (2009) “*Is Islam Peaceful or Violent: Comparing Islam and Christianity to Reveal the Propaganda of Terrorism*” , University Of Arkansas a Monticello- Paper.

islâmica de fé é notavelmente semelhante à crença cristã fundamental, em que tudo o que se deve fazer é pedir a Jesus que entenda e seja o salvador pessoal de alguém. É o mais simples.²⁴

É uma parte importante de ambas as religiões, porque isso prova até que ponto ambas as religiões são verdadeiramente monoteístas e acreditam nessa fé, onde o único Deus verdadeiro é a parte mais importante e absoluta de qualquer escolha religiosa. Usando os princípios básicos do Islão e do Cristianismo, as semelhanças compartilhadas entre as duas poderia ajudar a manter a ligação, pois os seres humanos são muito menos propensos a discriminar outros quando apreciam as suas próprias semelhanças. Esta teoria diretamente paralela é a busca para se encontrar um terreno comum entre o Islão e o Cristianismo, com a esperança de se criar um diálogo equilibrado sem haver necessidade de existir um duplo padrão, a assim se chegar a um consentimento pacífico, que possivelmente com tempo poder-se-á alterar a visão política e posteriormente eliminar a mentalidade do Ocidente contra a do Médio Oriente. A ajuda humanitária e a educação deviam ser as prioridades para o Ocidente dar ao Médio Oriente.²⁵

Permanecer com os parâmetros da tradição do Islão é essencial para os extremistas islâmicos, os radicais usam todos os significados para interpretar o Islão numa vertente mais fanática e extrema, eles também acreditam que devem defender as suas crenças a todo o custo, e portanto implicar a violência seria normal. Não é preciso relembrar como os fanáticos e os extremistas não toleram bem quem pense de forma diferente da deles, maior parte dos atentados, senão todos, vêm com esse denominador comum, embora identifiquemos também outros factores incluídos. Os extremistas agem com o princípio de que o compromisso significa duas coisas: há mais de uma maneira de ver uma situação

²⁴ GAARDER, J., Hellen, V., Notaker, H. (2000) *“O Livro das Religiões”*. São Paulo: Editora Schwarcz pp.60

²⁵ Idem, Ibidem

(i.e. eles não são os únicos que estão certos) e segundo, eles não são tão entusiastas e dedicados como eles dizem que são.²⁶

O Alcorão fornece orientações e regulamentos detalhados sobre a condução de uma guerra: quem deve lutar e quem está isento (48:17²⁷, 9:91²⁸), quando as hostilidades devem cessar²⁹ (2: 192), como os prisioneiros devem ser tratados. (47: 4³⁰)

Versos como (2: 194) enfatizam a proporcionalidade na guerra: *“quem quer que transgrida contra ti, responde em espécie”*. Outros versículos induzem fortemente à paz: *“Se o teu inimigo se inclinar à paz, tu também deves procurar paz e pôr a tua confiança em Deus”*(8:61) e *“ Se Allah desejasse, Ele os faria dominá-los e se eles te deixassem em paz e não lutassem contra ti e lhe oferecessem paz, então Allah não permitiria nada contra ti. ”*(4:90)

O Islão, assim como os seus parentes monoteístas, Judaísmo e Cristianismo, é uma religião cujas escrituras sagradas, história e tradição incluem a paz e a violência. Os profetas da Bíblia e do Alcorão (Josué, Davi, Saul e Maomé) também eram guerreiros / líderes militares. Enquanto a grande maioria dos crentes lê textos violentos em contextos históricos, os extremistas religiosos e terroristas continuam a colocá-los como justificção para as suas ações. Os crentes populares, como nos explica Philip Jenkins na sua obra,

²⁶ GILLUM, Joshua (2010) *“Is Islam Peaceful or Violent: Comparing Islam and Christianity to Reveal the Propaganda of Terrorism”*, Paper presented to: Midwest Political Science Association Annual Conference, University of Arkansas at Monticello

²⁷ *“Não terão culpa o cego, o coxo, o enfermo. Quanto àquele que obedecer a Allah e ao Seu Mensageiro, Ele o induzirá a jardins, abaixo dos quais correm rios; por outra, quem desdenhar, será castigado dolorosamente”*.

²⁸ *“Estão isentos: os inválidos, os enfermos, os baldos de recurso, sempre que sejam sinceros para com Allah e Seu Mensageiro. Não há motivo de queixa contra os que fazem o bem, e Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo.”*

²⁹ *“Porém, se desistirem, sabeis que Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo”*

³⁰ *“E quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado, e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros. Libertai-os, então, por generosidade ou mediante resgate, quando a guerra tiver terminado. Tal é a ordem. E se Allah quisesse, Ele mesmo ter-Se-ia livrado deles; porém, (facultou-vos a guerra) para que vos provásseis mutuamente. Quanto àqueles que foram mortos pela causa de Allah, Ele jamais desmerecerá as suas obras.”*

frequentemente sofrem de “*amnésia sagrada*” quando se trata dos próprios textos sagrados versus os dos outros³¹.

De acordo com estudiosos islâmicos e proeminentes ativistas no diálogo inter-religioso, sendo um deles M. Fethullah Gülen, diz: “ *No Islamismo, matar um humano é um ato que se iguala à gravidade da descrença.* ” (Gülen, 2004, 1) Assim, isso parece contradizer o princípio mais básico dos terroristas radicais, mas mesmo essa afirmação não dá gravidade suficiente às verdadeiras práticas islâmicas. Por exemplo, numa entrevista com M. Fethullah Gülen, ele afirmou que: “ *Ninguém pode matar outro ser humano, ninguém pode ser um bombista suicida, ninguém pode tocar num inocente, mesmo em tempos de guerra*”³².

Na opinião de Gülen, não existe mais um mundo islâmico, a existência de muçulmanos varia de lugar para lugar ,no entanto, o Islão parece ter-se tornado numa cultura em vez de uma fé que deve ser seguida verdadeiramente. Gülen ainda desabafa:

“ *Uma das pessoas que mais odeio no mundo é Osama bin Laden, porque ele manchou o rosto brilhante do Islão. Ele criou uma imagem contaminada, substituindo a lógica islâmica por sentimentos e desejos dele próprio.*” (Gülen, 2004, 3)

Era conhecido o apoio de alguns estudiosos islâmicos a Osama bin Laden e isso criara uma retórica centrada no nome de Ali e da chamada *jihad*. Os muçulmanos e outros que acreditavam que a jihad tinha sido criada exclusivamente para proteger as suas terras, estariam a simplificar e a minimizar o Islão, a jihad, o Alcorão e a longa e dinâmica história do Islão.³³

³¹ JENKINS, Philip (2011) “*Jesus Wars*”. San Francisco: HarperOne, pp.12

³²FETHULLAH Gülen, M, (2004), “*In True Islam, Terror Does Not Exist*”, In an Islamic Perspective Terror and Suicide Attack, Ergun Capan (ed.), The Light, New Jersey pp. 48

³³ Idem, Ibidem

Essa ideia da *jihad* vista unicamente como uma proteção do território, foi criada com a chegada da era moderna. A terra em si não tem valor para os muçulmanos, é preciso reconhecer a autoridade de *Allah* na terra que for estabelecida e onde a fé for seguida, ganhando a terra o título de "pátria do islamismo." Claramente que a defesa da pátria do Islão não é a defesa da terra. É a defesa da cultura muçulmana, das crenças e do modo de vida. Contudo um olhar no interior dos parâmetros da *jihad* revela que esse não é o objetivo final da *jihad*, o seu objetivo é estabelecer a autoridade divina dentro da região.³⁴

Assim e para responder à pergunta colocada como título do capítulo, parece podermos tirar a ilação geral de que o Islão enquanto religião, não é violenta. O extremismo e o radicalismo do Islão que vemos a ser proferida pelos terroristas, é apenas uma perversão da verdadeira religião, que se norteia pelos mesmo valores que o Cristianismo, sendo o amor e a fraternidade elementos comuns.

1.2 Conclusões

Situada a meio do globo terrestre numa zona substantivamente desértica, o Médio Oriente é uma das regiões mais problemáticas, instáveis e violentas do mundo, tendo tido sérias dificuldades em promover um cenário de paz e de alguma estabilidade para os seus povos. É sem dúvida uma região com uma história gloriosa, e com uma tradição antiga com mais de 1000 anos, no entanto a esperança por uma mudança favorável não se desvanece. Não é o Islão enquanto religião que dificulta a mudança de cenário para o Médio Oriente, como tivemos oportunidade de constatar, o Islão é uma religião pacífica, carinhosa e acolhedora para todas as outras culturas.

Se tivermos em consideração uma comparação entre o Médio Oriente e a Europa, nos anos das Cruzadas, podemos concluir que existem algumas semelhanças com o Médio

³⁴ Idem, Ibidem

Oriente dos nossos dias. Uma região que é constantemente confrontada com pobreza, falta de abrigo, educação e alimentação, pode gerar uma combinação de factores extremamente desfavoráveis ao equilíbrio social e à estabilidade, levando a diversas formas de insurgência e a versões extremamente agressivas como são o islamismo ou o terrorismo.

Num combater ao terrorismo, especialmente a luta contra o terrorismo religioso fanático, não se mostra suficiente a conquista de objetivos, ou o corte de suprimentos ou mesmo a morte de alguns terroristas. Estes autoproclamados lutadores da liberdade (os jihadistas), sentem que são chamados por uma revelação mais profunda. Como analisámos, os esforços dos jihadistas procuram mais do que a expulsão do Ocidente das suas terras ou de matar os infiéis, embora esta seja uma parte importante da sua luta.

1.3 A interpretação Salafista Radical

A ideologia do Estado Islâmico é conhecida como o salafismo³⁵, um movimento principalmente teológico no islamismo sunita preocupado em purificar a fé. O salafismo concentra-se na eliminação da idolatria, afirmando a Unidade de Deus. Os salafistas vêem-se a eles mesmos como os únicos e verdadeiros muçulmanos.³⁶

Aqueles que adoram por exemplo santos e túmulos, são considerados desertores da religião. Aqui inclui-se a facção dos xiitas e, para muitos salafis, os democratas ou aqueles

³⁵ O movimento salafista tem uma história longa, existindo diferenças ideológicas e metodológicas notáveis entre a geração de salafistas do passado e a atual geração. O salafismo contemporâneo é um movimento conservador seguido por vários grupos islamitas sunitas. Este tenta recriar o Islão em oposição às imitações e sobretudo à ocidentalização, baseando-se em interpretações literais das Escrituras. Toda a sua ação é focada na transformação do indivíduo, no seu comportamento, código de conduta e na rigorosa observação das prescrições da fé.

³⁶ COSTA, Liliana Sandra (2010) " *O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa* " Working Papers. Trabalho realizado no âmbito do projeto POCI/CPO, aprovado pela FCT e pelo POCI 2 e participado pelo FEDER, pp.2.

que participam num sistema democrático³⁷. Os xiitas por sua vez são culpados de shirk³⁸ devido à sua excessiva reverência à família do Profeta Maomé, entre outras coisas, enquanto os democratas erram na atribuição de "parceiros" a Deus na legislação. Uma genealogia intelectual distinta de salafi estende-se até aos tempos medievais. Quando Muhammed Abduh formulou as suas ideias relativas à revitalização do Islão, dando origem ao termo de salafismo³⁹, este visava precisamente a reforma do mundo islâmico através do retorno à religião dos piedosos antepassados, aos ensinamentos do Profeta e ao Alcorão. É com o discípulo de Abduh, o sírio Rashid Rida, que o movimento salafiyya assume posições mais rigorosas, sobretudo no período entre as duas guerras mundiais

Os escritos do sírio *Hanbali Ibn Taymiyya* (d. 1328) e dos seus alunos forneceram o *corpus* teológico do núcleo salafi. Mais tarde importantes pensadores salafi viram do movimento Wahhabi, ou wahhabismo⁴⁰, um subconjunto do salafismo, fundado na Península Arábica por *Muhammad Ibn 'Abd al-Wahha*⁴¹. . No final do século XVIII o wahhabismo⁴² foi casado com a política saudita e permanece ainda nos nossos dias . O Sauditas ajudaram os Wahhabis a impor a sua versão da fé em toda a Arábia, levando a

³⁷ BUNZEL, Cole " *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*", The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março 2015, pp. 5

³⁸ Pecado de praticar a idolatria

³⁹ Com o aparecimento das franjas ativistas no interior do movimento, convencionou-se distinguir entre uma corrente mais académica ou científica, com frequência denominada de *al-Salafiyya al-ilmiyyae*, uma corrente designada por *al-Salafiyya al-jihadiyya* ou salafismo jihadista. Esta última corrente teve origem na radicalização do movimento, durante o conflito afegão na década de 1980. In International Crisis Group, " *Understanding Islamism*" pp. 11.

⁴⁰ Doutrina defendida pelos discípulos de Ibn Abd al-Wahhab (1703-1792), cuja influência predomina no Islão

⁴¹ BUNZEL, Cole " *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*", The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março 2015, pp. 8

⁴² O iniciador do Wahhabismo foi inspirado pelo pensador sírio do século XIII, Ibn Taymiyya, o qual apelava a uma interpretação literal e rigorosa das fontes religiosas (...) do Profeta. De igual forma, Al-Wahhab considerava que a mensagem de Alá transmitida por Maomé tinha sido subvertida devido ao afastamento das fontes originais do Islão. (COSTA, Liliana Sandra (2010) " *O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*" Working Papers pp. 5)

jiḥād contra os hereges, para a eliminação do *shirk* e afirmando assim o *tawḥid*⁴³. A *jiḥād* Wahhabi envolveu a destruição de túmulos e santuários, e o reforço das práticas adequadas, bem como uma limpeza do xiismo do Islão.⁴⁴

O legado ideológico wahhabita estabelece o seguinte: o Islão é a solução para a decadência da sociedade, pelo que se impõe um regresso ao Alcorão e à *Sunnah* do Profeta, o objetivo deve ser a instauração de uma comunidade governada pela *Shariah*, à qual todos devem obedecer, os que resistirem, muçulmanos ou não, serão considerados inimigos de Deus.⁴⁵

Para além da dimensão salafista, há que fazer também a devida referência à Irmandade Muçulmana.

A Irmandade no Egipto foi fundada em 1928 por *Hasan Al-Banna* como um movimento político inclinado a ganhar poder e influência na sociedade levando à captação do Estado. Tudo em resposta ao colonialismo e ocidentalização que corrompia a sociedade egípcia naquela altura. Aparentemente a Irmandade Muçulmana nunca foi tão doutrinariamente rigorosa como os jihadistas atuais. Atualmente, a Irmandade procura implementar reformas através de canais legais e, por essa razão, é considerado por muitos como um representante de um Islamismo moderado. Recorrendo a uma abordagem gradual da mudança e a uma mensagem simples e conservadora, defendem uma islamização da base para o topo da sociedade, educando toda a população para o estabelecimento de um “Estado Islâmico”.⁴⁶

⁴³É um conceito central no Islão que se refere à crença na unicidade de Deus. A palavra é uma forma verbal que significa "fé no Deus Único".

⁴⁴ BUNZEL, Cole " *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*", The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março 2015, pp. 8

⁴⁵ COSTA, Líliliana Sandra (2010) " *O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*" Working Papers. Trabalho realizado no âmbito do projecto POCl/CPO, aprovado pela FCT e pelo POCl 2 e participado pelo FEDER, pp.6

⁴⁶ Idem, Ibidem

A Irmandade é um movimento exclusivamente sunita. Mas não é implacavelmente hostil a outras seitas islâmicas, como o xiismo, ou orientações, como o sufi misticismo,⁴⁷ mas a participação da Irmandade Muçulmana no jogo político e eleitoral têm-lhe valido fortes ataques por parte de grupos islamistas mais radicais e de tendências jihadistas.⁴⁸

O movimento emergiu em resposta à ascensão do imperialismo ocidental e do declínio do islamismo na vida pública, tendências essas que a Irmandade procurou reverter através do ativismo islâmico de base. A Irmandade Muçulmana defendeu a reestruturação do califado⁴⁹ como o sistema ideal de governo para o mundo islâmico, um tema bem debatido no início do século XX, com a dissolução do califado Otomano em 1924, vários líderes e grupos muçulmanos em todo o mundo, do norte da África à Arábia para o Sudeste Asiático, pediram o restabelecimento do califado.⁵⁰

No entanto, a ênfase da Irmandade Muçulmana quanto ao califado é particularmente significativa, uma vez que os mais antigos ideólogos e grupos jihadistas surgiram como radicais vindos precisamente do núcleo da Irmandade. As ambições jihadistas para um reavivar do califado parecem derivar da Irmandade.⁵¹

O fundador da Irmandade, *Hassan al Banna*, pronunciou-se uma vez num documento, acerca do califado:

⁴⁷International Crisis Group (2005) “*Understanding Islamism, Middle East and North Africa*” Briefing Nº 37, Cairo/ Bruxelas, pp.8.

⁴⁸ALTMAN, Israel Elad (2006) “*The Egyptian Muslim Brotherhood after the 2005 Elections*”, in Hillel Fradkin, Husain Haqqani e Eric Brown (ed.), *Current Trends in Islamist Ideology*, Vol. 4, Washington, D.C., Hudson Institute, pp. 18.

⁴⁹MADAWI Al-Rasheed, Carool Kersten, and Marat Shterinn (2013) “*The Caliphate: Nostalgic Memory and Contemporary Visions*,” in *Demystifying the Caliphate*, ed. Al-Rasheed, et al (London: Hurst & Co) pp. 1–30

⁵⁰BUNZEL, Cole (2015) “*From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*”, The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março, pp. 9

⁵¹BUNZEL, Cole (2015) “*From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*”, The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março, pp. 9

*"O Islão exige que a comunidade muçulmana se una em torno de um líder ou de uma cabeça, a cabeça do Estado Islâmico, e proíbe a comunidade Muçulmana de ser dividir entre Estados ..."*⁵²

Numa outra parte, Banna comentou que: *"A Irmandade Muçulmana coloca a ideia do califado e trabalha para restaurá-lo na vanguarda dos seus planos."*⁵³

Como defende Pathé Duarte na sua obra, *Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos*:
*"(...) o jihadismo conforme o conhecemos hoje, foi forjado na segunda metade do século XX e retificado sobre as cinzas da vitória mujahedin"*⁵⁴ *no Afeganistão."*⁵⁵

Nas décadas posteriores do século XX, o Médio Oriente assistiu ao surgimento de grupos islamitas violentos, influenciados pelo ativismo da Irmandade Muçulmana e pelo exclusivismo salafi. Esses grupos incluíam a Jihad Islâmica Egípcia e o Grupo Islâmico⁵⁶, no Egipto. O Grupo Islâmico Armado⁵⁷, com o Grupo Salafi para Pregação e Combate⁵⁸ na Argélia foram os precursores dos grupos-jihad salafi. Ideologicamente, a sua

⁵² In Muhammad 'Abd al-Qādir Abū Fāris, *al-Nizām al-sisāysī fī 'l-Islām* (Jordan: n.p., 1980), 169

⁵³ Hasan al-Bannā, *Majmū'at rasā'il al-imām al-shahīd Hasan al-Bannā* (Beirut: Dār al-Andalus, 1965), 284–285

⁵⁴ É a forma plural de *mujahid*, que se traduz literalmente do árabe *muǧāhidīn*, como "combatente" ou "alguém que se empenha na luta (jihad)", embora o termo seja frequentemente traduzido como "guerreiro santo."

⁵⁵ DUARTE, Felipe Pathé. 2015 *"Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos"*. Marcador, Queluz de Baixo, pp. 70

⁵⁶ "O Jamaat al Islamiya- também chamado al-Gama'a al Islamiya- ou o «Grupo Islâmico», nasceu no Egipto na década de 1970. Tinha como missão primordial o derrube do governo do já deposto Hosni Mubarak e a implementação de um Estado Islâmico regulado pela *Sharia*. Retirado: DUARTE, Felipe Pathé. 2015 *"Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos"*. Marcador, Queluz de Baixo, pp.72

⁵⁷ "O *Group Islamique Armée* (GIA) surge na Argélia em 1992, na sequência da invalidação da vitória da *Front Islamique du Salut*, provocando, durante toda a década de 1990, uma onda de violência sem precedentes neste país (...) uns quantos militantes acabaram por se refugiar nas montanhas a sul da Argélia, unificando-se progressivamente sob a bandeira do *Group Salafist pour la Predication el el Combat* (GSPC) (...)" IN DUARTE, Felipe Pathé. 2015 *"Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos"*. Marcador, Queluz de Baixo, pp. 74

⁵⁸ "É em 1998 que Hassan Hattab, comandante operacional do GIA, funda o GSPC na Argélia. Este grupo manteve os mesmo princípios fundadores do GIA, mas evitou os massacres indiscriminados. (...) Em 2003 começa por se enquadrar na estratégia operacional da Al-Qaeda, visando uma jihad mais global do que local." IN DUARTE, Felipe Pathé. 2015 *"Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos"*. Marcador, Queluz de Baixo, pp. 75

inspiração principal foi Sayyid Qutb⁵⁹ que foi um prolífico egípcio muçulmano. O ideólogo da Irmandade que defendia radicalmente uma versão revolucionária do ativismo da Irmandade.⁶⁰

Todos esses grupos agora referidos, fazem parte do quadro interpretativo que apoia inteiramente a causa palestina e nutrem uma hostilidade relativa aos EUA. Todos eles de igual forma representam, como interpreta Pathé Duarte, na sua obra:

*“ os revolucionários\reformistas- temos\tínhamos ativistas que militam\militavam contra os Estados de países maioritariamente muçulmanos que não governam\governavam de acordo com os preceitos islamitas, considerando-os ilegítimos e, em alguns casos, apóstatas (takfir). Era então uma espécie de ativismo sociorrevolucionário que não pugna pela luta contra uma ocupação estrangeira em território maioritariamente muçulmano, mas tão-somente pela mudança de regime governativo.”*⁶¹

No entanto é preciso referir que continuam a existir fraturas e debates internos dentro do jihadismo, previsivelmente essas quezílias traduzem-se na disputa sobre o peso da doutrina religiosa contra a adoção de medidas de carácter mais pragmático.

Apesar dessas frações, ainda existem dois motes inspiradores que, por herança intelectual, servem de ligação quase direta ao jihadismo global: a já falada Irmandade Muçulmana e

⁵⁹ Sayyid Qutb acabou por se tornar o ideólogo mais importante da organização – suplantando a nível de ideias e conteúdo doutrinário o próprio fundador do movimento –, sendo ainda hoje considerado o padrinho dos islamitas radicais-jihadistas.

⁶⁰ BUNZEL, Cole (2015) “ *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*”, The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper, 19 março pp. 9

⁶¹ DUARTE, Felipe Pathé. 2015 “*Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos*”. Marcador, Queluz de Baixo, pp. 74

o movimento também já referido, *Salafiyya* (bem mais literal e puritano influenciado pelo wahhabismo saudita).

O salafismo jihadista resulta da união do conservadorismo salafita (que concentra as suas atenções tradicionalmente nos assuntos internos do Islão) e das tendências jihadistas radicais. Esta corrente casa o respeito pelos textos sagrados na sua forma mais literal comum, com o comprometimento absoluto com a jihad.⁶²

No relatório mais recente do Grupo de Crise, *Understanding Islamism*, estabelecem-se algumas distinções, a que mais nos interessa é aquela que vem em terceiro lugar onde encontramos o grupo terrorista do Estado Islâmico, os que, tendo objectivos políticos, não renunciaram à violência como meio de os atingir. Este último grupo, que já associámos aos salafi jihadis (caracterizados pela inclinação à violência) existe em três variantes principais: interna (combatendo nominalmente os regimes muçulmanos considerados ímpios), irredentistas (lutando por redimir a terra governada por não muçulmanos ou sob ocupação), e global (combatendo o Ocidente). Estas categorias de jihadis são numerosas, mas o maior de todos os problemas vem daqueles jihadis antiocidentais realmente extremos (o Estado Islâmico) para quem todos os não muçulmanos são *kafir* (infiéis)- e portanto, por definição inimigos do Islão- para quem os aliados dos muçulmanos ou associados com o Ocidente são de qualquer forma eles próprios *kafir*, e para quem a morte de muçulmanos inocentes para obter a vitória sobre os *kafir* é um dano colateral aceitável.⁶³

Neste contexto é imperativo proceder a algumas distinções, no meio de tantos grupos. Podemos dizer de uma forma completamente abrangente que os jihadistas não deixam de

⁶² COSTA, Liliana Sandra (2010) " *O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa*" Working Papers. Trabalho realizado no âmbito do projecto POCl/CPO, aprovado pela FCT e pelo POCl 2 e participado pelo FEDER, pp. 14

⁶³ EVANS Gareth, et al (2006) *Terrorismo e Relações Internacionais*, Lisboa, Gradiva pp. 40

ser militantes islamitas, decerto incomodados com a constante ameaça da secularização da vida social e política dos países muçulmanos. E Pathé Duarte, na sua obra, alerta que: “(...) *estes activistas violentos ainda não estão totalmente desligados do útero materno em que foram concebidos- o islamismo (...)*”⁶⁴ . Todos eles procuram a conquista do poder e a sua posterior “*reislamização*” da sociedade. E como esclarece o mesmo autor, parece razoável simplificar da seguinte forma que:

“(...) *o jihadismo passa a ser a melhor forma de, entre a comunidade académica e entre os especialistas em contraterrorismo, designar os muçulmanos sunitas que utilizam a violência como forma de alcançar a vigência da sua política universalistas.*”⁶⁵

Como nos diz Mark Juergensmeyer, numa obra conjunta e intitulada de Terrorismo e Relações Internacionais: “(...) *a resistência do Iraque pelos Estados Unidos assumiu uma aura religiosa e foi ampliada à escala duma espécie de guerra cósmica transnacional (...)*” e isto aponta para várias circunstâncias significativas do terrorismo contemporâneo e contraria alguns mitos que ainda prevalecem. Um deles é o mito de que *estes conflitos não têm que ver com a religião*. Um dos aspectos da ideologia jihad radical é decerto político, a ideia de que as políticas no Médio Oriente depois da queda do Imperio Otomano são uma invenção europeia. As políticas de molde ocidentais são contrapostas às tradições do Médio Oriente e representadas como uma espécie de colonialismo persistente nessa religião. Assim, as questões subjacentes à ideologia do jihad não são meramente religiosas, conforme Robert Pape fez notar no seu livro *Dying to Win*, o bombismo suicida relaciona-se frequentemente com a defesa territorial e nesse caso poderíamos precipitar-mos para outra conclusão, que é o segundo mito do terrorismo

⁶⁴ DUARTE, Felipe Pathé.(2015) “*Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos*”. Marcador, Queluz de Baixo, pp.71

⁶⁵ DUARTE, Felipe Pathé (2015) “*Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos*”. Marcador, Queluz de Baixo, pp.71

religioso- o de que os aspectos religiosos são irrelevantes- e raramente o são⁶⁶. Quando a religião entra em cena, conforme ficou demonstrado no caso dos activistas de Fallujah, altera toda a natureza do conflito, dilatando as sequências temporais com vista aos seus objectivos eternos e enaltece a gratificação dos combatentes numa recompensa cósmica.⁶⁷

Muitas vezes se pensa que o terrorismo moderno é contra a liberdade. Em certo sentido, é precisamente pela liberdade que os terroristas jihadistas (o Estado Islâmico) se batem. No caso da resistência jihadista à ocupação do Iraque, o seu objetivo é libertar o Iraque da influência americana, e de igual modo, alcançar eventualmente a libertação de todo o Médio Oriente. Quando nos referimos aos ataques terroristas em nome da *jihad*, eles significam um ódio sempre presente pelo Ocidente. A ideia de que há algo profundamente violento relativamente ao Islão ou algo místico no que respeita às relações entre o Islão e a política- que os ocidentais jamais poderão perceber- é infundada.

Capítulo 2. A Al-Qaeda e o Estado Islâmico

2.1 O Contexto Histórico da Al-Qaeda

Neste segundo capítulo procuraremos destacar e analisar o aparecimento da Al-Qaeda e posteriormente do Estado Islâmico. Veremos que são dois grupos terroristas onde um advém do outro mas que são estrategicamente muito diferentes.

⁶⁶ PAPE, A Robert (2005) *"Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism"* Random House, New York, pp. 335

⁶⁷ JUERGENSMEYER, Mark, et al (2006) *"Terrorismo e Relações Internacionais"*, Lisboa, Gradiva pp. 183

Antes de prosseguir para uma análise mais histórica destes dois grupos terroristas, podemos traçar a priori alguns traços que os distinguem, e que por isso levaram à sua separação. Podemos tomar como exemplo, o caso da violência terrorista mais clássica da Al-Qaeda, que atacava tendo em vista primordialmente atingir objectivos civis e militares longe do seu solo, pois haveria uma crença que a situação no mundo muçulmano, em particular no Médio Oriente, resultava do que as potências externas aí originaram.

O EI luta para manter o controlo sobre um pedaço significativo de espaço geográfico e das almas aí residentes. Para atingir esse desiderato, o EI pretender partir e separar os diferentes constituintes da região, atacando todos eles e em particular os Xiitas, para que se torne o símbolo do poder Sunita radical, unindo à sua volta esta componente demográfica maioritária.⁶⁸

Devido às táticas violentas do EI e do seu controlo sobre os seus territórios, há muito pouca cobertura ocidental dentro das fronteiras de EI. O Estado Islâmico não tem medo de matar estrangeiros de forma pública e viscosa, levando muitos jornalistas a ficarem fora da sua área⁶⁹. Como foi dito anteriormente, numa por Gartenstein Ross, Daveed Gartenstein, Jason Fritz, Bridget Moreng e Nathaniel Barr, numa obra conjunta intitulada de Estado Islâmico Vs Al-Qaeda- Dimensões Estratégicas de um Conflito Patricida, “*(...) As vantagens significativas do EI na esfera de media social jihadista ajudaram o grupo a, por sua vez, dominar os meios de comunicação, que muitas vezes olham para os media para obterem pistas sobre os últimos acontecimentos jihadistas. Actualmente, dois dos principais objectivos estratégicos do EI no seu conflito com a Al-Qaeda é a expansão*

⁶⁸ HARTSHORN, Eric (2015) “Al Qaeda, the Islamic State and the Terrorist Identity- A Qualitative Comparative Case-study on the Strategic SelfPresented Identities of the Global Jihadist Groups” pp. 7

⁶⁹ HARTSHORN, Eric (2015) “Al Qaeda, the Islamic State and the Terrorist Identity- A Qualitative Comparative Case-study on the Strategic SelfPresented Identities of the Global Jihadist Groups” pp.9

e consolidação do califado e a conquista de novas filiais no exterior através da proliferação de "províncias" (wilayats)⁷⁰.”

Todas estas observações serão tidas em conta e trabalhadas de forma mais específica no capítulo seguinte, o terceiro.

Relativamente a Al-Qaeda, uma vez que é a organização fundadora e que deu nascimento ao EI, faz sentido ser esta a primeira a ser analisada.

A história da Al-Qaeda remonta a 1979 e a dois eventos particulares: “ *Revolução Shiaradical* ” no Irão e a invasão da União Soviética ao Afeganistão. A Al-Qaeda originalmente tinha uma política de conflito geográfico muito local, localizada principalmente no Afeganistão e no Paquistão. No entanto, com a morte de *Abdallah Azzam*, o líder dos *mujahidin* no Afeganistão em 1989, Bin Ladin elevaria o poder entre os jihadistas organizados no Afeganistão”.⁷¹

Desde 11 de Setembro de 2011, o terrorismo passou a ser um assunto de grande destaque na esfera Internacional, sendo que os Estados viram-se obrigados a redefinir as suas políticas nacionais e até internacionais para mais adequadamente lidar com este problema. O ataque terrorista de 11 de Setembro de 2011 foi reivindicado pela Al-Qaeda, “ *o primeiro grupo terrorista multinacional do século vinte e um.*”⁷². Esse ataque, bem como o ataque terrorista em Madrid ,no dia 11 de Março de 2004, transformaram a Al-Qaeda numa das mais mediáticas e temidas organizações terroristas dos nossos tempos.

⁷⁰ ROSS- Daveed Gartenstein, Jason Fritz, Bridget Moreng and Nathaniel Barr (2015), “ *Islamic State Vs. Al-Qaeda -Strategic dimensions of a Patricidal Conflict* ” New America, pp. 13.

⁷¹ HARTSHORN, Eric (2015)“*Al Qaeda, the Islamic State and the Terrorist Identity- A Qualitative Comparative Case-study on the Strategic SelfPresented Identities of the Global Jihadist Groups*” pp. 8

⁷² GUNARATNA, Rohan (2002) “*Inside Al Qaeda- Global Network of Terror*”, Columbia University Press, New York, 2002, pp. 1.

Assim a Al-Qaeda, retirado de um artigo da Global Security:

*“(...) foi formada em 1988 por veteranos da guerra civil anti-soviética no Afeganistão, com o objetivo de exportar a vitória mundialmente (...) o propósito da Al-Qaeda era espalhar a jihad em todo o mundo através de vários meios, incluindo do financiamento e do treinamento de guerrilha islâmica e étnica, emitindo propaganda com o objetivo de inspirar jihadistas freelancers a cometer atos de terrorismo e a organizar e conduzir ataques complexos em países que consideravam opostos “.*⁷³

Entre os anos de 1979 a 1996 podemos esboçar as primeiras raízes da Al-Qaeda, pois elas provinham já da altura da invasão soviética do Afeganistão no ano de 1979, em auxílio ao governo comunista Afegão. Em oposição a esse governo comunista, foi criado o Movimento Nacional Afegão de Resistência que englobava opositores do governo não só provenientes do Afeganistão, mas também, de todo o Mundo, especialmente do Mundo Árabe. Esses opositores eram voluntários que pretendiam participar naquela que acreditavam ser uma Guerra Santa (Jihad), isto é, uma guerra legítima de defesa contra os invasores infiéis.⁷⁴

Entre esses opositores encontravam-se Osama Bin Laden, Abdullah Azzam e Ayman Al-Zawahiri, cuja importância na criação da Al-Qaeda foi essencial. É exactamente durante este período de criação e recrutamento do Movimento de Resistência que a ideia da Al-Qaeda começa a formar-se.

⁷³ Profile on Al-Qaeda, Homeland Security, www.globalsecurity.org/security/profiles/Al-Qaeda.htm
Visitado em 21-08-2017 Retirado o excerto: “ was formed in 1988 by veterans of the anti-Soviet civil war in Afghanistan, with the purpose of exporting the victory worldwide (...) Al-Qaeda's purpose is to spread jihad worldwide through a number of means, including funding and training Islamic and ethnic guerilla movements, issuing propaganda aimed at inspiring freelance jihadists to commit acts of terrorism, and organizing and conducting complex attacks on countries it sees opposing it.”

⁷⁴ HELLMICH, Christina (2011) “ *Al-Qaeda From Global Network To Local Franchise* ” Fernwood Publishing, London, pp. 22

De fato, a Al-Qaeda foi criada em *Peshawar* na fronteira do Paquistão e Afeganistão, no ano de 1984 por Osama Bin Laden e *Abdullah Azzam*, estudioso Palestiniense, mentor de Bin Laden.⁷⁵

Inicialmente, a Al-Qaeda tinha o nome árabe de *Maktab al Khidmat lil Mujahidin alArab* (MAK) e funcionava como uma Direção de Serviços Afegã (*Service Bureau*).⁷⁶

O objetivo deste Service Bureau era o de apoiar os estrangeiros, especialmente aqueles de origem árabe, que combatiam juntamente com a resistência afegã na sua luta contra as forças de ocupação soviéticas que haviam entrado no Afeganistão, em 1979. Como escreveu Lawrence Wright na sua obra ‘*The Looming Tower*’, este Service Bureau funcionava como “*a registry for young Arabs who turned up in Peshawar looking for a way to get into the war. It offered these men—or, often enough, high school students—guesthouses to stay in and directed them to the training camps.*”⁷⁷ O funcionamento da MAK era financiado por Bin Laden⁷⁸, proveniente de uma família saudita proeminente que se tinha fixado no Paquistão e que rapidamente se tornou numa figura acarinhada pelos Afegãos árabes e guerreiros religiosos.

A MAK é, então, considerada a organização precursora da Al-Qaeda, como é descrito por Yonah Alexander e Michael Swetnam na obra, Perfil da Al-Qaeda de Osama Bin Laden, sobre uma rede terrorista : “*A Al-Qaeda surgiu do Mektab al Khidmat (MAK), o Afegan Mujahideen ‘services offices’, por volta de 1989.*”⁷⁹

⁷⁵ Idem, Ibidem

⁷⁶ WRIGHT, Lawrence (2006) “*The Looming Tower, Al-Qaeda and The Road to 9-11*”, Alfred A, Knopf, New York, pp. 103

⁷⁷ Idem, p. 104

⁷⁸ Idem, ibidem

⁷⁹ ALEXANDER, Yonah, SWETNAM, Michael (2001) Brill - Nijhoff; First Edition “*Usama Bin Laden’s Al-Qaida Profile of a Terrorist Network*”, Ardsley NY, New York, 2001 cit in HELLMICH, Christina, Al-Qaeda From Global Network To Local Franchise, pp. 26.

Retirado o excerto: “*Al Qaeda emerged from the Mektab al Khidmat (MAK), the Afghan Mujahideen ‘services offices’, around 1989.*”

Logo a seguir ao início da retirada das forças soviéticas do Afeganistão, em 1989, a MAK começou então a evoluir. De acordo com o Relatório sobre o 11 de Setembro, feito pela Comissão de inquérito dos EUA, foi precisamente nessa altura que Bin Laden e Azzam estabeleceram aquilo que ficou conhecido como a Base – a Al-Qaeda, uma sede, ou até mesmo um quartel-general para a *jihad*, ou seja, para o combate dos muçulmanos radicais contra os inimigos espirituais, psicológicos e humanos da sua religião⁸⁰: Aponta Christina Hellmich, na sua obra, *Al-Qaeda: de Rede Global Para Franquia Local*, que:

*“Bin Laden e Azzam concordaram que a organização criada com sucesso para o Afeganistão não deveria ter permissão para se dissolver (...) eles estabeleceram o que chamariam de base ou Fundação (Al-Qaeda) como uma sede geral potencial para a futura jihad.”*⁸¹

Seria interessante neste contexto trazer para a dissertação a perspectiva de duas escolas de pensamento com duas grandes teorias cada uma, sobre o tema das estruturas originais da Al-Qaeda, assim veremos como Christina Hellmich descreve sobre o agrupo Al-Qaeda na sua obra⁸².

A primeira dessas teorias defende que a Al-Qaeda foi criada com o objectivo de ser uma organização bem formada onde haveria uma divisão do trabalho por departamentos. Segundo esta perspectiva, os indivíduos interessados em fazerem parte da organização teriam de jurar lealdade e fidelidade a Bin Laden e à causa da Al-Qaeda antes de serem aceites como membros efectivos.

⁸⁰ DONIGER, Wendy, Merriam (1999) “Webster’s *Encyclopedia of World Religions*”, Merriam-Webster, Massachusetts, pp. 571

⁸¹ HELLMICH, Christina (2011) “*Al-Qaeda: From Global Network To Local Franchise*”, Londres, Zed Books p. 26 Excerto retirado: “ Bin Laden and Azzam agreed that the organization successfully created for Afghanistan should not be allowed to dissolve. They established what they called a base or Foundation (Al-Qaeda) as a potential general headquarters for future jihad”

⁸² HELLMICH, Christina (2011) “*Al-Qaeda: From Global Network To Local Franchise*” Londres, Zed Books, pp. 28

A outra teoria, por sua vez, defende que a organização terrorista era, na verdade, constituída por uma rede de indivíduos associados a várias organizações e grupos islâmicos, não havendo por isso uma estrutura propriamente organizacional e de comando coesa. Para os defensores desta teoria, como R.T. Naylor e Christina Hellmich, a Al-Qaeda é, na verdade, composta por vários grupos e entidades que mudam e progridem segundo as necessidades e ameaças que enfrentam, como referido na sua obra, *Wages of Crime* :

“(...) a Al-Qaeda parece menos uma organização do que uma associação folgada de entidades independentes, parecidas com células, que mudam de forma e de pessoal como hoc em resposta a ameaças e oportunidades. A Al-Qaeda parece menos uma entidade do que um estado mental compartilhado, menos uma organização política do que um culto à personalidade.”⁸³

Nos anos de 1996 a 2001 assistiu-se a uma época de fortalecimento e poder dentro da Al-Qaeda, mesmo apesar das várias controversas e divergentes teorias relacionadas com a estrutura, importância, alcance e ataques realizados pela Al-Qaeda, é extensamente aceite a teoria de que foi precisamente durante esses anos que a organização terrorista ganhou destaque. Foi nesse período que, como defende Christina Hellmich, a organização sustentou-se na propaganda para fortificar a sua imagem: *“(...) o que está claro é que o período que antecedeu aos ataques de 11 de setembro testemunhou um nível crescente da propaganda da Al-Qaeda.”⁸⁴*

⁸³ NAYLOR, R.T., *“Wages of Crime”* (2002) Cornell University Press, New York, February cit in HELLMICH, Christina, *“Al-Qaeda: From Global Network To Local Franchise”*(2011), Londres, Zed Books, pp. 30 Excerto retirado: “ (...) in reality, Al-Qaeda seems less an organization than a loose association of independent, cell-like entities that change form and personnel as hoc in response to threat and opportunities. Al-Qaeda seems less an entity than a shared state of mind, less a political organization than a cult of personality.”

⁸⁴ HELLMICH, Christina, *“Al-Qaeda: From Global Network To Local Franchise”*(2011) ,Londres, Zed Books, p. 46 Excerto retirado : “ what is clear is that the period preceding the attacks of 9/11 witnessed an increasing level of Al-Qaeda propaganda”

É neste período, antes dos ataques ao World Trade Center em 2001, que se assistiu a uma mudança do foco de ação da Al-Qaeda, que deixou de ser regional para adquirir um estatuto mais global como é explicitado pela “Declaração de Jihad⁸⁵”. Essa declaração queria mostrar aos muçulmanos de todo o mundo que os EUA eram o seu inimigo primário e eram os grandes responsáveis pela opressão vivida pelo povo muçulmano com destaque para o povo habitante da Arábia Saudita. Essa declaração pretendia, então, incentivar e permitir a prossecução de uma guerra defensiva, isto é, jihad contra o exército e governo dos EUA⁸⁶.

Foi a partir de 1998, que essa tentativa da Al-Qaeda se estabelecer como um jogador mais global começa a surtir os primeiros resultados, graças à sua unificação com a Jihad Islâmica egípcia, isto é, um grupo islâmico liderado por *Ayman al-Zawahiri* de cariz militar que tinha o objetivo de instaurar um regime religioso no Egipto.

Em síntese, é possível dizer que, ao longo desse tempo, a Al-Qaeda sofreu um grande desenvolvimento. Começou por ser uma organização de cariz local com o objetivo de combater a ocupação soviética no Afeganistão e transformou-se, graças à junção com o grupo da Jihad Islâmica Egípcia e à preparação de várias acções em diferentes territórios, numa das mais conhecidas e mediáticas organizações terrorista do mundo, dando ela mesmo origem a uma outra, e provavelmente mais temida, o EI.

⁸⁵ Emitida por Bin Laden contra a ocupação dos EUA da Arábia Saudita, publicada num jornal árabe com base em Londres, em 1998.

⁸⁶ FLETCHER, Holly (2008) “*Egyptian Islamic Jihad*”, Council on Foreign Relations, May 30, 2008.

2.2 Ideologia da Al-Qaeda

A ideologia permite adaptar a estrutura organizacional, a liderança e motivação de uma organização e dá forma as estratégias e táticas adaptadas pela mesma.

Ao contrário da Al-Qaeda, que é um grupo terrorista cujo objetivo final é estabelecer um emirado islâmico no Oriente Médio num futuro indefinido, o Estado Islâmico apresenta um projeto claro, que é o estabelecimento imediato de um califado. Enquanto a Al-Qaeda sempre teve como objetivo dismantelar os acordos de poder existentes (estados ocidentais, e o regime sírio) sem oferecer uma alternativa concreta, o Estado Islâmico vai um passo adiante, oferecendo uma visão para um sistema estatal que substitui o status quo.⁸⁷

Grupos como a Al-Qaeda e como o EI formam a sua ideologia através da interpretação ou reinterpretação, e por vezes até mal interpretação, de textos e documentos e ideias políticas e religiosas. Como observou Gunaratna na sua obra, *Ideologia no Terrorismo*, o principal objetivo da ideologia é o de *“atrair e reter recrutas como membros simpatizantes.”*⁸⁸

Nos últimos tempos, tornou-se importante perceber mais do que a mensagem da Al-Qaeda, perceber sim a ideologia do EI que tanto tem inspirado seguidores por todo o mundo, e assim levar a uma melhor compreensão dessa ideologia e permitir a construção de melhores estratégias de contra terrorismo e defesa contra essa ameaça.

⁸⁷KHATIB Lina,(2015) “ *The Islamic State’s Strategy: lasting and expanding*” Carnegie Endowment for International Peace Publications Department 1779 Massachusetts Avenue NW Washington, D.C. pp.7

⁸⁸ GUNARATNA, Rohan (2005) “*Ideology in Terrorism and Counter-Terrorism: Lessons from Combating Al-Qaeda and Al Jemaah al Islamiyah in Southeast Asia*”, pp. 1.

Excerto retirado: “ (...)attract and retain recruits as members, supporters and sympathizers)

Mas uma vez que este capítulo se destina a um estudo da Al-Qaeda, ficaremos pela sua ideologia que também inspirou a do EI, torna-se por isso igualmente importante analisar em que detalhes elas se assemelham e se diferem. Portanto, para ser possível entender os seguidores e voluntários da Al-Qaeda é preciso analisar as suas crenças e a ideologia do grupo que é fundada no Islão e na *jihad* como Guerra Santa.

Certos autores defendem que a motivação da Al-Qaeda “*não é pelo poder, força ou fama, mas uma crença ideológica nas suas lutas.*”⁸⁹

Ao contrário do que é por vezes considerado, a ideologia da Al-Qaeda não foi concebida em 1988/89. Pelo contrário, essa ideologia é composta por ideias existentes já antes da criação da organização terrorista e que continuaram a progredir e a mudar mesmo após a consolidação da própria.

A conceção do que é uma ideologia merece neste capítulo alguma reflexão. Com a ajuda de Tom Quiggin e a sua obra *Understanding Al-Qaeda Ideology*, podemos falar que uma ideologia é “ (...) *principalmente um conjunto de crenças que são características de um grupo ou de um individuo nesse grupo. São essas crenças que funcionam como um fator de conexão e que desenha esse grupo coeso para alcançarem juntos os seus objetivos.*

”⁹⁰

⁸⁹ IDSS Commentaries (2005), “*Osama and Azzarqawi: Rivals or allies*” by Bouchaib Silm cit in GUNARATNA, Rohan, *Ideology in Terrorism and Counter-Terrorism: Lessons from Combating Al-Qaeda and Al Jemaah al Islamiyah in Southeast Asia*, CSRC discussion paper 05/42

⁹⁰ QUIGGIN, Tom (2009) “*Understanding Al-Qaeda’s Ideology for Counter Narrative Work*”, in Perspectives on Terrorism: a Journal of the Terrorism Research Initiative, vol3, Issue 2, August. Excerto retirado: “ (...) mainly a set of beliefs that are characteristic of a group or an individual in that group. It is these beliefs that work as a connecting factor and draw that cohesive group together to achieve their goals.”

Como veremos nos capítulos seguintes, aquando do capítulo dedicado ao EI, podemos começar já a esboçar alguns traços comuns na ideologia destas duas organizações terroristas, assim: a primeira dessas ideias, ou crenças, é a de que os muçulmanos estão sobre ataque em todo o mundo. A outra defende que quem não apoia a Al-Qaeda ou o EI, apoia os seus inimigos e opressores.

A ideologia da Al-Qaeda era, ainda, composta pela ideia que a organização e sua missão estavam na vanguarda da revolta dos oprimidos e que, não podendo atingir os seus objetivos sozinha, a organização teria de inspirar as massas através da sua mensagem.⁹¹

É, então, possível afirmar-se que a ideologia da Al-Qaeda seria composta por três grandes ideias básicas: (i) pela crença que a organização lutar a favor da revolta dos oprimidos, (ii) que as suas queixas têm um importante cariz político e (iii) que a sua visão do mundo é justificada por esses ideais⁹².

Existem da mesma forma, várias ideias e conceitos que surgem muitas vezes nos textos e narrativas da Al-Qaeda, alguns investigadores que conduziram algumas entrevistas chegaram à conclusão que existem oito temas e conceitos centrais na ideologia da Al-Qaeda e também no EI. Esses oito conceitos que aparecem frequentemente no discurso da Al-Qaeda e do EI e que ajudam a compor a sua ideologia são: *Jihad*; *Bayat*; *Dar al-Islam*; *Ummah*; *Takfir*; *Shaheed*; *WalWala Wal Bara e Hiraj*.⁹³

⁹¹ Idem, ibidem

⁹² MULTINE, Anna, "Top 3 Reasons Why Al-Qaeda is More Dangerous Than Ever" in The Christian Science Monitor.

⁹³ QUIGGIN, Tom, (2009) "Understanding Al-Qaeda's Ideology for Counter Narrative Work", in Perspectives on Terrorism: a Journal of the Terrorism Research Initiative, vol3, Issue 2, August pp. 3

Assim, será possível comparar as interpretações da Al-Qaeda e do EI com a dos estudiosos mais tradicionais e analisar de que forma a organização utiliza estes conceitos para suportar a sua ideologia e para divulgar a sua mensagem:

- *Jihad*, este conceito que já foi em parte analisado anteriormente, mostrou-se bem no centro da ideologia da Al-Qaeda e agora ganha uma nova pujança com o EI, significa guerra e é um ato obrigatório para todos os muçulmanos. O grande objectivo da jihad, nesta perspetiva, é alcançar o domínio muçulmano sobre o *Dar al-Islam* (Casa do Islão). A jihad armada é o expoente máximo desta luta e deve ser levada a cabo contra os inimigos do Islão, isto é, os infiéis e os politeístas e todos os seus apoiantes.

Já na análise tradicional, *jihad* refere-se à busca da excelência. É, segundo exemplos citados por Rohan Gunaratna “*um dos maiores esforços para alcançar um objectivo ou repelir algo detestável*”⁹⁴. Existem diversos tipos de *jihad*, por exemplo, *jihad* pelo bem, pela prosperidade, pelo desenvolvimento humano, pela educação, pela família. Existe, ainda, a *jihad* contra a condição Humana que inclui a *jihad* contra o mal, contra a estupidez, contra o ódio, contra a arrogância, contra a preguiça e eu interior.

Os principais objetivos da *jihad* são “*remover a opressão e a injustiça, e estabelecer justiça, bem-estar e prosperidade, e eliminar barreiras para expandir a verdade.*”⁹⁵

O conceito de *Dar al-Islam*, isto é, Casa do Islão, também já analisado em capítulos anteriores, era frequentemente mencionado na propaganda da Al-Qaeda e agora também na do EI. Para a organização terrorista e os seus seguidores, para se estabelecer a religião

⁹⁴ GUNARATNA, Rohan (2002) “*The Jihad Fixation: Agenda, Strategy, Portents, Wordsmith*”, cit in, Inside AlQaeda: Global Network of Terror, pp. 84

⁹⁵ Idem, ibidem

é preciso criar-se, primeiro, o Estado Islâmico (a Casa do Islão) que permitirá dar origem ao restabelecimento do Califado.⁹⁶

A mesma retórica que tinha a Al-Qaeda, observa-se também no EI, onde todos os muçulmanos são obrigados a contribuir física e monetariamente para esta causa.

2.3 A ideologia do Estado Islâmico

A ideologia do Estado Islâmico já foi por traços gerais esboçada anteriormente, neste presente parágrafo, fica de forma mais sucinta e clara essa ideologia.

Como se referiu o Estado Islâmico é uma organização islâmica salafista-jihadista, que parte da facção extremista islâmica sunita que busca restaurar os dias de glória do Islão, através da jihad, uma guerra santa dirigida contra inimigos internos e externos. O movimento salafista entende o tempo do Profeta Maomé como ideal, e os primeiros califas que o sucederam como modelos. O movimento salafista moderno começou no Egito, resultado do desejo de purificar o Islão das suas falhas e retornar ao que foi percebido como a Era de Ouro do Islão

O surgimento do Estado Islâmico do Iraque e da Síria é algo que ninguém poderia prever antes da Invasão do Iraque no ano de 2003. Uma combinação de ex-militares do exército iraquiano, clérigos islâmicos com escatologia e um exército de combatentes domésticos e estrangeiros criaram o pseudo-estado terrorista final. Divulgando-se formalmente com a Al-Qaeda Central (AQC) em 2014, a divergência ideológica e religiosa entre os dois grupos está enraizada na Al-Qaeda no Iraque e *Abu Musab Al-Zarqawi*.

⁹⁶ QUIGGIN, Tom, (2009) “*Understanding Al-Qaeda’s Ideology for Counter Narrative Work*”, in Perspectives on Terrorism: a Journal of the Terrorism Research Initiative, vol3, Issue 2, August pp.6

O papel da religião na dinâmica organizacional e a razão de ser do EI é um debate pertinente.

As reações iniciais à leitura do nome "*Estado Islâmico do Iraque e Síria*" sugerem que o EI é descaradamente e indiscutivelmente islâmico. O artigo polêmico de Graeme Wood "*O que ISIS realmente quer*" publicado no jornal *The Atlantic* apresenta um argumento bem pesquisado sobre a natureza das origens religiosas do EI⁹⁷. Ele argumenta que o EI justifica cada ação que realizam como justificações teológicas do Alcorão e o *Hadith*. O *Hadith* é essencialmente uma coleção das provas do Profeta e é a "*fonte primária da Lei Muçulmana*"⁹⁸. A reação ao artigo foi uma condenação e crítica generalizada, especialmente entre os estudiosos muçulmanos. Jack Jenkins, da *ThinkProgress.org*, cita o professor do Islão, Jerusha Tanner Lamptey, dizendo que o artigo de Wood "*perpetua a falsa ideia de que o Islão é uma tradição literalista onde os textos violentos são tomados ao valor nominal*". De acordo com Lamptey, Wood implica que muçulmanos moderados podem não ser muçulmanos legítimos, porque não seguem as práticas religiosas literárias do EI. É aí que o argumento de Wood se enfraquece - ele não entende o fato de que pode haver infinitas possibilidades para a interpretação islâmica.

Quando ouvimos a afirmação do EI ser islâmico, como o próprio nome indica, a identidade de alguns dos seus membros e os aliados sugere o contrário. Quando *Baghdadi* inicialmente se levantou para liderar o ISI, ele precisava de treinar os funcionários para reconstruir a organização. Stern e Berger escreveram, na sua obra "ISIS: O Estado do Terror", que:

⁹⁷ WOOD, Graeme (2015) "*What ISIS Really Wants*", The Atlantic.

⁹⁸ DOI, Rhman Abdur (1980) "*Hadith: An Introduction*" Kazi Publications, pp.26

"(...) embora o AQI e o EI sejam motivados por um compromisso ideológico para revivir um estado islâmico com base na compreensão da Shariah, eles formaram uma aliança com os ex-baathistas"⁹⁹.

Muitos *Baathists* eram anteriormente parte de Militares Saddam Hussein e tinham "habilidades militares e de organização e uma rede de burocratas experientes que AQI e ISI careciam"¹⁰⁰. Portanto o ISI estava disposto a comprometer os seus princípios religiosos a favor de uma melhor dinâmica organizacional e um melhor treinamento para os seus combatentes. Weiss e Hassan afirmaram que "as consequências dessa sanção de uma aliança islamista-baathist seria letal e duradoura"¹⁰¹. Da mesma forma, em 2012, quando o ISI enviou um representante para a Síria para criar *Jabhat Al-Nusra*, eles também "alcançaram para forjar relacionamentos em grupos com ideologias amplamente divergentes". Mais uma vez, o ISI, ou neste caso, o seu parceiro na época *Jabhat Al-Nusra*, estava disposto a comprometer a sua ética aparentemente intransigente para alcançar os seus objetivos.

Não deixa de ser interessante reparar num dos motivos do sucesso desta organização terrorista, relacionado com o extraordinário conhecimento do seu líder.

O EI teve mais sucesso do que os grupos anteriores de Salafi-Jihadistas no papel de convencer os seus seguidores da *ummah*. As credenciais islâmicas do seu líder, Abu *Bakr Al-Baghdadi*, um nativo iraquiano nascido em Samarra, recebeu um mestrado e um doutorado em cultura islâmica e lei da *Sharia*.¹⁰² Enquanto estava preso em Camp Bucca

⁹⁹ STERN and Berger, *ISIS: The State of Terror*, pg. 38 Excerto retirado: " (...)although the AQI and the EI are motivated by an ideological commitment to revive an Islamic state based on the understanding of Shariah, they have formed an alliance with the ex-Baathists"

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*

¹⁰¹ WEISS, Michael e HASSAN, Hassan, (2016) "*ISIS: Inside The Army of Terror*", Regan Arts pp. 19

¹⁰² WEISS, Michael e HASSAN, Hassan (2016) "*ISIS: Inside The Army of Terror*" Regan Arts ,pp. 116 / STERN e Berger, *ISIS: The State of Terror*, 34.

em 2004, Weiss e Hassan entenderam, na sua obra “ISIS: Dentro do Exército do Terror”, que o seu: “ (...) doutorado em estudos islâmicos conferiu uma sabedoria jurisprudencial sobre ele ao qual os condenados jihadistas parecem adiar. ”¹⁰³ Ele claramente tinha as qualificações islâmicas para gerar respeito entre os seus pares. Além disso, no entanto, a sua adesão à tribo *Quraysh* (a mesma que o Profeta Maomé) emprestou-lhe mais legitimidade no seu novo papel¹⁰⁴. *Baghdadi* era uma nova e genuína fonte de autoridade islâmica que desafiava até os líderes da AQC. Stern e Berger comparam as credenciais acadêmicas de *Al-Baghdadi* com as de Bin Laden e *Zawahiri*, as do negócio e da cirurgia, demonstrando claramente a superioridade islâmica acadêmica de *Bagdá*¹⁰⁵. Portanto, uma vez que Bagdá e o EI declararam um califado em 2014, os muçulmanos de todo o mundo ouviram o seu chamado e juntaram-se, usando a fidelidade religiosa de *Baghdadi* como uma excelente fonte de justificação.

2.4 O papel da escatologia no modelo do Estado Islâmico

Embora o EI utilize a teologia religiosa para grande parte das suas ações e rituais diários, o papel da escatologia no modelo do EI é primordial. A escatologia islâmica é complicada e confusa, há uma enorme divisão historicamente entre a tradição escatológica xiita e sunita. As duas seitas muitas vezes conflituam na sua teologia do fim do tempo, e ambas concordam e contradizem a escatologia judaica e cristã. Os escritores apocalípticos adaptaram-se aos eventos atuais do mundo - alguns consideraram a criação de Israel, o início do Fim dos tempos, outros argumentaram que era a Guerra de 1967, e outros ainda acreditavam que era a invasão dos EUA no Iraque de 2003¹⁰⁶. Estes são apenas exemplos

¹⁰³ WEISS Michael e HASSAN, Hassan (2016), “*ISIS: Inside The Army of Terror*” Regan Arts, pp. 118.

¹⁰⁴ Ibid., 120.

¹⁰⁵ STERN, Jessica e BERGER, J.M. (2005). “*ISIS: The State of terror*”. Harper Collins, pp 39

¹⁰⁶ WEISS Michael e HASSAN, Hassan (2016), “*ISIS: Inside The Army of Terror*” Regan Arts, pp. 121

recentes - os estudiosos muçulmanos confirmam as suas narrativas apocalípticas, a circunstâncias históricas de há séculos, incluindo a queda de Constantinopla para os Otomanos, bem como a ocidentalização do estado turco¹⁰⁷.

McCants cita Jean-Pierre Filiu com o argumento que os sunitas desprezavam o apocalipticismo desde as origens do Islão¹⁰⁸. Isso é consistente com as impressões condescendentes de Bin Laden e Zawahiri daqueles que acreditavam na mitologia. No entanto, a Guerra do Iraque de 2003 mudou drasticamente a ideia de apocalipticismo na teologia sunita. McCants argumenta, no seu livro, que "*a invasão dos EUA no Iraque e a estupenda violência que se seguiu aumentaram dramaticamente o apetite público sunita por explicações apocalípticas de um mundo virado de cabeça para baixo*".¹⁰⁹

A literatura apocalíptica muçulmana baseia-se principalmente no *Hadith*, e não no próprio Alcorão¹¹⁰. David Cook relata um processo passo a passo, que é relativamente comum, para a iniciação do Apocalipse e a aparição do *Mahdi*, uma figura misteriosa que historicamente tem sido bastante significativo para o xiismo em particular, mas em grande parte ignorado no sunnismo.¹¹¹ A primeira figura significativa nesta narrativa comum do Fim do Tempo é conhecida como o *Sufyani*, uma figura maligna que supostamente virá de Damasco ou Jordânia¹¹². McCants explica, na sua obra "O Apocalipse do Estado Islâmico", o significado complicado da figura chamada *Sufyani* – *Shia*. Que se julgou

¹⁰⁷ ŞAHİN, Kaya.(2010) "*Constantinople and the End Time: The Ottoman Conquest as a Portent of the Last Hour.*" *Journal of Early Modern History* 14, no. 4 pg 318; BRANDED, Wolfram, Felicitas Schmieder and Rebekka Voss (2016) "*Peoples of the Apocalypse: Eschatological Beliefs and Political Scenarios. Millennium-Studien*"; Bd. 63. pp. 231

¹⁰⁸ MCCANTS, William. "*The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*". New York: St. Martin's Press, 2015 pp. 145

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ COOK, David.(2005) "*Contemporary Muslim Apocalyptic Literature*". 1st ed. Religion and Politics. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, pp. 123

¹¹¹ Ibid., 127

¹¹² COOK, David.(2007) "*Abu Musa'b Al-Suri and Abu Musa'b Al-Zarqawi: The Apocalyptic Theorist and the Apocalyptic Practitioner.*" unpublished ms. pp.17

ser o descendente maligno de *Abu Sufyan* e *Mu'awiya*, o califa que lutou contra Ali pelo controle do território islâmico, e um que será finalmente morto pelo Mahdī¹¹³. Os sunitas têm uma mistura da visão dos *Sufyani*: alguns acreditam que ele é uma figura maligna, enquanto outros o consideram uma força positiva para o Islão sunita. Isso ilustra a natureza sectária das narrativas do "fim do tempo" no islamismo - há muitas interpretações variadas.¹¹⁴

Quando o EI conquistou Mosul em 2014, estabeleceram um paralelo à conquista de Aleppo e Mosul por *Nur al-din Mahmud Zangi* durante a Segunda Cruzada, uma unificação histórica da Síria e do Iraque¹¹⁵. Antes de se juntar à Cruzada, o subordinado de *Nur al-Din Saladino* deu um sermão famoso da Grande Mesquita de *Al-Nuri*, a mesma mesquita de Bagdá pontificada em junho de 2014¹¹⁶. O EI entendeu a mitologia e conheceu o significado das suas ações, eles formularam uma narrativa perfeita para demonstrar a sua legitimidade como herdeiros do califado.

Prosseguindo na sua obra, Cook afirma que Zarqawi, mais do que qualquer outro salafi-jihadista da época, tentou criar uma narrativa jihadista e apocalíptica no Iraque. A invasão do Iraque em 2003 foi vista por muitos como um evento que precederia a Hora do Juízo e Zarqawi popularizou essa noção¹¹⁷. Ele comparou a próxima luta no Iraque com três batalhas muçulmanas - a batalha árabe com os persas, os xiitas suposta aliança com os mongóis e a subsequente traição de Bagdá e conflitos históricos entre os bizantinos e os

¹¹³ MCCANTS William, (2016) *"The ISIS Apocalypse: The History, Strategy and Doomsday Vision Of The Islamic State"*, St. Martin's Press, New York, pp.108

¹¹⁴ COOK, David.(2005) *"Contemporary Muslim Apocalyptic Literature"*. 1st ed. Religion and Politics. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, pp. 128

¹¹⁵ WEISS, Michael, e HASSAN, Hassan." *ISIS: Inside The Army of Terror*". New York: Regan Arts, 2016 pp.16.

¹¹⁶ Ibid., 17.

¹¹⁷ FILLIU, Jean-Pierre e M. B. DeBevoise. (2011) *"Apocalypse in Islam"*. Berkeley: University of California Press, pp. 122.

árabes ou turcos¹¹⁸. Cook argumenta que, à medida que a Guerra do Iraque piorou, Zarqawi continuou a fazer referência a numerosos *Hadith* que eram remotamente compatíveis com o que estava a acontecer. Ele mencionou em particular a chegada de um invasor estrangeiro que entraria na Mesopotâmia para roubar o tesouro, sugerindo uma comparação clara com os Estados Unidos¹¹⁹. A retórica apocalíptica de Zarqawi abriu o caminho para o estabelecimento de um califado e a linguagem bombástica do EI.

A Síria tem um significado central na mitologia do período islâmico do fim dos tempos, como se vê na citação: "*O coração da morada do Islão é al-Sham [Síria] e sua aliança está governando pelo Islão*"¹²⁰. McCants cita profecias sunitas ditas por Maomé alegando que *al-Sham* é o local para a Batalha Final contra os infiéis: "*a fuga foi acesa aqui no Iraque, e seu calor continuará a se intensificar - com a permissão de Deus - até queimar os exércitos cruzados em Dabiq*"¹²¹. Esta citação por Zarqawi está na segunda página de cada questão do EI na revista *Dabiq*, identificando claramente a centralidade da cidade na sua narrativa. Na primeira edição da revista, está escrito que "*quanto ao nome da revista, é retirado da área chamada Dabiq no campo do norte de Halab (Aleppo) em Sham ... Uma das maiores batalhas entre os muçulmanos e os cruzados terão lugar perto de Dabiq*".¹²² O primeiro elemento da propaganda do EI é nomeado pelo suposto lugar de uma das últimas batalhas antes do Apocalipse, demonstrando claramente a centralidade da escatologia para a doutrina desta organização. O EI utiliza o apocaliticismo na sua propaganda para atrair muçulmanos de todo o mundo e parece

¹¹⁸ COOK, David. (2007) "*Abu Musa'b Al-Suri and Abu Musa'b Al-Zarqawi: The Apocalyptic Theorist and the Apocalyptic Practitioner.*" unpublished ms. pp. 10-11.

¹¹⁹ Ibid., 13.

¹²⁰ Khilafah.com, "*The heart Islam is al-Sham.*"

¹²¹ MCCANTS, William. (2015) "*The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*". New York: St. Martin's Press, pp 100

¹²² Islamic State (ISIS, ISIL) Magazine: *Dabiq* - Issue 1, The Return of Khalifa, Cover.

funcionar. Se a liderança do EI realmente acredita ou não na história de *Dabiq* é assunto de disputa, mas eles certamente aproveitam as profecias excitantes na narrativa.

McCants citou um combatente jihadista, em Aleppo : "*se acha que todos esses mujahideen vieram de todo o mundo para lutar contra Assad, está enganado. Todos estão aqui como prometido pelo Profeta. Esta é a guerra que ele prometeu - é a Grande Batalha*"¹²³ ". Um dos combatente admitia mesmo que" (...) *Dabiq é a aldeia mais importante de toda a Síria para eles... especialmente os lutadores estrangeiros*"¹²⁴.

Claramente, a afirmação de que *Dabiq* é o sítio de uma batalha final está enraizada na crença escatológica islâmica, mas se é ou não a razão pela qual tantos combatentes estrangeiros se reúnem na Síria é controverso. A narrativa não combina perfeitamente com a mitologia *de Dabiq*, como menciona McCants, devido à aliança dos muçulmanos e não-muçulmanos contra o EI, mas "*na imaginação apocalíptica, fatos inconvenientes raramente impedem a gloriosa marcha até o fim do mundo*"¹²⁵. " Mas o fato de que os eventos geopolíticos atuais não combinam com a história é irrelevante - o Islão também compõe um traço de interpretação, e isso, claro, inclui a sua escatologia. Apesar de um significado histórico no retorno do *Mahdi* na escatologia islâmica, McCants sustenta que o EI geralmente não o menciona¹²⁶. Ele teoriza que Baghdadi hesitou na utilização da mitologia *Mahdi* devido aos fracassos iniciais, e das reiteradas repetições de ISI, Zarqawi e Masri na iminência da sua chegada.

McCants descreveu com precisão, numa obra já citada "*O Apocalipse do Estado Islâmico*" ,a política do EI quando se trata do apocalipticismo:

¹²³ MCCANTS, William. (2015) "*The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*". New York: St. Martin's Press, pp. 101

¹²⁴ Ibid., 104.

¹²⁵ Ibid., 105

¹²⁶ Ibid., 142

"(...) a mudança da ênfase escatológica da pessoa do Mahdi para a instituição do califado compra o tempo do grupo para governar enquanto sustenta o momento apocalíptico que tão cativou os seus apoiantes¹²⁷".

É um excelente somatório à estratégia atual do EI, a sua conexão à religião.

2.5 Conclusões

O objetivo final do EI é a expansão do Califado para cobrir todo o mundo e para isso conseguiu receber o *Bayat* de muitos grupos Salafi-Jihadistas. A sua expansão dramática, tanto em território como em combatentes, surpreendeu os governos dos países ocidentais e muçulmanos. A propaganda do EI como se analisa na revista *Dabiq*, dá uma visão extraordinária das mentes da liderança dentro do Estado Islâmico, algo que os governos ocidentais não conseguiram facilmente ao combater quando foi em relação à Al-Qaeda na década de 1990. As ações do EI estão indiscutivelmente enraizadas na religião, pelo menos em uma interpretação do Islão, e o discurso escatológico islâmico tem um forte impacto na organização como um todo. Mas se a liderança do EI realmente acredita na sua retórica apocalíptica ou simplesmente está a abraçá-la para apelar a certos indivíduos, ainda é uma questão importante que requer pesquisa adicional. Embora a religião tenha desempenhado um papel importante no estabelecimento da legitimidade do califado, como o EI continua a ser reconhecido como um estado real, a religião provavelmente tornar-se-á cada vez menos relevante. Independentemente da sua sinceridade apocalíptica, a luta contra o EI é, em última instância, uma luta de ideias e de palavras, não apenas de armas. No outono de 2016, o EI perdeu a cidade teologicamente significativa de *Dabiq*, prejudicando seriamente a sua credibilidade apocalíptica, o que

¹²⁷ Ibid., 143 Excerto retirado: (...) " the Mahdi person's schooling for an institution of the caliphate buys the time of the group to govern while sustaining the apocalyptic moment that so captivated its supporters."

levou à criação de uma nova revista chamada *Rumiyah*, para desviar a atenção do fervor apocalíptico.

3. A Estratégia e a Postura Ideológica do Estado Islâmico

3.1 A postura estratégica do Estado Islâmico: a estratégia militar

Em traços gerais já foi anteriormente referido nesta dissertação o fundamento da estratégia do EI. Assim, e complementando o anterior capítulo, este presente será focado na capacidade militar desta organização.

A missão articulada do Estado Islâmico seguia, até ao mês de outubro de 2014, o rumo de permanecer e expandir. Em primeiro lugar, o EI estava a tentar manter e consolidar um califado físico no Iraque e na Síria, porque se perdesse o controlo do seu território, das suas cidades e das suas populações, deixaria de ter as bases materiais para se afirmar e impossibilitaria o grupo de estabelecer a sua própria soberania. Na altura em que redigíamos este capítulo, o Estado Islâmico continuava empenhado numa busca por uma estratégia defensiva, para preservar as regiões sob o seu controlo e das suas participações no Iraque e assim continuar a ter a capacidade de se expandir na Síria, para manter a sua reivindicação de um califado.¹²⁸

O segundo objetivo do grupo visa a concentração na expansão global do califado, com um alargamento externo da sua ação de interrupção e recrutamento em escala global¹²⁹. Uma eventual oportunidade de derrotar o EI, passaria pela recuperação dos seus territórios, que poderá ser uma tarefa complexa, já que o grupo pretende estabelecer uma

¹²⁸ BASMA, Salama, (2016) *"The Resilience of the Islamic State"* Wien, Jänner 2016 pg.

¹²⁹ MCFATE, Jessica Lewis (2015) *"The ISIS Defense in Iraq and Syria: Counteracting an Adaptive Enemy."* Institute for the Study of War, Middle East security Report, Washington. p.11

base de afirmação internacional através de um esforço de radicalização global em que se possa auto-sustentar, mesmo que o califado colapse¹³⁰.

O grupo tenta evitar a derrota estratégica ao expandir-se para novos territórios, como já se tornou evidente na Líbia e no Sinai, entre outros lugares. No entanto, atualmente, o califado físico ainda é a fonte de poder do Estado Islâmico, a menos que as suas operações fora da Síria e do Iraque ganhem impulso e que sejam independentes do sucesso do campo de batalha em casa.

Em terceiro lugar, os bombardeios em Beirute, Paris e outros lugares, indicam que o EI recentemente começou a mobilizar as suas redes externas para a execução de ataques terroristas como foi e ainda será estudo, mais adiante, nesta tese.

O EI esforça-se por sustentar o seu território e evitar a derrota, o que passa por adoptar uma estratégia de guerra hibridizada que combina a guerra de manobra convencional, a guerrilha e o terrorismo, mesmo no exterior. Desta forma, o grupo pretende manter uma capacidade de afirmação externa, dada a evolução das condições do campo de batalha.¹³¹ Nos últimos três anos, o EI demonstrou uma notável flexibilidade na mudança da forma e dos locais de atuação para evitar a derrota total e levar o combate para fora do Iraque e Síria. Confrontado por uma forte coaligação anti-EI, o grupo provavelmente poderá recorrer a táticas de perfil irregular e improvisado inferior para ganhar flexibilidade e resiliência. No Iraque, o EI tentou minar as operações adversas, desviando a atenção e atacando cidades que já tinham sido liberadas pela ISF, como foi o caso do ataque a Tikrit¹³². Isso tornou-se evidente quando se analisa a campanha do EI em abril de 2015

¹³⁰ MCFATE, Jessica Lewis (2015) "*The ISIS Defense in Iraq and Syria: Counteracting an Adaptive Enemy*". Institute for the Study of War, Middle East security Report, Washington, pp.10

¹³¹ Ibid., p.17

¹³² LEWIS, Jessica (2014). "*The Islamic State: A Counter Strategy for a Counter-State*". Institute for the Study of War.

nas províncias de Diyala e Salah al-Din, já que o EI começou a atacar zonas onde a ISF e as milícias Shia já tinham liberado no final de 2014.¹³³

Além disso, o Estado Islâmico tentou empenhar as forças da ISF para além da capacidade de reação para com ISF, lançando vários ataques e simultaneamente segurando e defendendo as várias frentes¹³⁴. Isso foi evidente aquando do ataque das forças da ISF ao EI em 16 de abril de 2015, perto de Ramadi, e em resposta o EI atingiu as posições da ISF no Baiji, enquanto também contrariava e defendia a sua própria posição perto de Ramadi. Além disso, um estudo recente identificou picos no uso do Estado Islâmico de Dispositivos Explosivos Improvisados (IED)¹³⁵ estreitamente relacionados com a atividade operacional. O estudo revelou que antes do EI planejar grandes operações de infantaria ou quando o grupo estivesse a sofrer muitos ataques aéreos, como reação, aumentaria o uso de minas e dispositivos explosivos improvisados (IEDs) contra veículos¹³⁶. Explosões no leste de Bagdá, que aumentaram após 5 de agosto de 2015, demonstraram a estratégia de desvio de ação por parte do grupo sobre outras áreas, pois fez um esforço para evitar reforços das ISF para Anbar. A proximidade e ameaça do Estado Islâmico sobre a capital estaria a pressionar as forças governamentais para manterem presença ali e, consequentemente, limitar a sua capacidade de atuar noutra zonas.¹³⁷

O conceito de controlo territorial do Estado Islâmico considera uma "abordagem de área inteira" (refletida na sua disposição de *wilayat*) que não se concentra exclusivamente na

¹³³ Ibid., p.10

¹³⁴ Ibid., p.12.

¹³⁵ STANTON, Andrew , THART, Amanda , SHAKARIAN, Paul (2015) " *Mining for Causal Relationships: A Data-Driven Study of the Islamic State*" Arizona, pp.1.

¹³⁶ Artificial Intelligence decodes Islamic State strategy

¹³⁷ Artificial Intelligence decodes Islamic State strategy

captura de cidades individuais.¹³⁸ A "abordagem de área" visa eliminar lacunas que possam expor o grupo a ataques internos ou ataques externos. Os desertos no norte e no oeste do Iraque têm vastas zonas de manobra e proporcionaram acesso a muitas cidades do Iraque ao longo do Eufrates e do Tigris. O EI sempre foi uma força do deserto e a sua consequente capacidade de movimentação fora das cidades, permitiu que o grupo se manobrasse nas áreas próximas sem alterar a sua disposição geral. Como resultado, o Estado Islâmico foi capaz de atacar cidades imediatamente adjacentes a desertos, a partir de múltiplas direções e estabelecer ligações entre frentes adjacentes sem entrar em contato indesejável com a ISF.¹³⁹

Além disso, o EI não necessita do controlo de cidades para montar ofensivas militares que resultem em mais danos ao adversário, pois a organização pode sobreviver e operar com sucesso a partir dos desertos e das posições urbanas incorporadas¹⁴⁰. Assim, o grupo poderia sobreviver à perda de cidades isoladas, pois podia-se afastar para o deserto e ocupar posições de baixo perfil e depois procurar recuperá-las no curto ou médio prazo. No entanto, a partir de maio de 2015, a livre circulação do Estado Islâmico pode ter sido significativamente interrompida por ataques aéreos da coligação.

3.1.1 O Relacionamento pragmático entre o Estado Islâmico e o Regime Sírio

A estratégia utilizada pelo Estado Islâmico parece, pois, diversificada e baseada no pragmatismo, bem como na coordenação e fusão de operações militares, mediáticas e

¹³⁸ MCFATE, Jessica Lewis (2015) "The ISIS Defense in Iraq and Syria: Counteracting an Adaptive Enemy." Institute for the Study of War, Middle East security Report, Washington, p.12.

¹³⁹ MCFATE, Jessica Lewis (2015) "The ISIS Defense in Iraq and Syria: Counteracting an Adaptive Enemy." Institute for the Study of War, Middle East security Report, 27/2015, Washington, p. 15

¹⁴⁰ Ibid., p.18.

socioeconómicas. O que aparentemente deu ao Estado Islâmico uma vantagem sobre outros grupos islâmicos na Síria e no Iraque.

O Estado Islâmico e o regime sírio beneficiam-se mutuamente, e, conseqüentemente, a relação entre os dois tem sido em grande parte pragmática. O regime do presidente sírio, Bashar al-Assad, tem sido um cliente económico para o Estado Islâmico, bem como um facilitador indireto das suas atividades militares, enquanto o grupo ajuda a validar a narrativa de Assad de que está a lutar contra extremistas islâmicos, uma abordagem que ele tem usado desde o início do levante sírio em 2011 para desacreditar a oposição síria¹⁴¹.

O Estado Islâmico também é útil para Assad porque serve como uma ferramenta para combater os inimigos do regime, incluindo tanto o exército sírio livre (FSA) - uma coleção de combatentes rebeldes moderados - e grupos como *Jabhat al-Nusra*, o afiliado da Al- Qaeda na Síria que foi criado para combater o regime. O Estado Islâmico surgiu pela primeira vez na Síria em áreas onde o regime perdeu para a oposição, mas que estavam longe da linha de frente. Os grupos de oposição não tinham uma grande presença militar nessas áreas - e, na maioria dos casos, estavam focados em combater o regime em outros lugares - tornando-os ideais para o Estado Islâmico.¹⁴²

O regime não priorizou na altura a retomada dessas áreas, porque Assad aparentemente calculou que ao permitir que o Estado Islâmico operasse neles, a luta contra a oposição síria e *Jabhat al-Nusra* enfraqueceria os seus oponentes e que, uma vez que a oposição

¹⁴¹ ENGEL, Pamela (2016) " *Assad's master plan is working — and now he's entrenching himself even deeper*" Article Business Insider.

¹⁴² KHATIB, Lina (2015) " *The Islamic State's Strategy- Lasting and Expanding*" Carnegie Middle East Center. Publications Department 1779 Massachusetts Avenue NW Washington, D.C. pg. 28

fosse erradicada, o regime seria capaz para controlar o Estado Islâmico . Ao fazê-lo, Assad contou com a sua apresentação ao Ocidente como parceiro de combate ao terrorismo. O Estado Islâmico¹⁴³, por sua vez, não priorizou a luta contra o regime, acreditando que o poderia facilmente dominar no futuro e concentrou-se em construir o “seu” Estado a partir de dentro. (“building its state-within-a-state”)¹⁴⁴

A ausência de linhas de frente para com o Estado Islâmico deu ao regime uma desculpa para não lutar contra ela e deu ao grupo militante a capacidade de ocupar áreas e recrutar lutadores locais e estrangeiros. A falta de luta também incentivou muitos sírios a se deslocarem para áreas controladas pelo Estado Islâmico na busca da segurança e não da ideologia. Isso ocorreu num momento em que a oposição síria estava muito fragmentada devido a desacordos políticos e à falta de uma estratégia militar viável.¹⁴⁵

O Estado Islâmico tomou posse de áreas ricas em recursos, começando em meados de 2014, tornando-se financeiramente auto-suficiente na Síria vendendo petróleo, trigo e água; exigindo resgates de estrangeiros sequestrados e impondo impostos sobre as populações locais. O regime sírio tem sido um parceiro económico chave para o grupo, que tem vendido o petróleo dos seus poços na Síria com preços reduzidos ao regime. Embora o Estado Islâmico também tenha vendido petróleo tanto para a FSA quanto para o *Jabhat al Nusra*, o qual, por sua vez, beneficiou da venda de petróleo no mercado negro na Turquia. Esta atividade foi bastante reduzida devido ao aumento da monitorização das

¹⁴³ VINOGRAD Cassandra e Ammar Cheikh Omar (2014) “Syria, ISIS Have Been ‘Ignoring’ Each Other on Battlefield, Data Suggests,” NBC News, December 11, 2014.

¹⁴⁴ KHATIB, Lina (2015) “The Islamic State’s Strategy- Lasting and Expanding” Carnegie Middle East Center. Publications Department 1779 Massachusetts Avenue NW Washington, D.C. pg. 36

¹⁴⁵ BERTRAND, Natasha (2015) “Revealed: The Oil Middlemen Between the Syrian Regime and ISIS,” Business Insider, The Telegraph

atividades na Turquia na sua fronteira com a Síria. O regime, no entanto, continua a ser visto um cliente-chave.¹⁴⁶

As forças do governo sírio começaram a atacar as áreas controladas pelo Estado Islâmico em junho de 2014, dado que a expansão do grupo no Iraque ameaçava desestabilizar áreas xiitas próximas do aliado de Assad, ou seja, o Irão. Mas a maioria do envolvimento militar do regime de Assad foi dirigida contra o Exército Sírio Livre.¹⁴⁷ Em novembro de 2014, um relatório do *Jane's Terrorism & Insurgency Center* revelou que até essa data, apenas 6% dos ataques do regime nesse ano tinham sido direcionados aos objetivos do Estado Islâmico¹⁴⁸. A relação pragmática entre o Estado Islâmico e o regime sírio continuou apesar do bombardeio de Raqqa no final de 2014. Eles pareciam ainda se coordenar nas ações, como na prestação de serviços como a eletricidade, com o grupo militar, controlando várias barragens na fronteira Iraquiano-Síria.

O pragmatismo do regime também pode ser visto na passividade para com os movimentos do grupo em áreas com presença significativa da oposição. O regime não adotou medidas significativas quando os combatentes do EI se aproximaram das Montanhas *Qalamoun* na fronteira Síria-Libanesa, para combater o exército sírio livre na área em 2014. Também não interferiu no início de 2015 quando o Estado Islâmico assumiu o controlo de *Yarmouk*, o campo de refugiados perto de Damasco - e lutou contra grupos anti-regimes durante o ataque. Um cenário semelhante ocorreu também quando o Estado Islâmico atacou a antiga cidade do deserto de *Palmyra* em maio de 2015, embora, ao

¹⁴⁶ BERTRAND, Natasha (2015) "Revealed: The Oil Middlemen Between the Syrian Regime and ISIS," Business Insider, The Telegraph.

¹⁴⁷ BERTRAND, Natasha (2015) "Revealed: The Oil Middlemen Between the Syrian Regime and ISIS," Business Insider, The Telegraph.

¹⁴⁸ HENMAN, Matthew (2014) "Islamic State and Assad 'Ignoring' Each Other on the Battlefield" *Jane's Terrorism and Insurgency Centre*''.

contrário de *Yarmouk*, não houvesse uma presença de oposição significativa em *Palmyra*¹⁴⁹. Em meados de 2015, os confrontos diretos com o regime permaneceram limitados a áreas como *Rif Hama*, o campo petrolífero *Haql al-Shaer*, a província oriental de *Deir Ezzor* e, desde maio de 2015, *Aleppo*, a maior cidade da Síria.¹⁵⁰

Ao mesmo tempo, o Estado Islâmico evitou ataques a certas áreas de regime, porque eles encontravam-se entre os seus territórios e aqueles controlados pelo seu rival *Jabhat al-Nusra*, formando assim uma zona de amortecimento entre os dois grupos. O Estado Islâmico tentou evitar ter linhas de frente com *Jabhat al-Nusra*, porque ambos se valem de lutar entre si, e isto funcionaria aparentemente como uma distração dos seus principais objetivos (construir o califado primeiro e combater o regime por último). Isso foi evidente no leste de *Hama*, bem como no aeródromo militar de *Abu al Duhur*, controlado pelo regime, na fronteira de *Idlib-Aleppo*, no noroeste da Síria. Nenhum grupo tentou ocupar o aeródromo desde a tentativa fracassada de *Jabhat al-Nusra* em janeiro de 2015, quando o seu avanço resultou num grande número de baixas nas mãos das forças do regime, levando o grupo a interromper a sua operação na aldeia de *Tal Salmo* nos arredores da área¹⁵¹. No entanto, a aquisição da *Idlib* em abril de 2015 pela coalizão rival dos rebeldes *Jaysh al-Fateh*, da qual *Jabhat al-Nusra* é um membro importante, e a expansão dos seus ataques para o norte em direção a *Aleppo*, ultrapassou o Estado Islâmico. Consequentemente, a partir de maio de 2015, o Estado Islâmico aumentou os seus próprios ataques às regiões do regime em *Aleppo* e envolveu-se em alguns confrontos militares com *Jaysh al-Fateh*. Mas essa mudança na dinâmica entre o dissipar.

¹⁴⁹ HENMAN, Matthew (2014) “*Islamic State and Assad ‘Ignoring’ Each Other on the Battlefield*” Jane’s Terrorism and Insurgency Centre”

¹⁵⁰ KHATIB Lina (2015) “*The Islamic State’s strategy lasting and expanding*”, Carnegie Endowment for International Peace Publications Department 1779 Massachusetts Avenue NW Washington, D.C, pg 5

¹⁵¹ Ibid., p. 6

O regime não tinha intenção de fazer uma luta séria contra o Estado Islâmico porque, em última instância, se o grupo eliminasse as outras facções islâmicas e os únicos jogadores restantes da Síria fossem do regime de Assad e do Estado Islâmico, o primeiro poderia apelar pelo apoio da comunidade internacional. O Estado Islâmico, por sua vez, baseou os seus cálculos numa supressão de regime.¹⁵²

3.1.2 A Propaganda utilizada como uma Tática Militar

O Estado Islâmico ficou particularmente conhecido pelo uso da propaganda, nomeadamente pela exposição pública através de vídeos de atos violentos, pela publicação de uma revista *online* com uma graficagem cuidada (*Dabiq* e a *Rumiyah*) de vários folhetos soltos e pelo uso intenso das redes sociais. A propaganda foi uma ferramenta de recrutamento fundamental para a organização e uma ação relevante para apoiar as ações militares, multiplicar os seus efeitos, ou compensar os seus fracassos.

O EI não é reconhecido como legítimo por nenhum estado do mundo, mas conta e usa com mestria os canais de comunicação existentes, como as redes sociais, para se fazer publicitar, intimidar inimigos e recrutar membros. Assim como a Al-Qaeda em 2001 explorou o desejo de ser notícias dos *media*, o Estado Islâmico usa a reprodução nos meios de comunicação internacional, mais precisamente das suas mensagens como ferramentas diretas e indiretas para promover a organização. No entanto, ao contrário da Al-Qaeda, o Estado Islâmico segue uma fórmula rigorosa ao lidar com os *media*. É muito mais específico sobre onde se promover e como. Por exemplo, até a rede social *Twitter* ter fechado as suas contas em agosto de 2014, o grupo criou contas individuais para cada *wilaya* (protetorado) que controlava. Através dessas contas, o Estado Islâmico promoveu o seu trabalho de desenvolvimento, como a abertura de escolas e a conclusão de projetos

¹⁵² Ibid., p. 6

rodoviários.¹⁵³ Esse foco em serviços visava cultivar um senso de legitimidade para o Estado Islâmico ao apresentar o grupo como um provedor para muçulmanos na necessidade. O Estado Islâmico continua a usar o *Twitter* como um método de divulgação, criando constantemente novas contas quando as mais antigas são fechadas.

Já tínhamos tido a oportunidade de estudar esta estratégia de propaganda complexa e multifacetada, que o Estado Islâmico utiliza para atrair o apoio de combatentes estrangeiros e organizações jihadistas fora do Iraque e da Síria. O objetivo é galvanizar os combatentes estrangeiros para se juntarem ao califado e assim persuadirem os grupos jihadistas a se alinharem com o EI¹⁵⁴. Essa estratégia de mensagens emprega uma variedade de temas, incluindo religião, política doméstica, internacional e dinâmica intra-jihadista. A propaganda orientada para o exterior também atrai uma ampla gama de públicos-alvo, incluindo possíveis combatentes estrangeiros e “migrantes” no Ocidente e no Médio Oriente, bem como islamitas políticos da mesma zona e membros e apoiantes da Al-Qaeda. A amplitude e a diversidade das mensagens do EI são impressionantes e desafiam a concepção comum do grupo como exclusivamente focada na violência e na brutalidade.¹⁵⁵

E esta conclusão leva-nos à necessidade de analisar com detalhe as mensagens transmitidas através do órgão central de formação e informação do EI, as Revistas *Dabiq* e a *Rumiyah*. É aqui que o EI foi apresentando o seu conceito de sociedade, de fundamentação teórica e a indicação das tarefas a desenvolver para poder subsistir. O que

¹⁵³ BERGER, J. M. (2014) “How ISIS Games Twitter,” Atlantic.

¹⁵⁴ NESSER, Peter (2008) “How did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, nº 2, p. 234.

¹⁵⁵ Num estudo bem interessante sobre as mensagens que o EI procura divulgar, Charlie Winter conclui igualmente que a brutalidade presente nessas mensagens apenas são uma pequena componente do panorama geral que o EI pretende atingir como um out-put. Ver Charlie Winter, *Documenting the Virtual Caliphate* (London: Quilliam Foundation, 2015)

nos lança o desafio de procurar descortinar a postura futura do EI ou do que dele restar após a sua derrota territorial a partir das indicações que foi transmitindo ao longo do tempo. Será assim efetuada uma análise cronológica de todas as revista publicadas ao longo de tempo.

Através da sua propaganda, o EI procura alcançar alguns argumentos centrais: restaurar com sucesso o califado, e assim funcionar efetivamente como um estado, aderindo à *sharia* como era praticado durante o tempo de Al-Salaf Alsalih, e tornar-se o único estado islâmico autêntico no mundo. Essa medida, do ponto de vista teológico, legal e político, faz com que o EI seja a única organização islâmica legítima no mundo, pois anula governos existentes, grupos políticos islâmicos e organizações jihadistas rivais. O Estado Islâmico cresce constantemente em força e em parte é mais capaz de proceder a uma unificação do que a Al-Qaeda, que, afirma o EI, está à beira da fragmentação e desintegração.¹⁵⁶

Algumas das narrativas apelam principalmente para combatentes estrangeiros e migrantes para o califado, enquanto outros visam grupos jihadistas e islamitas que operam fora do Iraque / Síria. No entanto, essas narrativas muitas vezes se reforçam mutuamente, e o EI constantemente tinge narrativas divergentes.¹⁵⁷

¹⁵⁶ NESSER, Peter (2008) *“How did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”*, Terrorism and Political Violence, vol. 20, nº 2, pp. 244

¹⁵⁷ NESSER, Peter (2008) *“How did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?”*, Terrorism and Political Violence, vol. 20, nº 2, pp. 245

3.1.3 Vencedores: A Mensagem do Estado Islâmico

A projeção de força está no cerne do sistema de mensagens estratégicas orientadas para o exterior. Para persuadir os combatentes estrangeiros e os migrantes a deixar o conforto das suas casas para se unirem ao califado, o EI procura demonstrar que é ascendente, de verdadeira posse militar e que consegue constantemente expandir o seu alcance territorial. Da mesma forma, o EI quer mostrar às organizações jihadistas alinhadas pela Al-Qaeda que as suas perspetivas de crescimento são melhores que as deles. Poucas organizações jihadistas provavelmente abandonarão a Al-Qaeda, pois foi um grupo que provou a sua resiliência ao longo de quase duas décadas de conflito com o Ocidente.¹⁵⁸

Existem no entanto, vários componentes para a mensagem de cariz vencedora do EI. O grupo divulga os seus ganhos no campo de batalha e os sucessos organizacionais, criando a percepção de que o grupo está constantemente adquirindo novos combatentes e territórios. O EI anuncia as suas vitórias através de canais de *media* oficiais e não oficiais, produzindo vídeos que retratam lutadores do EI nas linhas de frente. A legião de apoiantes da media social amplia essa mensagem, inundando o *Twitter* e outras plataformas de *media* com notícias das conquistas do grupo¹⁵⁹. Outros vídeos e fotos produzidos por afiliadas da EI fora da Síria e do Iraque mostram a sua força militar. Também nos cinemas,

¹⁵⁸ HELLMICH, Christina (2011) “*Al-Qaeda From Global Network To Local Franchise*”, Fernwood Publishing, London, pg.43

¹⁵⁹ KLAUSEN, Jytte (2015). “*Tweeting the Jihad: Social Media Networks of Western Foreign Fighters in Syria and Iraq*”. En *Studies in Conflict & Terrorism*, pg.38

mostra-se militantes fortemente armados participando em exercícios de treino ou desfilando pelas ruas enquanto exibem as suas bandeiras.

O grupo demonstra os seus sucessos militares globais para criar a impressão de que também é poderosa localmente. Por exemplo, ao apelar a militantes em lugares como o Iémen e a Somália, o EI destaca os seus ganhos em países vizinhos. Promovendo a impressão de que eles se expandem nas regiões vizinhas, e assim o grupo espera convencer os jihadistas locais de que eles também se devem juntar ao movimento.¹⁶⁰ Usam a violência instrumentalmente para alimentar a mensagem do vencedor, realizam ataques terroristas de alto perfil em países fora da Síria e do Iraque para anunciar a sua presença, e para promover a impressão de que o grupo está crescendo em força nos novos perímetros. Os atos coreografados da brutalidade chocante também reforçam as percepções da força organizacional. Vídeos de decapitações e outras atrocidades mostram ao público que o EI é capaz de punir seus os inimigos e impor a sua vontade às populações locais.¹⁶¹

A falta de informação é em si outra ferramenta que o EI usa para cultivar a percepção da sua força organizacional.¹⁶² O grupo frequentemente exagera na sua força e nos seus sucessos militares, e em pelo menos uma instância, reivindica responsabilidades por um ataque que pode não ter realizado. Embora a tendência do Estado Islâmico para o “engrandecimento” não seja única entre as organizações jihadistas - tanto o *Al-Shabaab* quanto os Talibãs inflacionam rotineiramente o número de baixas causadas pelos seus ataques - o EI tem tido mais sucesso do que outros atores não-estatais violentos ao

¹⁶⁰ Por exemplo, o EI cometeu um ataque de bomba suicida em duas mesquitas no capital do Iémen, Sanaa em março de 2015. O ataque que matou mais de cem civis e feriu muitos outros, foi o primeiro ataque reclamado pelo EI no Iémen antes de oficialmente estabelecer uma presença local, em novembro de 2014. Ver “Islamic State Claims Sanaa Mosque Attacks”, BBC, Março 21, 2015

¹⁶¹ KLAUSEN, Jytte (2015). “*Tweeting the Jihad: Social Media Networks of Western Foreign Fighters in Syria and Iraq*”. En *Studies in Conflict & Terrorism*, pg. 39

¹⁶² VIII Congresso das Relações Internacionais, Universidade Nacional de La Plata. Pg.12

apresentar a sua “desinformação” como fato. A penetração dos meios dos órgãos de informação nas zonas do EI é baixa e os jornalistas podem ser mortos em muitos territórios onde o EI é forte, deixando o EI como uma das poucas fontes de informação. Isso permite que o EI dite a narrativa dos media até certo ponto. Além disso, o exército de adeptos *online* do EI dá ao grupo uma grande influência nas plataformas dos *media* social. O EI também aparentemente tem uma compreensão perspicaz do ciclo da *media*, pois cronometra os seus lançamentos de propaganda para maximizar a atenção que o grupo recebe.¹⁶³

3.1.4 A ilegitimidade dos islamitas políticos

O EI também lançou uma campanha retórica feroz contra os islamistas políticos, incluindo a Irmandade Muçulmana e o Hamas. A crítica do Estado Islâmico às facções políticas islâmicas está enraizada na perspectiva doutrinal do grupo. O jihadismo salafista sustenta que a democracia é de evitar (politeísmo), pois coloca o governo do homem acima do governo de Deus. Como tal, o EI condenou os islamitas políticos por possuírem uma “*metodologia desviante*” e por abandonarem os “fundamentos” da sharia¹⁶⁴. As agressões verbais aos islamitas políticos não são sem precedentes dentro do movimento salafista jihadista, já que a Al-Qaeda também foi muito crítica em relação aos islamitas políticos no passado, embora tenha suavizado essa postura nos últimos anos.¹⁶⁵

¹⁶³ KLAUSEN, Jytte (2015). “*Tweeting the Jihad: Social Media Networks of Western Foreign Fighters in Syria and Iraq*”. En *Studies in Conflict & Terrorism*, pg. 40

¹⁶⁴ “From Hijrah to Khilafah”, *Dabiq* nº1 Junho/Julho 2014 pg.39

¹⁶⁵ Esta mudança de atitude da Al-Qaeda é reflectido no “*General Guidelines for Jihad*” uma missiva dada pelo Ayman al Zawahiri em 2013.

Embora os ataques retóricos do EI aos islamitas políticos estejam enraizados na teologia, também há um elemento estratégico claro: o EI considera os grupos islâmicos políticos como um grupo de recrutamento fértil. Repressões recentes na Irmandade Muçulmana do Egito, por exemplo, podem criar oportunidades significativas para o EI. Enquanto a liderança sénior da Irmandade defende uma resposta paciente, os membros mais jovens têm pressionado para que a Fraternidade se torne mais combativa.¹⁶⁶ O EI calcula que ao deslegitimar a metodologia da Irmandade Muçulmana e fornecer uma alternativa, ela pode desencadear islamitas políticos que são mais linha-dura e que vêem a violência como uma abordagem preferível nas circunstâncias atuais.

3.1.5 A Aventura Jihadista e a Camaradagem

O conceito do califado como uma utopia anda de mãos dadas com a glorificação da *jihad* pelo EI. A propaganda do EI é infundida com temas de aventura, excitação e camaradagem, parecendo largamente adaptada para homens muçulmanos na adolescência e início dos vinte anos. O grupo produziu vídeos detalhados e bem filmados de ações de combate em campos de batalha reais que espelham os videojogos violentos, como *Call of Duty* e *Grand Theft Auto*. No jornal *The New York*, Jay Kang referiu, num artigo intitulado ‘*ISIS Call of Duty*’ referiu que:

“(...) as semelhanças entre os filmes de recrutamento do EI e os jogos de tiro em primeira pessoa são provavelmente intencionais”. Em junho, um combatente do EI disse à BBC que a sua nova vida era melhor que o jogo *Call of Duty*”.¹⁶⁷

¹⁶⁶ Para uma discussão mais aprofundada das dinâmicas internas da Irmandade Muçulmana no período pós-Morsi, ver Nathan Brown e Michelle Dune “*Unprecedented Pressures, Uncharted Course Of Egyptian Muslim Brotherhood*.”

¹⁶⁷ Jay Caspian Kang (2014) “*ISIS Call of Duty*” *New Yorker*

Excerto retirado: “ (...)the similarities between EI recruiting films and first-person shooting games are probably intentional. ” In June, an EI fighter told the BBC that his new life was better than *Call of Duty*.”

Os gráficos animados com temas de videojogos que remontam ao EI estão circulando pela Internet há meses, incluindo um que diz: "ESTA É NOSSA CHAMADA ". Outro vídeo do EI, como o *Intercept*, parece uma homenagem deliberada a *Grand Theft Auto*. Clipes de áudio que se parecem muito com os do *Call of Duty* foram divididos em outros vídeos do EI. Muitos dos vídeos de recrutamento do grupo são dedicados a mostrar lançadores de foguetes, minas e rifles de assalto, como se dissesse: "Se te juntares a nós, terás que atirar nestas coisas".¹⁶⁸

Ao evocar as características estilísticas dos videojogos violentos na sua propaganda, o EI retrata a sua *jihad* como uma oportunidade para os jovens militantes viverem as suas fantasias na vida real. O EI também tenta explorar a necessidade de pertencer a uma comunidade dos combatentes estrangeiros. Fomenta-se a impressão de que existe uma grande solidariedade e camaradagem entre os combatentes do EI, apresentando os soldados do califado como uma comunidade unida. Um estudo demonstrou também que as mulheres migrantes ocidentais deslocam-se para o califado porque se sentem atraídas pelo sentimento de pertencer a uma irmandade que supostamente existe lá. Estas mulheres relataram que experimentaram sentimentos mais fortes de camaradagem e unidade no califado do que tinham conhecido no Ocidente.¹⁶⁹ Assim, a representação do Califado como um lugar de fraternidade e unidade é uma poderosa mensagem de recrutamento.

3.1.6 Estabelecendo uma fissura entre os Muçulmanos e o Ocidente

Outra narrativa que a EI tem usado para mobilizar muçulmanos que vivem no Ocidente é aquela que coloca o califado e o “acampamento do Islão” contra o Ocidente e o “campo do *kufir*”¹⁷⁰. A percepção de que o Ocidente colocou o Islão sob um cerco ajuda a

¹⁶⁸ Jay Caspian Kang (2014) “*ISIS Call of Duty*” New Yorker, 18 de Setembro.

¹⁶⁹ SALTAMAN Erin Marie e Melanie Smith (2015) “*Till Martyrdoom Do Us Part*” London: Institute for Strategic Dialogue, pg.15

¹⁷⁰ “The Extinction of the Grayzone (2015) Dabiq Magazine 7, Fevereiro

mobilizar apoiantes. O EI também expandiu essa teoria ao tentar criar uma divisão entre os muçulmanos que vivem no Ocidente e as suas sociedades, acreditando que isso podia obrigar os muçulmanos ocidentais a se unirem ao califado. Essa lógica estratégica foi esboçada num artigo intitulado “*A Extinção da Zona Cinzenta*”, publicado na sétima edição da *Dabiq*. O artigo explica que entre os campos rivais, constituídos pelos muçulmanos que prometeram a sua lealdade ao califado e o Ocidente, existe uma zona cinzenta composta por muçulmanos que vivem no Ocidente. O objetivo do EI é eliminar essa zona cinzenta dividindo a sociedade ocidental por linhas religiosas vincadas o que poderia levar à radicalização dos muçulmanos moderados e à sua cooptação pelo EI. O EI acredita que os ataques jihadistas aos alvos ocidentais possam produzir essa polarização social. O artigo da revista *Dabiq* explica que a presença do califado “(...) *amplia o impacto político, social, económico e emocional de qualquer operação realizada pelo mujāhidīn contra os cruzados enfurecidos. Esse impacto ampliado obriga os cruzados a destruírem ativamente a zona cinzenta*”¹⁷¹. À medida que os ataques se intensificam e o clima político no Ocidente se torna mais intolerante, os muçulmanos no Ocidente serão forçados a tomar uma decisão crítica: “ou apostam e adotam a religião *kufr* para viver entre os *kuffār* sem dificuldades, ou realizam *hijrah* para o Estado Islâmico e assim escapar da perseguição dos governos e cidadãos cruzados.”¹⁷²

O EI também coage e pressiona os muçulmanos a juntarem-se ao califado. O grupo alega que “com a declaração do califado, todos os muçulmanos devem jurar fidelidade”, como *Abu Muhammad al-Adnani* ditou no seu comunicado ao anunciar o califado em junho de 2014¹⁷³. Também se invocam escrituras religiosas e se recorre a simbolismos para

¹⁷¹ Ibid, pg.62 Excerto retirado: “(...) amplifies the political, social, economic and emotional impact of any operation carried out by the mujāhidīn against the enraged crusaders. This expanded impact forces the crusaders to actively destroy the gray area”

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Abu Muhammad al-Adnani,(2014) “*This is the Promise of Allah*” 29 de Junho

ressaltar a urgência de se unir ao califado. Na declaração de Adnani, ele citou *Ahmad ibn Hanbal*, fundador da escola Hanbali de jurisprudência sunita, que declarou: “Não é permitido a ninguém que acredita em *Allah* dormir sem considerar como seu líder quem os conquiste pela espada até que ele se torne *khalīfah* e é chamado *Amīrul-Mu'minīn* (o líder dos crentes), seja este líder justo ou pecador¹⁷⁴”, ou seja, retrata-se a aceitação do califado como necessário para alcançar a salvação na vida após a morte.¹⁷⁵

O EI complementa os seus argumentos religiosos com apelos emocionais e exortações, desafiando a masculinidade e piedade daqueles que não aderiram ao califado. Na terceira edição da *Dabiq*, o IS explica que “abandonar a *hijrah* - o caminho para a *jihad* - é um assunto perigoso. Com efeito, a pessoa está abandonando a *jihad* e aceitando de bom grado sua condição trágica de ser um espectador hipócrita¹⁷⁶”. Talvez o mais notável e criativo dos esforços do EI para evocar culpa e mobilizar os muçulmanos tenha surgido num vídeo produzido em março de 2015 pelo Wilayat Ninawa¹⁷⁷. O vídeo, intitulado “*Mensagem daqueles que são dispensados àqueles que não são desculpados*”, apresenta dois lutadores surdos integrantes do EI. Apresenta-se como um desafio direto para os muçulmanos que não aderiram ao grupo. Afinal, se os surdos - que normalmente são isentos da obrigação de fazer *jihad* - se podem juntar ao EI e lutar, aqueles sem deficiência não têm desculpa.

3.1.7 Recrutamento de combatentes estrangeiros

Um elemento característico da estratégia do Estado Islâmico é o esforço do grupo para atrair combatentes estrangeiros, por exemplo na Líbia. O EI imagina Sirte¹⁷⁸ como uma

¹⁷⁴ Abu Muhammad al-Adnani, (2014) “*This is the Promise of Allah*” 29 de Junho

¹⁷⁵ Ver Graeme Wood (2015) “*What ISIS Really Wants*”, The Atlantic

¹⁷⁶ “*The Fear of Hypocrisy*”, (2014) *Dabiq Magazine* 3 Agosto

¹⁷⁷ “*Message from Those who Are Excused to Those Who Are Not Excused*” Wilayat Ninawa, 8 de Março 2015.

¹⁷⁸ Sirte é uma importante cidade do Golfo de Sidra, Líbia. A cidade foi praticamente destruída e saqueada ao final da Guerra Civil Líbia de 2011, tendo sido o último ponto de resistência dos partidários do Regime

terceira capital do seu califado e uma possível opção de retirada se o grupo perder território significativo na Síria e no Iraque¹⁷⁹. Assim, tem-se observado alguns esforços do EI para promover a sua nova e promissora província para combatentes estrangeiros nos medias. Por exemplo, imediatamente após o estabelecimento do *wilayat* pelo grupo em Derna em novembro de 2014, alguns apoiantes lançaram no *Twitter* uma campanha de *hashtag* pedindo que indivíduos do Sudão, Magrebe e outras partes da África viajassem para a Líbia, caso não pudessem chegar à Síria e ao Iraque.¹⁸⁰

Num artigo intitulado "Jihadis femininas de língua inglesa na Líbia, emitem chamada do Estado Islâmico às armas" do jornal britânico *The Guardian*, Shiv Malik e Chris Stephen falam de três mulheres de língua inglesa que se acreditava estarem a viver em territórios controlados pelo Estado Islâmico na Líbia, fizeram numerosas ligações em várias plataformas dos *media* para a *hijra* na Líbia. Postavam sob o pseudónimo *Umm Unknown*, uma mulher disse: "Venha para a Líbia. *Hijra* não é apenas para *Shaam* [Síria] agora. A Líbia também precisa de si." ¹⁸¹ Em abril de 2015, o setor dos *media* em *Wilayat Tarabulus*, o nome oficial da facção do EI em Sirte, divulgou um vídeo pedindo que os tunisianos migrassem para Sirte¹⁸². O apelo à migração da Tunísia para a Líbia sugere que a estratégia do EI no norte da África é fortalecer a sua posição na Líbia, ao invés de espalhar imediatamente os seus recursos entre a Líbia e os países vizinhos.

Deposto, que tinha apoio de boa parte da população local. Em 2015, a cidade foi tomada por militantes do Estado Islâmico.

¹⁷⁹ KIKPATRICK, David, Ben Hubbard e Eric Smith (2015) "ISIS Grip on Libyan city Gives it a Fallback option." New York Times.

¹⁸⁰ Ver os tweets de Alijl Suria wal-Iraq. @ShAm_KhilaFa, 4 novembro de 2014

¹⁸¹ MALIK Shiv e Chris Stephen (2015) "English Speaking Female Jihadis in Lybia Issue Islamic State call to Arms" *Guradian* (U.K)

Excerto Retirado: "Come to Libya. *Hijra* is not just for *Shaam* Syria] now. Libya also needs you."

¹⁸² The Islamic State: "Campaign of the Banner – Wilāyat al-Barakah

3.1.8 Conclusões

Vimos neste capítulo parte da faceta propagandística do EI que terá continuação no próximo. Vimos também neste capítulo a descrença por parte do EI em relação aos islamitas políticos, embora os ataques retóricos do EI aos islamitas políticos fossem enraizados na teologia, também havia um elemento estratégico claro: o EI considerava os grupos islâmicos políticos como um grupo de recrutamento fértil.

De salientar o inegável poderio do EI nos *media*, através do uso de *sites* e vídeos que circulam pelo mundo virtual e a que facilmente se tem acesso, tanto por parte de homens como de mulheres maioritariamente jovens, onde vêem expostos ideais de vida que constituem um apelo a uma realização pessoal orientada por um propósito de irmandade que (falsamente) pode preencher as suas vidas. A propaganda orientada para o exterior atrai uma ampla gama de públicos-alvo, incluindo possíveis combatentes estrangeiros e “migrantes” no Ocidente e no Médio Oriente, bem como islamitas políticos da mesma zona e membros e apoiantes da Al-Qaeda. A amplitude e a diversidade das mensagens do EI são impressionantes e desafiam a concepção comum do grupo como exclusivamente focada na violência e na brutalidade. Podemos mesmo concluir que o esforço do grupo para atrair combatentes estrangeiros se constituiu como um elemento fundamental da estratégia do Estado Islâmico,

Veremos no próximo capítulo aquando da análise das principais revistas, o conteúdo mais detalhado da mensagem do EI ao mundo.

4. A Evolução futura do Estado Islâmico

4.1 Uma análise do conteúdo escrito no passado: de Dabiq a Roma

De 23 a 25 de novembro de 2016, teve lugar na Universidade Nacional de La Plata, o VIII Congresso de Relações Internacionais¹⁸³. Desse congresso ficou compilado um conjunto significativo de informação de que, uma vez lida, foi possível retirar algumas ideias importantes. As revistas *Dabiq* e *Rumiyah* são logo tidas como “*uma valiosa fonte de informação*”¹⁸⁴ (...). De fato a análise dessas publicações, tão cuidadosamente elaboradas, permite visualizar de forma mais objectiva e abrangente o conteúdo da mensagem do EI ao longo do tempo. Nota-se que as publicações contêm estratégias específicas para o campo discursivo da enunciação política como se terá a oportunidade de ver mais há frente.

Começamos pela primeira publicação da revista *Dabiq*, em 29 de junho de 2014. Foi através do seu porta-voz *Abu Muhammad al Adnani*, que o EI declarou a reconstituição do califado, dessa forma, o grupo aproveitou as suas vitórias militares para gerar um impacto global com uma ampla ressonância simbólica nos muçulmanos em todo o mundo. Esta declaração do califado foi equivalente a um chamado de despertar particularmente para os adeptos do islamismo salafista, cujos grupos nominalmente apontam para este objetivo¹⁸⁵. O grupo abandonou referências geográficas, enfatizando as suas aspirações globais e a sua recusa em reconhecer as fronteiras atuais do Médio Oriente, optando por se chamar "o Califado" ou o "Estado Islâmico". É neste momento

¹⁸³ VIII Congresso das Relações Internacionais, Universidade Nacional de La Plata. Para mais informação: www.iri.edu.ar

¹⁸⁴ VIII Congresso das Relações Internacionais, Universidade Nacional de La Plata. Pp.4.

¹⁸⁵ STERN, Jessica y Berger, J.M. (2015) “*Estado Islâmico: Estado de Terror*”. Vogais.Pp.45

que se publica a primeira edição de revista *Dabiq*, a primeira a aparecer em vários idiomas ao mesmo tempo, incluindo o inglês.

Uma das particularidades do EI é o seu uso prolífico de estratégias de comunicação, particularmente a sua presença nas redes sociais e a produção de vídeos de propaganda que ajudam a circular a posição do grupo. Entre esses esforços, destacam-se as revistas sobre circulação na Internet, incluindo o *Dar al-Islam* (em francês, num esforço para atingir adeptos e potenciais adeptos na França e na Bélgica), *Konstaniyye* (em turco) e duas revistas publicadas simultaneamente em várias línguas: *Dabiq* e *Rumiyah*. A primeira dessas publicações foi publicada em julho de 2014 e, após catorze edições publicadas em períodos irregulares, concluiu com a sua décima quinta e última edição em julho de 2016, enquanto a segunda publicação (vista como a sua sucessora e seguindo as mesmas linhas editoriais) apareceu em setembro de 2016. Ambas as revistas apareceram na *deep web*, mas depois foram distribuídas em várias redes sociais e *sites*, permitindo assim o fácil acesso.¹⁸⁶

Os títulos de ambas as publicações internacionais são toponímicos. A *Dabiq* refere-se a uma aldeia perto de Aleppo que, de acordo com um *hadith*, será o cenário de uma batalha entre as forças do Islão e as de Roma (termo geralmente entendido como Ocidente ou Cristianismo). Desta forma, o título está ligado à visão escatológica do grupo, que levanta a iminência da batalha final que dará a vitória ao Islão.¹⁸⁷

A revista inclui uma referência a essa ideia na sua primeira página, incluindo uma citação de *Abu Musab al-Zarqawi*, fundador da Al-Qaeda no Iraque: "*A centelha foi acesa aqui no Iraque e o seu coração continuará a se intensificar - com a permissão de Allah - até*

¹⁸⁶ STERN, Jessica y Berger, J.M. (2015) "*Estado Islâmico: Estado de Terror*". Vogais.Pp.47

¹⁸⁷ VIII Congresso das Relações Internacionais, Universidade Nacional de La Plata. Pp.8

queimar os exércitos cruzados em Dabiq ¹⁸⁸ Dabiq tem um significado adicional, como o local de uma batalha de 1516 entre os Otomanos e os Mamelucos cuja vitória ficou nas mãos dos primeiros, consolidando-se assim o último califado islâmico¹⁸⁹. Este nome é então uma referência fundamental ao passado, a um passado vitorioso, inserido na doutrina islâmica e portanto um apelo ligado às fortes expectativas escatológicas atualmente presentes em partes significativas do mundo árabe.

A perda de *Dabiq* pelo EI levou a uma segunda publicação. *Rumiyah*, alude, agora ao nome da cidade de Roma, símbolo do Cristianismo e da cultura ocidental. Na sua capa, o título também aparece reforçado com uma citação sobre este tema de *Abu Hamza al Muhajir*, sucessor de *Al-Zarqawi* no comando da Al-Qaeda no Iraque e um dos primeiros líderes do Estado Islâmico até à sua morte em 2010: " Ó *muwahiddin* [crentes em um só Deus], *regozije-se, porque por Allah, não descansaremos da nossa jihad, exceto sob as oliveiras de Rumiyah* (Roma)¹⁹⁰".

Ambas as publicações têm um *design* profissional e fotos de alta resolução que incluem manipulação digital. As suas múltiplas publicações refletem os esforços relativamente bem sucedidos do EI para doutrinar e atrair combatentes e seguidores fora do mundo árabe: enquanto a *Dabiq* foi publicada em inglês, árabe, alemão e francês, a sua herdeira *Rumiyah* expandiu-se, incluindo uma versão russa adicional e outras línguas faladas principalmente por muçulmanos (indonésio e turco).

¹⁸⁸ Revista 1 Dabiq Julho de 2014 pg.1

Excerto retirado: " The spark has been lit here in Iraq and your heart will continue to intensify - with Allah's permission - until it burns down the crusading armies in Dabiq"

¹⁸⁹ Stern, Jessica y Berger, J.M. (2005). " *ISIS: The State of terror*". Harper Collins. Pg.39

¹⁹⁰ Revista 1 Rumiyah Setembro de 2016, pg. Excerto retirado: " O *muwahiddin* [believers in one God], rejoice, for by Allah, we shall not rest from our jihad except under the olive trees of Rumiyah (Rome) "

Número	Data / <i>Hijri</i>	Título da Capa
1 (<i>Dabiq</i>)	Julho 2014 - <i>Ramadan 1435</i>	O Retorno do Califado
2 (<i>Dabiq</i>)	Julho 2014 - <i>Ramadan 1435</i>	A Inundação
3 (<i>Dabiq</i>)	Setembro 2014 - <i>Shawwal 1435</i>	Uma chamada para a <i>hijra</i> (migração)
4 (<i>Dabiq</i>)	Outubro 2014 - <i>Dhul-Hijjah 1435</i>	A Cruzada Fracassada
5 (<i>Dabiq</i>)	Novembro 2014 - <i>Muharram 1436</i>	Permanecendo e Expandindo
6 (<i>Dabiq</i>)	Dezembro 2014 - <i>Rabi' Al-Awwal 1436</i>	Al-Qaeda do Waziristão: um testemunho do interior
7 (<i>Dabiq</i>)	Fevereiro 2015 - <i>Rabi'Al-Akhir 1436</i>	Da hipocrisia à apostasia
8 (<i>Dabiq</i>)	Março 2015 - <i>Jumada al-Akhirah 1436</i>	Apenas a <i>sharia</i> governará África
9 (<i>Dabiq</i>)	Maio 2015 - <i>Sha'ban 1436</i>	Eles tramam e Alá completa
10 (<i>Dabiq</i>)	Julho 2015 - <i>Ramadan 1436</i>	A Lei de Alá ou as leis dos homens
11 (<i>Dabiq</i>)	Agosto 2015 - <i>Dhul Qa'Dah 1436</i>	Das Batalhas de <i>Al-Ahzab</i> à Guerra das coligações
12 (<i>Dabiq</i>)	Novembro 2015 - <i>Safar 1437</i>	Terror Justo
13 (<i>Dabiq</i>)	Janeiro 2016 - <i>Rabi'Al-Akhir 1437</i>	O <i>Rafidah</i> de <i>Ibn Saba al Dajjal</i>
14 (<i>Dabiq</i>)	Abril 2016 - <i>Rajab 1437</i>	A Irmandade <i>Murtadd</i>
15 (<i>Dabiq</i>)	Julho 2016 - <i>Shawwal 1437</i>	Quebrar a Cruz

1 (<i>Rumiyah</i>)	Setembro 2016 - <i>Dhul-Hijjah 1437</i>
2 (<i>Rumiyah</i>)	Outubro 2016 - <i>Muharram 1438</i>
3 (<i>Rumiyah</i>)	Novembro 2016 - <i>Shawwal 1438</i>
4 (<i>Rumiyah</i>)	Dezembro 2016 - <i>Rabi al-Awwal 1438</i>
5 (<i>Rumiyah</i>)	Janeiro 2017 - <i>Rabi al-Akhir 1438</i>
6 (<i>Rumiyah</i>)	Fevereiro 2017 - <i>Jumada al-awwal 1438</i>
7 (<i>Rumiyah</i>)	Março 2017 - <i>Jumada al-akhirah 1438</i>
8 (<i>Rumiyah</i>)	Abril 2017 - <i>Rajab 1438</i>
9 (<i>Rumiyah</i>)	Maio 2017 - <i>Sha'ban 1438</i>
10 (<i>Rumiyah</i>)	Junho 2017 - <i>Ramadan 1438</i>
11 (<i>Rumiyah</i>)	Julho 2017 - <i>Shawwal 1438</i>
12 (<i>Rumiyah</i>)	Agosto 2017 - <i>Dhu al-Qidah 1438</i>
13 (<i>Rumiyah</i>)	Setembro 2017 - <i>Dhul-Hijjah 1438</i>

O calendário islâmico/muçulmano é um calendário lunar que consiste em 12 meses (num ano de 354 ou 355 dias). É usado em países muçulmanos para determinar os dias apropriados de feriados e de rituais Islâmicos, tais como o período anual do jejum e o tempo apropriado para a peregrinação a Meca. O calendário islâmico emprega a era de Hijri, cuja época foi retrospectivamente estabelecida como o ano novo islâmico de 622 AD/CE. Durante esse ano, Maomé e os seus seguidores migraram de Meca para *Yathrib* (agora Medina) e estabeleceram a primeira comunidade muçulmana (*Ummah*), um evento comemorado como o Hijra. No Ocidente, as datas nesta época são geralmente denotadas como *AH* (*latim: Anno Hegirae, "no ano do Hijra "*). Em países muçulmanos, é também por vezes denotado como *H* a partir da sua forma árabe. Em inglês, anos antes do *Hijra* são contados como *BH* (*"antes do Hijra "*) O ano islâmico atual é 1440 AH.

No calendário gregoriano, 1440 AH funciona como aproximadamente 11 de setembro de 2018 a 30 de agosto de 2019.

<u><i>Hijri</i></u>	<u>Significado do Mês¹⁹¹</u>
<i>Ramadan</i>	É o nono mês do calendário islâmico, e é considerado pelos muçulmanos em todo o mundo como o mês do jejum (<i>sawm</i>) para comemorar a primeira revelação do Alcorão a Maomé de acordo com crença Islâmica. Esta observância anual é considerada como um dos cinco pilares do Islão. O mês dura 29 – 30 dias com base nos avistamentos da lua crescente, de acordo com numerosas contas biográficas compiladas nos <i>hadiths</i> .
<i>Shawwal</i>	É o décimo mês do calendário islâmico lunar. Significa "levantar ou transportar"; assim chamado devido a uma analogia a um camelo fêmea, que normalmente estaria carregando um feto nesta época do ano. O primeiro dia de <i>Shawwāl</i> é <i>Eid al-Fitr</i> . Alguns muçulmanos consideram seis dias de jejum durante <i>Shawwāl</i> começando o dia após <i>Eid ul-Fitr</i> . Estes seis dias de jejum, juntamente com os jejuns do Ramadão, são equivalentes ao jejum durante todo o ano. O raciocínio por trás desta tradição é que uma boa ação no Islão é recompensado 10 vezes, portanto, jejum de 30 dias durante o Ramadão e 6 dias durante <i>Shawwāl</i> equivale a jejuar o ano inteiro em termos de recompensa.
<i>Dhul-Hijjah</i>	É o décimo segundo e último mês no calendário islâmico. É um mês muito sagrado no calendário islâmico, é quando o <i>Hajj</i> (peregrinação) tem lugar, bem como o Festival do Sacrifício. " <i>Dhu al-Hijjah</i> " significa literalmente "possuidor da peregrinação " ou "o mês da peregrinação ". Durante este mês, peregrinos muçulmanos de todo o mundo se reúnem em Meca para visitar a <i>Kaaba</i> . O <i>Hajj</i> é realizado no oitavo, nono e décimo dia deste mês. O dia de <i>Arafah</i> realiza-se no nono dia do mês. <i>Eid al-Adha</i> , o "Festival do Sacrifício ", começa

¹⁹¹ Explicação detalhada do calendário muçulmano disponível em:

<https://www.britannica.com/science/calendar/Ancient-and-religious-calendar-systems#ref60219>

	no décimo dia e termina no pôr do sol do 13º dia.
<i>Muharram</i>	É o primeiro mês do calendário islâmico. É um dos quatro meses sagrados do ano durante o qual a guerra é proibida. É tido como o segundo mês mais sagrado, depois do Ramadão. Uma vez que o calendário islâmico é um calendário lunar, <i>Muharram</i> move-se de ano para ano quando comparado com o calendário Gregoriano. O décimo dia de <i>Muharram</i> é conhecido como o dia de Ashura, parte do luto de <i>Muharram</i> para muçulmanos xiitas e um dia de jejum para muçulmanos sunitas.
<i>Rabi' Al-Awwal</i>	É o terceiro mês no calendário islâmico. Durante este mês, muitos muçulmanos celebram <i>Mawlid-o</i> , o aniversário do profeta Maomé. Embora a data exata seja desconhecida, os muçulmanos da fração Sunita acreditavam que a data de nascimento de Maomé foi no décimo segundo dia deste mês, visto que eles acreditavam que ele carregou a aurora do décimo sétimo dia. O próprio Profeta nunca comemorou o <i>Mawlid</i> , em vez disso incentivou os muçulmanos a jejuar às segundas-feiras de cada semana devido ao seu aniversário que seria numa segunda-feira. O nome <i>Rabī ' al-Awwal</i> significa o primeiro, ou o início da Primavera, referindo-se à sua posição no calendário árabe pré-islâmico
<i>Jumada al-Akhirah</i>	Este é o sexto mês do calendário islâmico. A origem da palavra vem do conceito <i>Jumda</i> , a partir da qual o nome do mês é derivado, é usado para denotar seca, terra ressecada: terra desprovida de chuva, e, portanto, denotar os meses secos. Como o calendário islâmico é um calendário lunar, e os meses começam quando o primeiro crescente de uma lua nova é avistado, o ano do calendário lunar islâmico é 11 a 12 dias mais curto do que o ano solar, <i>Jumada Al-Thani</i> migra ao longo das estações.
	É o oitavo mês do calendário islâmico. Este é o mês da "separação ", assim chamado porque era o tempo dos árabes pagãos se dispersarem para encontrarem água. A décima quinta noite deste mês é

<i>Sha'ban</i>	conhecida como a "noite dos registros". <i>Sha ' Ban</i> é o último mês lunar antes do Ramadão, e assim os muçulmanos determinam nele quando será o primeiro dia do jejum do Ramadão.
<i>Dhul Qa'Dah</i>	É o décimo primeiro mês no calendário islâmico, é um dos quatro meses sagrados no Islão durante o qual a guerra é proibida, daí o nome "mestre da trégua".
<i>Safar</i>	É o segundo mês do calendário islâmico. A palavra árabe " <i>Safar</i> " significa "vazio", correspondente ao período de tempo pré-islâmico árabe quando as casas das pessoas se encontravam vazias, já que elas encontravam-se fora, reunindo comida. " <i>Safar</i> " também significa "assobiar do vento", como esta era provavelmente uma época ventosa do ano. A maioria dos meses islâmicos são nomeados de acordo com as condições meteorológicas do tempo. No entanto, uma vez que o calendário é lunar, os meses mudam aproximadamente 11 dias em cada ano, significando que as estações não correspondem necessariamente ao nome do mês.
<i>Rajab</i>	É o sétimo mês do calendário islâmico. A definição lexical de <i>Rajab</i> é "respeitar". Este mês é considerado como um dos quatro meses sagrados no Islão em que as batalhas são proibidas. Os árabes pré-islâmicos também consideravam a guerra uma blasfêmia durante os quatro meses. Os muçulmanos acreditavam que <i>Rajab</i> é o mês em que <i>Alī Ibn abī Tālib</i> , o primeiro imã de <i>Shia Islam</i> e quarto califa do Islão Sunni, nasceu dentro da Kaaba, o lugar mais sagrado de adoração para os muçulmanos. <i>Rajab</i> e <i>Sha ' bān</i> são um prelúdio para o mês sagrado do Ramadão.

O EI não se dirige apenas aos não-muçulmanos, mas também aos muçulmanos liberais. As revistas também contêm artigos baseados na vida das mulheres, dentro da sociedade em que se transmitem geralmente declarações ou orientações visando promover o entendimento do papel das mulheres na contribuição para a finalidade do grupo ou para o cumprimento das suas regras. Recentemente, uma categoria baseada nas mulheres foi nomeada “Irmãs” na 5ª e 6ª edição.

Artigos relacionados com personalidades significativas às suas histórias de vitória são também incluídos com alguma frequência nas revistas. O grupo publica igualmente entrevistas que envolvem pregações influentes, informações sobre a atualidade, e mensagens diretas e indiretas, nomeadamente de apelos às “Táticas do Terror Justo”.

Os artigos que se enquadram nas exclusividades e visam ações consideradas determinantes, como assassinatos estratégicos são intitulados “Caminhos para a vitória” e foram publicados em partes, em cada edição.

Artigos sobre personalidades estudiosas (exemplo: os eruditos são amaldiçoados; Pg-28 a questão 1) são significativos na maioria das questões. Analisando algumas destas revistas, iremos nos debruçar nos primeiros cinco problemas:

Problema 1: “ Stand and Die Upon That for which your Brothers Died”

Artigos	Artigo 1	Artigo 2	Artigo 3	Artigo 4	Artigo 5	Artigo 6	Artigo 7	Artigo 8	Artigo 9
Informativos			Sim		Sim	Sim		Sim	Sim
Influencia	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim		Sim	Sim	Sim
Religiosos	Sim	Sim	Sim	Sim			Sim		
Mensagem Direta		Sim		Sim	Sim		Sim	Sim	
Mensagem Indireta		Sim					Sim		

Problema 2: “A Message from East Africa”

Artigos	Artigo 1	Artigo 2	Artigo 3	Artigo 4	Artigo 5	Artigo 6	Artigo 7	Artigo 8	Artigo 9	Artigo 10
Informativos	Sim	Sim	Sim	Sim			Sim			Sim
Influência	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Religiosos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Direta	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Indireta			Sim			Sim		Sim	Sim	

Problema 3: “The Weakest House is That of a Spider”

Artigos	Artigo1	Artigo 2	Artigo 3	Artigo 4	Artigo 5	Artigo 6	Artigo 7	Artigo 8	Artigo 9	Artigo 10	Artigo 11	Artigo 12
Informativos	Sim	Sim	Sim				Sim			Sim		Sim
Influencia	Sim	Sim		Sim		Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Religiosos	Sim	Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Direta		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Indireta	Sim	Sim	Sim		Sim		Sim		Sim	Sim	Sim	

Problema 4: “Hijrah does not cease as long as the Kuffar ¹⁹² are fought”

Artigos	Artigo 1	Artigo2	Artigo 3	Artigo 4	Artigo 5	Artigo 6	Artigo 7	Artigo 8	Artigo 9	Artigo 10
Informativo	Sim	Sim	Sim	Sim			Sim		Sim	
Influência	Sim	Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Religioso	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Direta		Sim		Sim					Sim	
Mensagem Indireta		Sim		Sim	Sim		Sim	Sim		

¹⁹² Kuffar significa Incrédulos.

Problema 5: ‘‘ The Syrian Sahwat Shallow Unity and Reliance on Taghut ‘‘

Artigos	Artigo 1	Artigo 2	Artigo 3	Artigo 4	Artigo 5	Artigo 6	Artigo 7	Artigo 8	Artigo 9	Artigo 10	Artigo 11
Informativo		Sim	Sim	Sim			Sim	Sim	Sim		Sim
Influência	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Religioso	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	
Mensagem Direta	Sim	Sim		Sim	Sim	Sim	Sim	Sim		Sim	
Mensagem Indireta	Sim			Sim	Sim		Sim				

Como se observa acima, cada edição é normalmente dedicada a um tema diferente, com o padrão comum de se referir em geral a grupos adversários ao EI (Islão xiita, governos árabes, Cristianismo, a Irmandade Muçulmana Egípcia e Al-Qaeda) No entanto, em todos os seus números, juntamente com artigos referentes ao título da publicação, observa-se que nos artigos de interpretação teológica, se apela a uma migração para os territórios controlados pelo grupo, com a finalidade de fornecer força de combate, notícias militares e relatórios de avanços políticos. A revista mostra-se, portanto, num valioso material de pesquisa com um *corpus* de pouco mais de mil páginas, facilmente acessível na Internet, que permite analisar como se apresenta o Estado Islâmico. Aborda os seus seguidores atuais e potenciais e vincula a sua ideologia às suas estratégias militares e políticas, tudo num meio que não requer um amplo conhecimento do pensamento árabe ou islâmico.

Alguns especialistas colocam o antecessor da *Dabiq*, na revista em língua inglesa da Al-Qaeda, ‘‘*Inspire*’’, que apareceu em 2010. Embora ambas as publicações tenham características semelhantes em termos de *design*, intencionalidade e métodos de circulação, fazem, porém, apelos opostos aos seus seguidores. Refletindo estratégias

divergentes de construção política, parece poder distinguir-se por parte da publicação da Al-Qaeda o estímulo mais consistente à realização dos ataques "lobo solitário", organizados individualmente ou em grupos autogeridos com base em instruções e conselhos fornecidos pela revista, enquanto o EI procura realçar a sua obra, nomeadamente a declaração do Califado, que estriba em justificações religiosas, e justificar os seus atos no território sob o seu controlo. O EI clama pela migração de todos os muçulmanos para poder continuar a expandir o seu território, demonstrando uma organização com pretensões territoriais e o apelo massivo a combatentes externos e à militância individual.¹⁹³

Um dos primeiros elementos que chama a atenção do leitor ao ler *a Dabiq e Rumiya*, é a presença constante de fotos que representam a violência, incluindo cadáveres, detritos e explosões. Isso é consistente com outros esforços de comunicação do EI, tal como os seus famosos vídeos de execuções. Nesse sentido, Klausen ressalta que, com base nas suas próprias publicações, fica claro que os membros do EI se sentem mais à vontade a mostrar altos níveis de violência gráfica do que outros grupos terroristas¹⁹⁴. Outros autores como Berger e Stern apontam isso como uma das diferenças que geraram a cisão entre a Al-Qaeda e o EI, já que o primeiro grupo considerou contraproducente a disseminação de atos de violência extrema que pudessem levar ao isolamento do grupo¹⁹⁵. É por isso evidente que a violência não é vista pelo EI como um impedimento, mas como uma ferramenta funcional para os objetivos do grupo. E provavelmente a disseminação de atos de violência sendo considerada uma expressão de capacidade, de poder de realização do EI que pode promover o apelo a jovens desorientados. Autores como Patrick Cockburn

¹⁹³ KOVENSKY, Josh (2014). "ISIS's New Mag Looks Like a New York Glossy—With Pictures of Mutilated Bodies". In New Republic.

¹⁹⁴ KLAUSEN, Jytte (2015). "Tweeting the Jihad: Social Media Networks of Western Foreign Fighters in Syria and Iraq". En Studies in Conflict & Terrorism, 38(1), pg.1-22

¹⁹⁵ STERN, Jessica y Berger, J.M. (2005). "ISIS: The State of terror." Harper Collins. Pg.30

argumentam que o grupo faz uso especializado do medo como uma ferramenta de construção política¹⁹⁶.

Diversos autores apontam a centralidade da disseminação da violência no contexto da estratégia do EI para divulgar a sua mensagem e ampliar o seu poder. Em particular, a origem deste tipo de mensagens é atribuída a um texto de 2004 que encontrou eco nos discursos dos líderes do EI, intitulado "A Administração da Selvageria" (*Idarat al Tawahush*) e distribuído via Internet com a autoria de *Abu Bakr Naji*, um pseudônimo.¹⁹⁷ Este texto, que estabelece etapas para a realização da *jihad*, concede uma grande relevância à visibilidade da violência como forma de acumular poder em busca do objetivo de estabelecer um califado islâmico.

A revista *Dabiq* que faz referência aos mártires, parece apontar para a consolidação do grupo e para uma inspiração dos combatentes, que são chamados a sustentar e a expandir o legado daqueles que morreram, como evidenciado na seguinte citação da revista intitulada "*Terror Justo*" (fazendo referência aos ataques realizados em diferentes países no final de 2015):

*"As bombas certamente mataram muitos mujahidin, mas cada vez mais outros tomaram o seu lugar todos os dias, tanto quanto os anteriores para morrer como shahid [mártir] em nome de Alá".*¹⁹⁸

Os adversários do EI aparecem constantemente em muitas das publicações, e muitas vezes tornam-se no foco das mesmas. Assim, a revista inclui ainda uma secção intitulada "*O*

¹⁹⁶ COCKBURN, Patrick (2015). "*The Rise of Islamic State: ISIS and the New Sunni Revolution*". Londres: Verso, pg 42

¹⁹⁷ STERN, Jessica e Berger, J.M. (2005). "*ISIS: The State of terror*". Harper Collins. Pg.42

¹⁹⁸ Revista *Dabiq* 12, Novembro de 2015, pg.50 Excerto retirado: "The bombs certainly killed many mujahideen, but more and more others took their place every day as much as the previous ones to die as shahid [martyr] in the name of Allah."

Estado Islâmico nas palavras do inimigo", onde se lêem citações de políticos ocidentais e analistas que advertem sobre a força do EI. A reprodução da *Dabiq* tem uma clara intenção de mostrar aos seus seguidores e aos potenciais, a importância e o reconhecimento que adquiriu o grupo aos olhos dos estados no mundo, contribuindo para a legitimidade do grupo ao olhar exterior. Esta ideia foi iniciada pela revista da Al-Qaeda em Inglês, *Inspire*, uma antecessora da *Dabiq* em estilo e conteúdo¹⁹⁹.

A natureza controversa das publicações do EI parece ter reforçado as diferenças e as críticas que marcam os seus artigos, em comparação com outros grupos ligados ao Islão político, como a Al-Qaeda, o Hamas e a Irmandade Muçulmana. A Al-Qaeda, que há anos era o símbolo internacional da leitura jihadista do salafismo, foi ultrapassada em relevância pelo EI pelo menos até à derrota territorial, mas continuou sempre a apresentar uma abordagem específica dedicada ao recrutamento e preparação para a guerra, contra o "*inimigo distante*" (Estados Unidos e aliados) e os líderes mundiais (ocidentais) que atacaram os territórios muçulmanos e tornaram a instauração do Califado muito difícil²⁰⁰. O EI reverteu essa estratégia, declarando o seu próprio estado, proclamando o Califado, enquanto as suas ações são preponderantemente orientadas contra o "*inimigo próximo*" (muçulmanos xiitas, percebidos apóstatas, hereges e os governos da região)²⁰¹. Por outro lado, a Irmandade Muçulmana que é o foco de *Dabiq* número catorze, bem como outras organizações muçulmanas também se vêm envolvidas e criticadas, nomeadamente se não vierem juntar forças com o EI na defesa do "Califado".

Dabiq como uma peça de comunicação política entra num debate com outros atores políticos que atuam como adversários. Este elemento, referido por Veron como "*um*

¹⁹⁹ STERN, Jessica e Berger, J.M. (2005). "*ISIS: The State of terror*". Harper Collins. Pg. 31

²⁰⁰ HABECK, Mary (2014). "*Attacking America: Al Qaeda's Grand Strategy in its War with the World*". Foreign Policy Research Institute.

²⁰¹ GERGES, Fawaz (2016). "*ISIS: A History*". New Jersey: Princeton University Press"

negativo''²⁰²e por Laclau como "*antagonista*"²⁰³ é central no discurso político: ao incluir governos do mundo islâmico que são criticados pelo EI, podemos verificar que a legitimação do EI é baseada na constituição do grupo como uma alternativa (que procura basear na pureza religiosa) para uma ordem social particular, que é caracterizada por oposição (negativamente) perante os outros (que não satisfazem as premissas da religião). A partir desse contraste, uma identidade política comum²⁰⁴ é formada e não apenas como uma leitura teológica ou organização armada. Esta construção também envolve questões heterogêneas que o grupo passou a incluir: nomeadamente a pobreza, a marginalização e a violência por parte de exércitos estrangeiros, a discriminação contra muçulmanos sunitas feita por xiitas governantes, assim como a secularização dos estados do mundo islâmico questões que, são homologadas numa visão negativa da realidade onde o EI se apresenta como a entidade capaz de os resolver.²⁰⁵

A primeira edição do *Dabiq*, intitulado "*O Retorno do Califado*", começou com citações do líder do EI, *Abu Bakr al-Baghdadi*, e porta-voz do grupo, *Abu Muhammad al-Adnani*, com fragmentos declarando o estabelecimento do Califado Islâmico e enfatizando o seu carácter global. O discurso de Baghdadi, em particular, é chamado a Hégira (migração) para o califado, enfatizando a necessidade de médicos, engenheiros, académicos e especialistas se juntarem a este movimento. A Hégira constitui o movimento de ida de Maomé para Medina onde instaurou, de facto, o núcleo inicial e territorial do mundo muçulmano (ver capítulo 1.1). É pois neste contexto que se pretendeu colocar a migração de muçulmanos em todo o mundo para assumir tarefas específicas nesta construção do

²⁰² VERÓN, Eliseo (2001). "*El cuerpo de las imágenes*". Bogotá: Norma pg. 31

²⁰³ LACLAU, Ernesto (2005). "*La Razón Populista*" Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica pg.15

²⁰⁴ VERÓN, Eliseo (1987). "*La palabra adversativa*". En AAVV, *El Discurso Político*. Buenos Aires: Hachette, pg.47

²⁰⁵ Revista *Dabiq* 13, Janeiro de 2016 pg. 7

Califado. Algumas edições da revista ainda enfatizam mesmo o fato de que existem casas disponíveis para facilitar a absorção imediata.²⁰⁶

Um aspeto merecedor de atenção é o modo pelo qual a *Dabiq* narrou os esforços de construção política que materializam o projeto de um Estado Islâmico de acordo com a ideologia do grupo. A particularidade do EI como uma organização que outrora teve um controlo incremental do território e a mobilização do Islão como fonte de legitimidade é que ele precisa enquadrar o seu progresso como um sinal do plano divino do qual o grupo é visto como uma parte integral²⁰⁷. Cada conquista é um sinal de evidência e todo recuo, portanto, deve ser ignorado ou contextualizado dentro de um avanço de longo prazo. Esse plano divino é também a fonte do título das publicações: o fim dos tempos, a batalha final e a chegada do Mahdi, que consagrará o Islão como a verdadeira religião do mundo.

Da mesma forma, muitas destas páginas demonstram a vontade de transmitir uma leitura de realidade firmemente estabelecida no passado islâmico. Nesse sentido, podemos entender tanto a reintegração do califado quanto uma promessa que incorpora a garantia de um retorno a um passado glorioso para o mundo muçulmano²⁰⁸, e a compreensão do confronto com países ocidentais em termos religiosos usando o termo das Cruzadas. É uma leitura com uma visão histórica dos eventos presentes que teria como papel fundamental os esforços para gerar identificação da própria história do Estado Islâmico.

As páginas da *Dabiq* estão repletas de exemplos que demonstram o uso do EI da expectativa apocalíptica presente no mundo islâmico. A crença numa vitória final e a

²⁰⁶ VIII Congresso das Relações Internacionais, Universidade Nacional de La Plata. Pg.7

²⁰⁷ GAMBHIR, Harleen K. (2014). "*Dabiq: The strategic messaging of the Islamic State*". Institute for the Study of War.

²⁰⁸ STERN, Jessica e Berger, J.M. (2005). "*ISIS: The State of terror*". Harper Collins

possibilidade individual de fazer parte desta história dá ao EI um caráter utópico que funciona como uma poderosa resposta aos problemas da contemporaneidade.²⁰⁹

4.2 A análise do comportamento atual do Estado Islâmico

Neste penúltimo capítulo irei tomar uma abordagem futurística em relação ao EI, tendo em consideração os últimos anos da organização, das suas perdas e do caminho pelo grupo já traçado. Vimos anteriormente que o EI se apoia na componente religiosa Sunita e pretendia causar o maior nível de dano à fração Xiita. Porém a cobertura dada aos sunitas teve como consequência direta a reunião dos adversários que promoveram o seu combate em colaboração, ou não, com as potências externas. Por isto, o EI sofreu um desgaste profundo que levou à perda territorial da sua base, mas não afetou a sua ideologia, que parece estar a passar por uma fase de descentralização no combate ao Ocidente. Vimos também que já anteriormente o EI tinha vindo a procurar criar outras bases territoriais, em que o caso da Líbia está bem documentado

Como consequência têm surgido cada vez mais opiniões de que Estado Islâmico terá uma previsão de perda final do seu território remanescente no Iraque e na Síria em pouco tempo, o que representaria o sucesso para a coligação internacional e um golpe fundamental para o EI: manter território significa receita e uma grande vantagem de propaganda²¹⁰. Mas permanecem algumas questões sobre o que acontecerá com a organização e com o seu pessoal presente e do que fará o grupo quando não tiver mais nenhum território para chamar de seu “estado”. A problemática das áreas de maioria sunita no Iraque e na Síria também se revela um assunto delicado, pois uma vez que o EI não os controlará mais, ficará essa situação por se esclarecer. Estabelecer uma governança

²⁰⁹ GERGES, A. Fawaz (2016) “*Isis: A History*”. New Jersey: Princeton University Press pg. 34

²¹⁰ BYMAN, L. Daniel (2018) “*What happens when ISIS goes underground?*”, Brookings.

legítima nessas áreas tem sido uma meta inatingida no Iraque, apesar de um governo eleito e anos de contribuições militares. E daqui resultará possivelmente muito do destino futuro do EI na região. Ou a comunidade sunita na Síria e Iraque se considera segura e integrada de forma aceitável, e portanto legítima, na estrutura do Estado, o que dificultaria a reaparição do EI, ou isso não se verifica e a reaparição do EI pode ser apenas uma questão de tempo.

Depois, a questão sobre o que acontecerá entretanto aos agentes do EI. Eles podem recorrer a mais atividades terroristas "tradicionais" – do foro ideológico, focando-se em facilitar e organizar ataques nos países do Oriente Médio e da Europa de onde vieram a maioria dos seus combatentes, mantendo uma presença dispersa e discreta em regiões de estados débeis. Mas podem também na sequência da sua derrota no Iraque e na Síria procurar concentrar-se e promover o crescimento da organização nas declaradas “províncias” do EI, como no Sinai do Egito ou no Afeganistão. Os líderes estão bem conscientes dos perigos da dispersão.²¹¹

Poderia o fim do "Estado Islâmico" significar mais ataques terroristas conduzidos por atores solitários, como em Westminster, em março de 2017? Houve sugestões de que o EI teve um papel mais direto do que se pensava nesses ataques recentes, como o caminhão dirigido por uma multidão de civis em Nice.

A Jordânia é particularmente preocupante pela sua fragilidade política e económica, o seu grande número de refugiados do conflito sírio e da sua proximidade com Israel. Organizações jihadistas violentas gostariam de explorar a oportunidade de envolver Israel

²¹¹ JONES G. Seth e DOBBINS James (2017) *“Why a Dying Islamic State Could Be an Even Bigger Threat to America”* RAND Corporation.

diretamente. Muitos analistas argumentam que a construção sustentada do “Estado” é a única maneira de interromper o ciclo de violência:

*“ Se o Estado Islâmico for derrotado e permanecer derrotado, as medidas militares precisarão ser combinadas com assistência econômica, técnica e política destinada a melhorar a capacidade local e estadual.”*²¹²

Ao longo dos anos temos visto um amadurecimento a nível estratégico da Al-Qaeda, o grupo mostrou e continua a mostrar ter evoluído, mais do que parece acontecer com o EI. A Al-Qaeda tem apresentado uma postura mais estadual e menos violenta, assumindo uma postura de “partido de estado”, o que naturalmente lhe abriu mais a capacidade de penetração. Este grupo tem aparentemente agregado outros grupos sociais e religiosos e trabalhado com entidades diferentes, ganhando assim uma preponderância social discreta.

Qual será então a postura do EI perante a Al-Qaeda? Irá optar pela integração ao grupo mais antigo, passando por uma cooperação de esforço e voltando atrás na história? Ou pretenderá continuar a adoptar uma postura divergente à da Al-Qaeda?

O EI tem uma forte base ideológica que se julga o seu fundamento principal, e neste momento parece estar à espera de conseguir um acesso territorial privilegiado, principalmente na Líbia, Egito e África.

Dadas as posturas estratégicas e comportamentais de ambos os grupos, será provável que o EI escolha permanecer separado à Al-Qaeda, procurando por um território livre para aí exercer o poder, o que não implica mudar a sua ação de fomento de ataques terroristas

²¹² JONES G. Seth e DOBBINS James (2017) “*Why a Dying Islamic State Could Be an Even Bigger Threat to America*” RAND Corporation. Excerto retirado: “ If the Islamic State is to be defeated and stay defeated, military measures will need to be combined with economic, technical, and political assistance designed to improve state and local capacity.”

nomeadamente contra os seus opositores no campo religioso muçulmano como os xiitas, ou de desgaste contra o ocidente.

4.3 Conclusões

Neste penúltimo capítulo sondamos algumas das revistas online do EI, vimos o seu interior e que tipo de ideias é que levam no seio de cada publicação. Um aspecto merecedor de atenção foi o modo pelo qual a Dabiq narrava os seus esforços de construção política que posteriormente se materializaram no projeto de um Estado Islâmico de acordo com a ideologia do grupo. Vimos também que as páginas da Dabiq estavam repletas de exemplos que demonstravam a expectativa apocalíptica presente no mundo islâmico. A crença numa vitória final e a possibilidade individual de fazer parte desta história dá ao EI um carácter utópico que funciona como uma poderosa resposta aos problemas da contemporaneidade.

Já no fim do presente capítulo analisamos de forma sucinta qual o tipo de futuro que o EI poderia ter a curto prazo, e que relações poderia assumir em relação à Al-Qaeda, dadas as posturas estratégicas e comportamentais de ambos os grupos, parecendo provável que o EI escolha permanecer separado da Al-Qaeda, procurando obter algum controlo sobre um território pouco seguro ou instável para aí exercer o poder.

Por último, existe a permanente preocupação por parte dos serviços de segurança com o potencial aumento do número de ataques , em maior ou menor grau, organizado pelo EI, em países como o Líbano, a Tunísia e a Jordânia, bem como no Ocidente.

5. Considerações Finais

Ao longo desta dissertação tivemos a oportunidade de olhar sob diferentes prismas para este grupo terrorista que se auto domina de Estado Islâmico. Desde a sua história, ao conhecimento do Islão, ao seu grupo fundador Al-Qaeda, às ideologias tanto da Al-Qaeda como do EI que inevitavelmente acabaram por ditar a separação dos grupos, à análise da sua estratégia tanto no terreno como no recrutamento através das suas revistas *online* e da sua influência nos media.

O caminho que o EI escolheu trilhar levou-o a um protagonismo a nível mundial que parecia impossível poucos anos antes. As suas opções diferenciaram-no significativamente de outros grupos terroristas, nomeadamente da Al-Qaeda que até então era a organização terrorista mais famosa e mais mediática. Com o nascimento do EI e da sua brutal violência, as atenções voltaram-se para este grupo islâmico que perseguia o sonho de constituir o califado. Sonho esse que teve altos e baixos, mas que nestes últimos tempos foi significativamente reduzido pois o Estado Islâmico sofreu uma série de derrotas fundamentais que levaram, na prática, ao fim da sua expressão territorial nos últimos dois anos.

De destacar que a sua base no Iraque e na Síria praticamente desapareceu. No outono de 2014, o Estado Islâmico controlava grande parte do leste da Síria e do oeste do Iraque, incluindo Raqqa, Mosul e Tikrit, e na primavera de 2015, o grupo capturou Ramadi no Iraque e Palmyra na Síria, enquanto a sua “província” na Líbia capturou Sirte. Desde então, uma mistura de forças do governo iraquiano, milícias curdas, grupos tribais locais e a coligação ocidental empurraram o grupo das principais cidades do Iraque e da Síria²¹³.

²¹³ BYMAN, L. Daniel “ *What happens when ISIS goes underground?*”, Brookings .

Tudo aponta para que Estado Islâmico seja susceptível de perder todo o seu território no Iraque e na Síria nos próximos meses e o declínio do Estado Islâmico enquanto expressão física do Califado a desaparecer.

As suas maiores ostentações são agora os seus maiores fracassos. São menos os estrangeiros que se querem juntar a um grupo incapaz de defender o califado e claramente perder para os inimigos que prometeram derrotar. Além disso, grupos locais no Iraque e na Síria, tinham-se aliado ao Estado Islâmico devido à sua percepção de sucesso constante e temiam que acabassem vulneráveis quando o grupo inevitavelmente triunfasse, mas com a mudança dos tempos, mesmo os grupos que adotaram a ideologia do Estado Islâmico, têm agora um forte incentivo para trocarem de papéis.²¹⁴

Assim sendo o Estado Islâmico continua a enfatizar o conceito de um califado como a força motriz por trás do sucesso do grupo, à medida que o Estado Islâmico se vai desmoronando. Parece provável que os seus líderes remanescentes não se vão desmoralizar, ou desistir e, ao contrário, procurarão perseguir o sonho em novas bases até que uma oportunidade melhor se apresente. O plano poderá passar por um reagrupamento para manter a sua relevância em regiões frágeis e eventualmente ressurgir através de uma mistura de terrorismo internacional, regional e insurgência local, enquanto mantêm a sua causa viva²¹⁵.

Infelizmente, tanto o Iraque quanto a Síria oferecem áreas promissoras para um renascimento. No Iraque, o governo de Bagdá implementou repetidamente políticas que discriminavam os sunitas, sem a força ou o apoio necessário para integrar harmoniosamente uma população infeliz. As milícias xiitas estão ocupando muitas áreas

²¹⁴ Ibidem

²¹⁵ Ibidem

sunitas que o Estado Islâmico já dominou e foram reportados abusos contra os Sunitas locais. E daqui vem a importância já referida de uma rápida e consistente estabilização e inter-relacionamento entre as diversas componentes sociais e religiosas futuras no Iraque e na Síria.

É bom ter consciência que apesar da presente fase pela qual o EI está a passar que, o Estado Islâmico não é um estranho a ser derrotado: ele emergiu da Al-Qaeda no Iraque, e que por vários anos estava à beira da morte, mas conseguiu sobreviver e instaurar um controlo territorial significativo.

Um de muitos ataques perpetuados por influência ou direção do EI foi o que se verificou nos EUA, em Orlando, onde se assistiu aos ataques denominados de "lobos solitários" que podem ser sangrentos, mas a maioria das ações destes "lobos solitários" são limitadas²¹⁶. É improvável que tenham os efeitos de possíveis ataques de combatentes estrangeiros treinados que retornam aos seus países de origem. Mas os "lobos solitários" podem ter um impacto significativo ao nível das consequências sociais levando à alteração de relações entre componentes da sociedade nos Estados Unidos e na Europa, destruindo assim as relações entre comunidades muçulmanas e não-muçulmanas que são tão vitais para o contraterrorismo e para a própria democracia²¹⁷. Ataques deste cariz aumentam a islamofobia no Ocidente. Essa islamofobia também pode se desenvolver numa espiral perigosa. Conforme as comunidades se tornam suspeitas, elas se retiram para si mesmas e se tornam menos confiantes na aplicação da lei, o que resulta em menos dicas. Em contraste, se uma comunidade tem boas relações com a polícia e a sociedade,

²¹⁶ Ibidem

²¹⁷ Ibidem

menos queixas existem para os terroristas explorarem e a comunidade é mais provável de apontar os malfeitores no meio deles.²¹⁸

Para evitar que o Estado Islâmico se restabeleça no Iraque e na Síria ou se espalhe por outras partes da região, os Estados Unidos (pois são a maior força de combate ao EI) devem adotar uma concepção mais ampla de contraterrorismo, reconhecendo a ligação entre grupos terroristas jihadistas e guerras civis. Grupos como o Estado Islâmico exploram as guerras civis e agravam-nas: se as guerras civis no mundo muçulmano forem exacerbadas, podemos esperar que grupos jihadistas na região continuem com um forte protagonismo. A extinção das guerras civis é um imperativo estratégico e humanitário. Programas de resolução de conflitos e diplomacia liderada pelos EUA são vitais para amenizar os efeitos das guerras civis.²¹⁹

Assim para derrotar o Estado Islâmico como uma insurgência clandestina, deve-se desenvolver um bom governo nos seus antigos territórios tanto no Iraque como na Síria, convencendo os habitantes locais a ajudar a erradicar o grupo - um feito improvável para o qual não há voluntários confiáveis. Ao contrário de seu renascimento anterior, o Estado Islâmico tem agora dois países onde pode explorar os problemas, em oposição ao Iraque no passado.²²⁰

²¹⁸ Ibidem

²¹⁹ Ibidem

²²⁰ Ibidem

Referências Bibliográficas

LIVROS:

ALEXANDER, Yonah, SWETNAM, Michael (2001) Brill - Nijhoff; First Edition
“*Usama Bin Laden’s Al-Qaida Profile of a Terrorist Network*”, Ardsley NY, New York,
2001 cit in HELLMICH, Christina, “Al-Qaeda From Global Network To Local
Franchise”;

ALTMAN, Israel Elad (2006) “*The Egyptian Muslim Brotherhood after the 2005
Elections*”, in Hillel;

BIRKE, Sarah, John M. Owen IV, Robert A. Pape, Oliver Roy, Peter Welby. 2015 “
Islão- Guerras Sem Fim”’, Cadernos D.Quixote;

COCKBURN, Patrick (2015). “*The Rise of Islamic State: ISIS and the New Sunni
Revolution*”. Londres: Verso;

COOK, David.(2007) “*Abu Musa’b Al-Suri and Abu Musa’b Al-Zarqawi: The
Apocalyptic Theorist and the Apocalyptic Practitioner.*” unpublished ms;

DOI, Rhman Abdur (1980) “*Hadith: An Introduction*” Kazi Publications;

DUARTE, Felipe Pathé. 2015 “*Jihadismo Global- Das Palavras aos Actos*”.
Marcador, Queluz de Baixo;

EL HANINI, ZUHRA MOHD (2007) “*Noções de Direito Islâmico (Sharia)*”
Universidade da Região da Campanha, Campus Universitário do Curso de Direito,
Brasil;

EVANS Gareth, et al (2006) *Terrorismo e Relações Internacionais*, Lisboa, Gradiva;

FETHULLAH Gulen, M. (2004), “*In True Islam, Terror Does Not Exist*”, In an Islamic Perspective Terror and Suicide Attack, Ergun Capan (ed.), The Light, New Jersey;

FILLIU, Jean-Pierre e M. B. DeBevoise. (2011) “*Apocalypse in Islam*”. Berkeley: University of California Press;

GAARDER, J., Hellen, V., Notaker, H. (2000) “*O Livro das Religiões*”. São Paulo: Editora Schwarcz;

GERGES, A. Fawaz (2016) “*Isis: A History*”. New Jersey: Princeton University Press;

GUNARATNA, Rohan (2002) “*Inside Al Qaeda- Global Network of Terror*” Columbia University Press;

GUNARATNA, Rohan (2002) “*The Jihad Fixation: Agenda, Strategy, Portents, Wordsmith*”, cit in, Inside AlQaeda: Global Network of Terror;

HELLMICH, Christina (2011) “*Al-Qaeda From Global Network To Local Franchise*”, Fernwood Publishing, London;

ISBELLE, S. A. (2007) “*O Estado Islâmico e sua organização*”. Rio de Janeiro: Qualitymark;

JENKINS, Philip (2011) “*Jesus Wars*”. San Francisco: HarperOne;

JUERGENSMEYER, Mark, et al (2006) “*Terrorismo e Relações Internacionais*”, Lisboa, Gradiva;

KHATIB, Lina (2015) “ *The Islamic State’s Strategy: lasting and expandin*” Carnegie Endowment for International Peace Publications Department 1779 Massachusetts Avenue NW Washington, D.C.

KNUDSEN, Are (2003) “*Political Islam in the Middle East*” Chr. Michelsen Institute, Bergen, Janeiro;

LACLAU, Ernesto (2005). “*La Razón Populista*” Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica;

LEWIS, Jessica (2014). “*The Islamic State: A Counter Strategy for a Counter-State*”, publicado pelo Institute for the study of War, Washington, Dc 20036;

MADAWI Al-Rasheed, Carool Kersten, and Marat Shterinn (2013) “*The Caliphate: Nostalgic Memory and Contemporary Visions*,” in *Demystifying the Caliphate*, ed. Al-Rasheed, et al (London: Hurst & Co);

MCCANTS, William. (2015) “*The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*”. New York: St. Martin’s Press;

NAYLOR, R.T. (2011) “*Wages of Crime*”, Cornell University Press, February 2002 cit in HELLMICH, Christina, *Al-Qaeda From Global Network To Local Franchise*, Fernwood Publishing, London;

PAPE, A Robert (2005) “*Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*” Random House, New York;

RODRIGUES, Manuel (1980) “ *O Mundo Árabe e Islâmico*”, Instituto da Defesa Nacional;

SALAMA, Basma (2016) “ *The Resilience of the Islamic State*” Ministério Federal da Defesa e Desportos;

SALTAMAN Erin Marie e Melanie Smith (2015)“ *Till Martyrdoom Do Us Part* “
London: Institute for Strategic Dialogue;

STERN, Jessica e Berger, J.M. (2015). “*Estado Islâmico: Estado de Terror*”. Vogais;

VERÓN, Eliseo (2001). “*El cuerpo de las imágenes*”. Bogotá: Norma;

WAGEMAKERS, Joas (2012) . “ *A Quiest Jihadi*”. Cambridge University Press;

WEISS, Michael, e HASSAN, Hassan (2016) ” *ISIS: Inside The Army of Terror*”. New York: Regan Arts;

WRIGHT, Lawrence (2007) “*The Looming Tower, Al-Qaeda and The Road to 9/11*.
Vintage; Reprint edition.

ARTIGOS/ REVISTAS ONLINE:

ABDULSALAM. M (2006) “ *What is Islam - What is Islam (part 1 of 4): The Core of Islam*” , Articles, Beliefs of Islam, category “What is Islam”, in IslamReligions.com, pp.1-2

COSTA, Sandra Liliana, (2010) “*As correntes de pensamento no interior do Islamismo*”. In: “*O Pensamento Islâmico Radical e as Redes Terroristas na Europa.*” Working Papers, pp. 1-17

BERGER, J.M and MORGAN, Jonathon (2015) “ *The ISIS Twitter Census- Defining and describing the population of ISIS supporters on Twitter*” March nº20 pp.10-32

BUNZEL, Cole (2015) “ *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*” March nº19 pp. 7-11 e 15-16

DABIQ Magazine nº 1 (2014) “ *The Return of Khilafah*”

DABIQ Magazine nº 2 (2015) “ *The Flood*”

DABIQ Magazine nº3 (2014) “ *The Call to Hijrah*”

DABIQ Magazine nº4 (2014) “ *The Failed Crusade*”

DABIQ Magazine nº5 (2014) “ *Remaining and Expanding*”

DABIQ Magazine n°7 (2015) “*From Hypocrisy to Apostasy: The Extinction of the Grayzone*”

DABIQ Magazine n°12 (2015) “*Just Terror*”

DABIQ Magazine n°13 (2016) “*The Radifah from ibn Saba’ To The Dajjal*”

DABIQ Magazine n°15 (2016) “*Break the Cross*”

ESPOSITO, John L, (2015) “*Islam and Political Violence*” in Special Issue Religion and Violence, Vol.6 Issue n°3 pp. 1068-1070 , 1073-1074.

GAMBHIR, Harleen K. (2014). “*Dabiq: The strategic messaging of the Islamic State*”. Institute for the Study of War pg. 2-8

GARTENSTEIN-Ross, FRITZ,D., MORENG .J, B., & Barr, N. (2015)” Islamic State vs Al Qaeda”. New America, pp. 5-16

GILLUM, Joshua (2010) “*Is Islam Peaceful or Violent: Comparing Islam and Christianity to Reveal the Propaganda of Terrorism*”, University of Arkansas at Monticell, Paper presented to: April 2010, Midwest Political Science Association Annual Conference, pp. 3-9

GUNARATNA, Rohan (2005) “*Ideology in Terrorism and Counter-Terrorism: Lessons from Combating Al-Qaeda and Al Jemaah al Islamiyah in Southeast Asia*”, CSRC discussion paper 05/42

GUNARATNA, Rohan (2006) “*Ideology in Terrorism and Counter Terrorism: Lessons from Al-Qaeda*” in “*The Ideological War on Terror: World-wide Strategies for Counter-Terrorism*” pp.21-34

JONES G. Seth e DOBBINS James (2017) “*The End of a Caliphate*” in Global Politics and Strategy, Vol.59, Issue 17, pp. 55-69

KLAUSEN, Jytte (2015). “*Tweeting the Jihad: Social Media Networks of Western Foreign Fighters in Syria and Iraq*”. En *Studies in Conflict & Terrorism*, 38(1), pp.1-22

NESSER, Peter, “*How did Europe’s Global Jihadis Obtain Training for Their Militant Causes?*”, *Terrorism and Political Violence*, vol. 20, n° 2, 2008, pp. 234-256

QUIGGIN, Tom (2009) “*Understanding Al-Qaeda’s Ideology for Counter Narrative Work*”, in *Perspectives on Terrorism: a Journal of the Terrorism Research Initiative*, vol3, Issue 2, August.

ROSS-Daveed Gartenstein, Jason Fritz, Bridget Moreng, Nathaniel Barr (2015) “*Islamic State Vs. Al-Qaeda Strategic Dimensions of a Patricidal Conflict*”, *International Security*, New America, pp-6-14.

RUMIYAH Magazine nº1 (2016) “*Stand and Die- Upon That for Which Your Brothers Die*”

STANTON, Andrew , THART, Amanda , SHAKARIAN, Paul (2015) “*Mining for Causal Relationships: A Data-Driven Study of the Islamic State*” Arizona State University , pp.1.

WEBGRAFIA

AL- ADNANI, Abu Muhammad, (2014) “*This Is the Promise of Allah*”, 19 de junho.

Disponível em https://archive.org/details/ThisIsThePromiseOfAllah_201603 (visitado em 23/02/2016)

BARANIUK, Chris (2015) “*Artificial Intelligence decodes Islamic State strategy*”, 6 de agosto.

Disponível em <http://www.bbc.com/news/technology-33804287> (visitado em 15/09/2016)

BERTRAND, Natasha (2015) “*Revealed: The Oil Middlemen Between the Syrian Regime and ISIS*,” Business Insider, The Telegraph, 26 de abril de 2016.

Disponível em: <https://www.businessinsider.com/assad-oil-isis-2016-4> (visitado em 01/07/17)

BERTRAND, Natasha (2016) “*Assad reportedly struck an ominous deal with ISIS to recapture Palmyra*”, 2 de maio.

Disponível em <https://www.businessinsider.com/assad-isis-palmyra-2016-5> (visitado em 30/06/2016)

BERGER, J. M. (2014) “*How ISIS Games Twitter*,” in The Atlantic, 16 de junho.

Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-iraq-twitter-social-media-strategy/372856/> (visto em 12/05/2017)

BURKE, Jason (2016) “*A more dangerous long-term threat: Al-Qaeda grows as Isis retreats*” in The Guardian, 29 de dezembro.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/29/a-more-dangerous-long-term-threat-al-qaida-grows-as-isis-retreats> (visitado em 21/03/2017)

BYMAN, L. Daniel (2018) “*What happens when ISIS goes underground?*” in Brookings, 18 de janeiro.

Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2018/01/18/what-happens-when-isis-goes-underground/> (visitado em 30/06/2018)

ENGEL, Pamela (2016) “*Assad's master plan is working — and now he's entrenching himself even deeper*” Article Business Insider, 6 de abril de 2016.

Disponível em: <https://www.businessinsider.com/assad-fighting-isis-in-syria-2016-4>
(visitado em 17/09/2017)

ENGEL, Palmela (2015) “ ‘*It's similar to North Korea: Inside ISIS's sophisticated strategy to brainwash people in the 'caliphate'*” in Business Insider, 28 de novembro.

Disponível em: <https://www.businessinsider.com/isis-propaganda-strategy-2015-11>
(visitado em 12/07/2016)

FLETCHER, Holly (2008) “*Egyptian Islamic Jihad*” in Council on Foreign Relations, em 20 de maio de 2008.

Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/egyptian-islamic-jihad> (visitado em 16/12/2017)

HABECK, Mary (2014). “*Attacking America: Al Qaeda's Grand Strategy in its War with the World*” in Foreign Policy Research Institute, 18 de fevereiro

Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2014/02/attacking-america-al-qaedas-grand-strategy-in-its-war-with-the-world/> (visitado em 24/09/2017)

HENMAN, Matthew (2014) “ ‘*Syrian military and ISIS have been 'ignoring' each other on the battlefield*” IHS Jane's Terrorism and Insurgency Centre - Jane's Intelligence Review, 11 de dezembro.

Disponível em: <https://www.janes.com/article/46898/syrian-military-and-isis-have-been-ignoring-each-other-on-the-battlefield> (visitado em 03/09/2016)

JONES G. Seth e DOBBINS James (2017) “*Why a Dying Islamic State Could Be an Even Bigger Threat to America*” RAND Corporation, 13 de março

Disponível em: <https://www.rand.org/blog/2017/03/why-a-dying-islamic-state-could-be-an-even-bigger-threat.html> (visitado em 12/04/2017)

KANG, Jay Caspian (2014) ‘‘ *ISIS’s Call Of Duty*’’ in The New Yorker, 18 de setembro.

Disponível em: <https://www.newyorker.com/tech/annals-of-technology/isis-video-game> (visitado em 18/11/2016)

KIKPATRICK, David, Ben Hubbard e Eric Smith (2015) ‘‘ *ISIS Grip on Libyan city Gives it a Fallback option*’’ in The New York Times, 28 de novembro de 2015.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/11/29/world/middleeast/isis-grip-on-libyan-city-gives-it-a-fallback-option.html> (visitado em 27/07/2017)

JIHADODOLOGY (2017) ‘‘ The Islamic State: ‘‘Campaign of the Banner – Wilāyat al-Barakah’’’, 5 de novembro de 2017

Disponível em: <https://jihadology.net/2017/11/05/new-video-message-from-the-islamic-state-campaign-of-the-banner-wilayat-al-barakah/> (visitado em 18/12/2017)

JIHADODOLOGY (2015) ‘‘*Message From Those Who Excuse To Those That Do Not Excuse – Wilāyat Nīnawā*’’ , 8 de março de 2015

Disponível em: <https://jihadology.net/2015/03/08/new-video-message-from-the-islamic-state-message-from-those-who-excuse-to-those-that-do-not-excuse-wilayat-ninawa/> (visitado em 13/10/2017)

KOVENSKY, Josh (2014). ‘‘*ISIS’s New Mag Looks Like a New York Glossy—With Pictures of Mutilated Bodies*’’ in The New Republic, 25 de agosto de 2014.

Disponível em: <https://newrepublic.com/article/119203/isiss-dabiq-vs-al-qaedas-inspire-comparing-two-extremist-magazines> (visitado em 12/03/2017)

MALIK Shiv e Chris Stephen (2015) ‘‘*English Speaking Female Jihadis in Lybia Issue Islamic State call to Arms*’’ in The Guardian, 27 de setembro de 2015.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/27/english-speaking-female-jihadis-libya-islamic-state> (visitado em 03/03/2018)

MCFATE, Jessica Lewis, KAGAN, Kimberly, KAGAN, Frederick W. (2014) “ A Strategy to Defeat the Islamic State” in Critical Threats, 12 de setembro.

Disponível em: <https://www.criticalthreats.org/analysis/a-strategy-to-defeat-the-islamic-state> (visitado em 17/11/2016)

MULTINE, Anna (2012) “*Top 3 Reasons Why Al-Qaeda is More Dangerous Than Ever*” in The Christian Science Monitor, 1 de maio de 2012.

Disponível em: <https://www.csmonitor.com/USA/Foreign-Policy/2012/0501/Top-3-reasons-why-Al-Qaeda-is-more-dangerous-than-ever/Al-Qaeda-s-new-leader-is-good-at-what-he-does> (visitado em 11/11/2017)

VINOGRAD Cassandra e Ammar Cheikh Omar (2014) “*Syria, ISIS Have Been ‘Ignoring’ Each Other on Battlefield*”, Data Suggests, in NEWS, 11 de dezembro de 2014.

Disponível em: <https://www.nbcnews.com/storyline/isis-terror/syria-isis-have-been-ignoring-each-other-battlefield-data-suggests-n264551> (visitado em 09/09/2017)

WOOD, Graeme (2015) “*What ISIS Really Wants*”, in The Atlantic, 15 de março de 2015.

Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2015/03/what-isis-really-wants/384980/> (visitado em 15/10/2017)

Documentos oficiais:

International Crisis Group, Understanding Islamism, Middle East and North Africa Briefing N° 37, Cairo/ Bruxelas, 2 de Março de 2005 (www.crisisgroup.org).

ANEXOS

Análise de Conteúdo da Revista DABIQ Edição 11															
Edição	11														
Data	?														
Páginas	66														
Artigos	FOREWORD														
	6 THE ALLIES OF AL-QĀ'IDAH IN SHĀM: PART 4														
	10 THE EVIL OF DIVISION AND TAQŪD														
	16 THE "MAHDĪ" OF THE RĀFIDAH: THE DAJĀL														
	18 WALĀ' AND BARĀ' VERSUS AMERICAN RACISM														
	22 THE DANGER OF ABANDONING DĀRUL-ISLĀM														
	24 FROM THE PAGES OF HISTORY														
	28 ISLAMIC STATE REPORTS														
	36 HIKMAH														
AMONG THE BELIEVERS ARE MEN															
Análise por Artigo															
Edição	Artigo	Religião		Governança				Estratégia		Ações Militares				Propaganda/Videos	
11	Página	Formação	Contestação	Política	Economia	Social	Outro	Interna	Externa	Guerrilha	Terror	Heroísmo	Ordens	Pacífica	Violenta
	4		X (1)												
	5								X (2)						
	10	X (3)													
	15														X
	16		X (4)												
	18		X (5)												
	22	X (6)													
	24		X (7)												
	28									X	X				
	34										X (8)				
	36	X													
	38											X			X
	40	X (9)													
	46		X (10)												
	56							X							
	60							X (11)							
	64														X
	66		X (12)												
Observações															
1	Contra: Al Qaeda; Cristianismo; Xiismo; Sunitas/ISIS Paquistão, Qatar; Irão														
2	Respeita à Postura em relação a: Turquia, al-Qaeda, UK														
3	Só o Corão e os Hadith constituem fonte de verdade														
4	Contra: Xiitas/Irão e Judeus/Israel														
5	Contra: Islão moderado														
6	Apelo ao movimento de refugiados para o "Estado Islâmico" e não para o Ocidente														
7	Contra: muçulmanos nacionalistas; colaboradores com ocidentais/israelitas/al Qaeda														
8	Orientação ao Terrorismo com: uso de cinturão com explosivos														
9	Formação sobre o Papel das Mulheres piás														
10	Contra a Coligação Ocidental, Irão, Rússia, Gov Sírio														
11	Apoio à delegação do EI na Líbia														
12	Contra: Cristão e Ortodoxos														